



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM



**DE MENINA NA RUA À MULHER DE RUA: O DITO E O NÃO-DITO
NUMA HISTÓRIA DE VIDA.**

LEILA MARIA VIEIRA MEDEIROS

RECIFE/2007

LEILA MARIA VIEIRA MEDEIROS

**DE MENINA NA RUA À MULHER DE RUA: O DITO E O NÃO-DITO
NUMA HISTÓRIA DE VIDA.**

Dissertação apresentada como requisito para cumprimento dos créditos para obtenção do título de Mestra em Ciências da Linguagem, pela Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação do professor Dr. Moab Duarte Acioli.

RECIFE/2007

M488d

Medeiros, Leila Maria Vieira

De menina na rua à mulher de rua : o dito e o não-dito
numa história de vida / Leila Maria Vieira Medeiros ;
orientador Moab Duarte Acioli, 2007.

146 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2007.

1. Análise do discurso. 2. Violência familiar. 3. Menores de rua.
4. Lingüística. I. Acioli, Moab Duarte. II. Título.

CDU 801

LEILA MARIA VIEIRA MEDEIROS

**DE MENINA NA RUA À MULHER DE RUA: O DITO E O NÃO-DITO
NUMA HISTÓRIA DE VIDA.**

Defesa Pública em 04/04/2007

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Moab Duarte Acioli (UNICAP)
Presidente

Profa. Dra. Nelly de Medeiros Carvalho (UFPE)
Membro

Profa. Dra. Wanilda Maria Cavalcanti (UNICAP)
Membro

RECIFE/2007

DEDICATÓRIA

- Aos meus pais, **Clóvis Medeiros e Luiza Vieira Medeiros**, pelo amor, carinho, dedicação e apoio nos momentos mais difíceis.
- A adolescente pesquisada “**R**”, pela disponibilidade e acolhimento, assim como por ter permitido o estudo de sua história de vida.
- A **Organização Não-Governamental**, pela acolhida e permissão para que esta pesquisa fosse efetuada.
- Aos meus queridos sobrinho(as), **Priscilla, Luan, Alice, Maria Luísa e Laís**, por me permitirem aprender nesse imenso laboratório – a vida.
- A **Stevam**, pelo carinho, dedicação e apoio durante toda a vida.
- A **Ruth e Silonita**, pelos ensinamentos tanto em vida quanto na morte.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço, de forma genuína, a **Deus**, que detém o “lugar da onipotência do silêncio” e me propiciou saúde e inteligência nessa empreitada.
- Ao Prof. Dr. **Moab Duarte Acioli**, pela atenção dispensada a minha pessoa e a este trabalho.
- Aos **meus colegas de mestrado** pelo incentivo e força nos momentos de desencanto e desalento.
- A prof^a. Dr^a. **Ivanda Martins** pela revisão ortográfica.
- Agradeço ainda a todos que de maneira direta e indireta contribuíram com esse trabalho.

Eu queria virá gente, mai ela (a mãe) não deixô. R. 16 anos.

Se eu fosse mãe eu não batia na filha. M. L. 3 anos.

RESUMO

Este estudo trata da Análise do Discurso da história de vida de uma menina na rua que se tornou dramaticamente mulher de rua. Através de uma análise dos enunciados tentou-se compreender a dimensão subjetiva da experiência de vida e os sentidos do silêncio. Isso faz parte de uma política de silenciamento e de exclusão social, tendo como protagonistas uma menina e seus familiares. Dessa forma, foi procurado um entendimento de um itinerário que se iniciou com fenômenos relacionados à gama da violência doméstica, encontrando a vítima na rua um pseudo-espço protetor. Como método, houve uma análise da respectiva história de vida de uma adolescente que frequenta uma organização não-Governamental situada no município de Vitória de Santo Antão (PE), responsável pelo cuidado com esta população. O presente estudo se caracterizou numa contribuição das Ciências da Linguagem ao fenômeno, haja vista que o produto da enunciação e do silenciamento precisa ser estudado na sua dinâmica lingüística e psicossocial, para que se possa construir instrumentos necessários à melhor atuação e prevenção do problema.

Palavras-chaves: Violência, silêncio, adolescência, biografia.

ABSTRACT

This study it deals with the Analysis of the Speech of the life history of a girl in the street that if became street woman. Through an analysis of the statements it was tried to understand the subjective dimension of the life experience and the directions of silence. This is part of one politics of silencing and social exclusion, having as protagonists a girl and its familiar ones. Of this form, an agreement of an itinerary was looked that if it initiated with phenomena related to the gamma of the domestic violence, finding the victim in the street a protective pseudo-space. As method, it had an analysis of the respective history of life of an adolescent who frequents a situated not-governmental organization in the city of Victory of Santo Antônio (PE), responsible for the care with this population. The present study if it characterized in a contribution of Sciences of the Language to the phenomenon, has seen that the product of the articulation and the necessary silencing to be studied in its linguistic and psicossocial dynamics, so that if it can construct to necessary instruments to the best performance and prevention of the problem

Key words: Violence, silence, adolescence, biography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÒRICA.....	19
1.1 TIPOS DE VIOLÊNCIA.....	19
1.2 DA ESTRUTURA SOCIAL VIOLENTA À VIOLÊNCIA NA UNIDADE DOMÉSTICA.....	26
1.3 O DITO E NÃO-DITO NUMA BIOGRAFIA	33
2. MÉTODO.....	45
2.1 CAMPO.....	45
2.2 TÉCNICA: HISTÓRIA DE VIDA.....	46
2.3 O PROCESSO DE ENCONTRO SUBJETIVO.....	46
2.4 ASPECTOS ÉTICOS.....	47
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	48
3.1 PRIMEIRA ENTREVISTA.....	48
3.2 SEGUNDA ENTREVISTA.....	65
3.3 TERCEIRA ENTREVISTA.....	76
3.4 QUARTA ENTREVISTA.....	89
3.5 QUINTA ENTREVISTA.....	93
3.6 SEXTA ENTREVISTA.....	102
3.7 SÉTIMA ENTREVISTA.....	115
3.8 OITAVA ENTREVISTA.....	120
3.9 NONA ENTREVISTA.....	126
3.10 DÉCIMA ENTREVISTA.....	131

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS.....	142

INTRODUÇÃO

*Pela linguagem o indivíduo exprime sua existência,
seus sentimentos, suas opiniões, sua maneira de
estar no mundo (Vanoye).*

De acordo com Weedwood (2002), ao se discutir do campo da lingüística, pode ser pensado em três dicotomias. A primeira aborda a diferenciação entre uma descrição sincrônica sobre a existência de uma língua em uma determinada época e uma descrição diacrônica que se preocupa com o desenvolvimento histórico e as mudanças estruturais da língua. A segunda versa sobre uma lingüística teórica como um arcabouço teórico geral para descrição das línguas e, principalmente, dirigida para o aperfeiçoamento do ensino da língua. Por fim, a terceira aborda uma microlingüística, que se preocupa com o estudo da língua “em si” (fonética, fonologia, sintaxe, morfologia, lexicologia e semântica), e uma macrolingüística, de interesse para o escopo da presente dissertação. Neste campo macrolingüístico, a língua é analisada em sua referência social, psicológica, estética e comunicativa, envolvendo, entre outros, a neurolingüística, a sociolingüística, a pragmática e a Análise do Discurso.

Considerando a Análise do Discurso (AD) como uma perspectiva macrolingüística, pode se pensar numa abordagem do pensamento complexo que a respectiva análise de uma única história de vida — um enfoque microscópico —, contenha elementos de um todo da dinâmica social. Isso se coaduna com uma abordagem do pensamento de Blaise Pascal (1623-1662), para quem todas as coisas são causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, sendo impossível

conhecer as partes sem conhecer o todo, como conhecer o todo sem conhecer as partes (MINAYO, 1999).

Trata-se da história de vida de uma menina na rua, narrada no espaço de uma organização não-governamental, e submetida à análise referida. Esta pode ser heterogeneamente conceituada. Na presente dissertação, houve escolha por aquela associada ao conceito do uso da língua pelos locutores em situações reais, o que pode incluir a elaboração de uma biografia e a sua respectiva análise científica. Portanto, este uso se caracteriza por uma atividade fundamentalmente interacional. A autora da dissertação concorda com Maingueneau (2006, p.13), quando afirma que se procura

especificar a análise do discurso como a disciplina que, em vez de proceder a uma análise lingüística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu contexto, visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social.

Não se pode deixar de apontar existirem paralelos entre esses lugares sociais e os gêneros de discurso. Os últimos podem, igualmente, ser definidos como dispositivos de comunicação socio-historicamente: os fatos diversos, o editorial, a consulta médica, o interrogatório policial, os pequenos anúncios, a conferência universitária, o relatório de estágio, entre outros (MAINGUENEAU, op. cit.) — que são trabalhados em determinado espaço social. Nesta dissertação, o nicho da pesquisa desenvolve-se, conforme já abordado, numa organização não-governamental, através da interação enunciativa entre a pesquisadora e uma adolescente em condição de menina na rua.

De acordo com Minayo (1998), o conceito de crianças na rua é o de um encontro nessa rua de um espaço principal ou secundário do cotidiano, na

garantia da subsistência e do lazer, ou de ambos, simultaneamente, concepção que merece dois esclarecimentos:

1º O estar na rua não é um atributo da pessoa, expresso em termos como “meninos de rua”, mas uma resposta circunstancial de certas crianças e adolescentes pobres a pressões da vida familiar, condições do domicílio, dinâmicas da instituição escolar, do mercado de trabalho e/ou da própria rua, o que os torna “meninos na rua”;

2º Neste aspecto, existe o uso desta rua para além da circulação, local onde, muitas vezes, elas executam atividades de mendicância, vendas de produtos (bombons, chocolates, entre outros), serviços (limpeza de pára-brisa de automóveis), além de outras práticas, muitas delas ilegal e ilícita.

Pesquisadores do Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde (CLAVES) tentam revelar a face oculta da problemática dessas crianças na rua, destacando a situação de miséria e de conflitos vividos por suas famílias. É mostrado que o fenômeno “meninos(as) na rua” gerou, na década de 90 do século XX, uma ampla produção bibliográfica, que reflete a inquietude dos intelectuais e dos movimentos sociais em relação ao processo de deterioração das instituições, das relações e das condições de vida no Brasil.

Deve-se também pensar que essa “necessidade” pode se caracterizar como um “Escola de Sofia” entre dois espaços, a casa e a rua; e dois modos distintos de experienciar a violência, seja doméstica ou social. Ironicamente, a rua pode se tornar menos perigosa.

É uma condição que possui raízes socio-históricas na formação de rendas, onde impera o desenvolvimento econômico, deixando à margem o social. Além disso, este fenômeno cresceu de forma preocupante na década de 90, pois os problemas na economia brasileira se acentuaram, penalizando ainda mais a população abaixo da linha de pobreza, vindo as políticas sociais a serem escassas e ineficientes.

Dessa forma, observa-se que o fenômeno dos “meninos(as) de rua” só pode ser entendido articulando-se macrossocialmente as dificuldades do campo e das cidades e o re-direcionamento das políticas agrícolas e industriais que fizeram com que o Brasil, nas últimas décadas, produzisse problemas de tal ordem. Por fim, encontram-se as crianças que estão nas ruas como uma questão social complexo e multifacetado, sendo uma das principais causas a estrutura e a dinâmica familiares que não conseguiram mantê-las no lar.

Segundo a autora da dissertação, analisando com mais detalhes, pode ser exposta uma tipologia de relação com este espaço, baseada em quatro tipos distintos de relação familiar:

1º. Integração em casa: Ocorre acompanhamento e apoio familiar no desenvolvimento físico e psicossocial da criança/adolescente, não havendo necessidade por parte destes buscarem algo “na” rua;

2º. Integrados na rua: A criança/adolescente percebe e sente que em casa não há comida e aconchego, indo para a rua na tentativa de encontrar o que lhes falta. Ao encontrar, “paga” um preço muito alto, com a “venda” do próprio corpo, recebendo alguns trocados que, na maioria das vezes, são repassados para os adultos a quem estão submetidas;

3º. Processo de desintegração: O espaço doméstico não transmite nem supre as necessidades biopsicológicas, havendo um processo de quebra, tanto de perspectivas quanto de alternativas, buscando-se na rua as soluções imediatas dos problemas que deveriam ser resolvidos, solucionados no âmbito doméstico;

4º. Desintegrados: Encontram-se perambulando e mendigando pelas ruas na tentativa de encontrar o “elo perdido” de suas vidas e, muitas vezes, nesse espaço há um pseudo-encontro do que lhes falta, não sendo “permitidos” outros caminhos, como o da escola, lar, família e, conseqüentemente, o da cidadania.

A história de vida da adolescente entrevistada tristemente reproduz essas “etapas”, podendo ser pensado o poder não apenas da exclusão social, mas questiona a força da exclusão familiar. Portanto, faz-se uma pergunta: os adultos não conseguiram retê-las ou as expulsaram de casa?

O sentido de estar à margem, conforme exposto acima, é que esses “meninos(as) de rua” não têm oportunidades de permanecer no seio familiar por ausência de atrativos que os “prendam” em casa, tais como brinquedos: alimentos, espaço físico e carinho por parte dos “cuidadores”. Por questões materiais e afetivas dos pais ou responsáveis em não suprir essas necessidades, existe desamparo, ficando elas à mercê de outros, que, por sua vez, não têm a cumplicidade de educar.

Ao se falar outro termo como criança “de” rua fica suposta uma identidade pseudonatural, como se houvesse uma “essência” dessas crianças que as torna miseráveis ou perigosas. Por outro lado, pensar em criança “na” rua denota um deslocamento do lugar dessa criança. Dizendo em outras palavras, fica uma estranheza já que o “lugar” de criança é “na” casa e não “na” rua. Isso implica

pensar em determinadas causas que remetem a relações existentes numa estrutura social, o que faz ver que esse “modelo ontológico” carrega uma ideologia que é denunciada criticamente por outras abordagens, como no caso, a “interacional”.

É possível, então, observar uma relação entre “problemas” familiares e condição de crianças “na” rua? Isso não faz pensar a importância do tema Violência Doméstica e da produção discursiva como *substractum* de denúncia?

Pela complexidade do enfoque, é necessário delimitar conceitualmente esse fenômeno na tentativa de criar um instrumento para assim minimizar o sofrimento dos vitimizados. Um sofrimento abafado, calado, amedrontado, acuado, contido, expresso em signos aparentemente mudos.

Mas enfim, o que dizer desses maus-tratos cometidos contra a criança e o adolescente? Quais são os tipos estudados? Dessa forma, torna-se necessário partir de uma ampla visão da violência para uma delimitação, aquela da Violência Doméstica.

Importante enfatizar que essa dissertação foi construída a partir das referências de intervenções e pesquisas nas áreas da infância e adolescência. Especificamente, questões psicossociais abordadas sob um olhar atento à produção da subjetividade, referente ao complexo tema da violência doméstica contra criança e adolescente e sua relação com a condição de morador de rua. A Ciência da Linguagem exerce fundamental aporte teórico e metodológico para se aproximar da subjetividade desse sujeito vitimizado, e elaborar uma compreensão do discurso como denunciador e estruturador de uma percepção da realidade adversa.

Nesse aspecto, o objeto desse estudo é a análise do dito e do não-dito através dos enunciados de uma história de vida de uma menina/mulher, a partir da construção sócio-histórica desta vivência nas situações de rua, e como estas foram engendradas no contexto biográfico da adolescente pesquisada.

Teoricamente, por um lado, buscou-se elaborar o conceito de violência, elencar a trajetória histórico-familiar e social da infância brasileira, elucidando a inserção do Estatuto da Criança e Adolescente no contexto sócio-jurídico, este não chegando plenamente a assistir à adolescente estudada e a desenhar o espaço microlingüístico da Análise do Discurso na sua evidência metodológica.

Nesse espaço, destaca-se o campo dos estudos da enunciação/enunciados, juntamente com a análise das políticas do silêncio. Assim, tentou-se dar visibilidade ao silenciamento nesse discurso sobre a Violência Doméstica contra Criança e Adolescente (VDCA), destacando-se o impacto avassalador do fenômeno, tanto nos aspectos físicos, psíquicos e sociais, na vida da menina/mulher.

Pensando na situação de vulnerabilidade que se encontram as crianças e adolescentes em nosso país, podem ser detectados alguns problemas: a falta de apoio e atrativos domésticos impulsionando-as a estar vinculada a outros grupos, nos quais a ausência de amorosidade foi preenchida pelo hedonismo das drogas, sendo custeado pela prostituição.

Nesse sentido, o objetivo geral da presente dissertação foi a elaboração de uma Análise do Discurso sobre a história de vida de uma adolescente em situação de rua. Como objetivos específicos, destacam-se, elencar a possível existência da VDCA na história de vida, a partir da situação da adolescente vitimizada; analisar

o dito e o não-dito no discurso de adolescente em situação de rua acerca de sua biografia; compreender a partir dessa Análise do Discurso, o texto e o contexto da relação da adolescente com seu grupo familiar; e destacar os tipos e os sentidos do silêncio no discurso de adolescente sobre sua experiência de VDCA.

A justificativa se fundamenta em pensar na contribuição social da Ciência da Linguagem para o entendimento da história de vida de uma menina “na” rua que se torna mulher “de” rua. Uma metáfora para a prostituição, precocemente exercida na condição de adolescente, que permite questionar as relações entre a vida fora de casa com a existência de formas de violência doméstica.

A relevância da Análise do Discurso pauta-se por uma melhor compreensão do fenômeno, haja vista ser este discurso importante expressão da singularidade da experiência vivida pela menina/mulher, negociado na interlocução com a pesquisadora, entre censuras/não ditas e não censuras/ditas, estimulando um jogo doloroso de descobertas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Se você pouco sabe sobre o assunto, você não é o único. O abuso sexual de crianças é um tema proibido, sujo, ameaçador, desagradável. Para a maioria das pessoas uma questão muito incômoda para se debater ou mesmo para a sociedade reconhecer. Para muitos talvez o pior aspecto da questão seja o fato de que a vítima é uma criança. (Gary May).

Esta fundamentação foi composta pelos seguintes itens: tipos de violência, da estrutura social violenta à violência na estrutura doméstica e o dito e o não-dito numa biografia.

1.1 Tipos de violência:

A Violência Doméstica contra Criança e Adolescência é um processo que coloca o vitimizado no "lugar" do silêncio (Leila Medeiros).

A violência inicialmente pode ser concebida como uma construção cultural. De acordo com Junqueira (1998), o que a caracteriza em determinadas épocas e culturas distintas têm, portanto, significados historicamente delimitados. Ela pode ser perpetrada por omissão, supressão e transgressão dos direitos individuais e coletivos. Entre os principais tipos de violência existem a física, psicológica, negligência e sexual, que podem ocorrer tanto no cenário público da sociedade, como no cenário privado das unidades domésticas.

Ao conceituar o fenômeno da violência física, leva-se em conta a intencionalidade do agente agressor, o efeito do ato executado, a avaliação feita

por um observador e a fonte do critério para o julgamento do ato violento. (AZEVEDO; GUERRA, 2001).

Esta violência, por conta da respectiva “visibilidade”, esteve sob uma perspectiva de “patologização” do processo através do conceito de Síndrome da Criança Maltratada. É um termo utilizado por Lippi (1985) para caracterizar uma condição clínica em crianças jovens que sofreram sérios abusos físicos, geralmente de pais ou parentes próximos. Trata-se de uma nomenclatura que é referência nos estudos propostos sobre a VDCA.

A vulnerabilidade na infância e adolescência se constata a olhos nus, debaixo dos tetos familiares, contradizendo a regra básica de dar amor, carinho e tranqüilidade a esses seres “indefesos”. Além desta definição de violência física contra crianças e adolescentes, outro conceito patológico é elaborado por Fontana (1971, *In* Módulo 2/LACRI, p.10) ao se referir à

síndrome do maltrato na qual a criança pode ser apresentar sem os sinais óbvios de ter sido espancada, mas com evidências múltiplas e menores de privação emocional, às vezes nutricional, negligência e abuso. A criança espancada é a última fase do espectro da síndrome do maltrato.

Na realidade norte-americana, Gil (1969, *In* Módulo 2/LACRI, p.10) define que “abuso físico de crianças é o uso intencional, não acidental de força física por parte de um parente ou outra pessoa incumbida dos cuidados das crianças, tendo como objetivo danificar, ferir ou destruir aquela criança”.

Salienta-se que, às vezes, um comportamento mesmo acidental pode estar embutido de elementos intencionais inconscientes, sentido que pode ser apreendido por terceiros. Nesse aspecto, para Gelles (1979, *In* Módulo 2/LACRI, p.11), violência física é um ato executado com

intenção, ou intenção percebida, de causar dano físico a outra pessoa. O dano físico pode ir desde a imposição de uma leve dor, passando por um tapa até o assassinato. A motivação para este ato pode ir desde uma preocupação com a segurança da criança até uma hostilidade tão intensa que a morte da criança é desejada.

Para Azevedo e Guerra (2001, p.8), a violência doméstica também pode ser conceituada como abuso-vitimização física, envolvendo uma gama variada

de castigos corporais, embora a literatura seja unânime em considerar como maus-tratos duas modalidades destes castigos: os cruéis e os pouco usuais e aqueles que resultam em ferimentos. No primeiro caso estão os castigos extremos e inapropriados à idade e compreensão da criança, por exemplo, cárcere privado, treino prematuro de *toilette*. No segundo caso, estão o bater de forma descontrolada e com instrumentos contundentes.

Esta visibilidade encontrou no modelo sindrômico um referencial sógnico para a sua identidade médico-legal, a demandar medidas no campo da Saúde e da Justiça. Isso se coaduna com a leitura de Foucault (1998), presente no “Nascimento da Clínica” (1963), ao abordar que entre o significante e o significado existe uma proximidade organizada por uma ordem de discurso que em última instância é de natureza sociocultural. Assim, se na Clínica destaca-se o papel do olhar, quais outros signos podem ser deduzidos a partir do escutar, inclusive o silêncio? Isso se desdobra em formas aparentemente menos “externalizadas” do que a violência física.

Um outro tipo de violência, que apresenta uma maior “invisibilidade”, pode ser definido como psicológica ou “tortura psicológica”, quando o adulto deprecia a criança, bloqueia seus esforços de auto-aceitação, causando-lhe grande sofrimento mental. De acordo com Gil (1984), ela pode ser perpetrada de duas maneiras:

1º Negligência afetiva: Falta de responsabilidade, de carinho, de calor humano, interesse para com as necessidades e manifestações da criança;

2º Rejeição afetiva: Manifestações de depreciação e agressividade para com a criança ou o adolescente. Por se tratar de um julgamento bastante subjetivo é de difícil detecção.

Esta subjetividade torna menos transparente as repercussões da violência psicológica, muitas vezes percebida e traduzida apenas a partir de um olhar e escuta especializados. Trata-se de um abuso que se torna cada vez menos transparente e mais emudecido, quando se aproxima dos contornos traumáticos da violência sexual.

Para Deslandes (1994, p.13), violência sexual é

todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual, cujo agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicosexual mais adiantado que a criança ou o adolescente, com o intuito de estimulá-las sexualmente ou utilizá-las para obter satisfação sexual. Nesses casos, além das lesões físicas e genitais sofridas, o que se mostra mais “visível”, os vitimizados sexualmente tornam-se mais propensos a outros tipos de violência, aos distúrbios sexuais, ao (ab)uso de drogas, a prostituição, à depressão, ao suicídio, a contrair doenças sexualmente transmissíveis, HIV e gravidez.

Este tipo de violência é definido como um fenômeno que pode reproduzir-se em termos de um verdadeiro “ciclo de violência”. Embora vitimize meninos, tem na mulher-criança-adolescente sua vítima mais freqüente, o que faz da menina/mulher entrevistada na presente pesquisa um sujeito propenso a vitimizações. Origina-se no seio familiar e se “auto-eco-produz”, não havendo etnia, credo religioso, nem classe social imune.

O conceito de “auto-eco-produção” fundamenta-se em Morin (2002, p.61) e quando inserido no fenômeno da VDCA está correlacionado com o movimento ininterrupto de abuso/vitimização ecoando entre “quatro paredes”. Dito de outra forma, no âmbito doméstico, a violência, como cíclica, ecoa (no sentido de ecoar, de se perpetuar) e se (auto)produz à medida que o silêncio perdura quando da não denúncia aos órgãos e autoridades competentes.

Ainda em relação à violência sexual, as pessoas que quando crianças foram vitimizadas tendem a repetir a situação de abuso com seus filhos. Isso é corroborado por Castro Neto (1994, p.219) ao afirmar que “geralmente, essa pessoa, possui história de abuso sexual em sua infância”.

Em se tratando de dados, o Ministério da Justiça no Brasil registra, por ano, cerca de 50 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes. (BRASIL, 2002). É salientado que os números oficiais não representam o total de casos, pois grande parte das agressões ocorre dentro de casa e não é notificado pelo Pacto de Silêncio no seio familiar.

As contribuições do Laboratório da Criança do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (LACRI/IPUSP), representadas por Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, e formado por profissionais que têm sido pioneiros no tema VDCA no Brasil, trouxeram à tona a discussão do fenômeno do “crime perfeito”. Este envolve pessoas menores de idade que são vítimas de abuso sexual no lar.

É praticado por alguém da relação de consangüinidade com a vítima, ou então, de afinidade ou de mera responsabilidade e que, portanto, esteja impedido, em função do vínculo, de contrair matrimônio com ela. Num dos casos mais

graves, trata-se, portanto, daquilo que Houaiss (2004, p.401) define como incesto, ou seja, uma “uma relação sexual entre parentes (consangüíneos ou afins) dentro dos graus em que a lei, a moral ou a religião proíbe ou condena o casamento”.

Embora esse “ato libidinoso” seja conhecido há muito tempo pela humanidade, sua caracterização como violência doméstica data apenas de 1960. As pesquisas junto a órgãos nacionais e internacionais mostram que o incesto praticado entre pai biológico e filha é o mais comum e, em seguida, o do padrasto com enteada, incluindo toques, coitos oral, anal e/ou genital. Elucida-se com Azevedo e Guerra (2001, p.27) os seguintes aspectos:

1º “Virulentamente” democrático: Ocorrem em todas as classes sociais, as etnias e os credos religiosos;

2º Recorrente: O abuso sexual doméstico se caracteriza pela reiteração (a mesma vítima é agredida várias vezes pelo mesmo agressor);

3º Fato crítico: A direção dominante do abuso é um adulto do sexo masculino agredindo uma mulher-criança-adolescente;

4º Cíclico: (Re)produz-se de uma geração à outra;

5º Grave: As conseqüências do abuso sexual incestuoso são devastadoras para a vítima.

Esta violência sexual no País teve sua expressão política na década de 90, quando este fenômeno foi incluído na agenda da sociedade civil como uma questão relativa à luta nacional pela defesa e garantia dos Direitos Humanos. Por se tratar de um fenômeno de transparência política e social recente no contexto histórico brasileiro, apresenta dificuldades em relação à conceituação, definição e

caracterização. Este fato traz implicações para o enfrentamento eficaz nas áreas da defesa/responsabilização, das políticas públicas e da legislação.

Baseando-se em referências das Ciências Humanas (OLIVEIRA, 2001; RAMOS, 1995; SANTOS, 1987; ZAGURI, 1996), pode ser dito que existem nas sociedades três formas de dominação-exploração culturais: pelo gênero, pela raça, pela idade e pela classe social:

a) O patriarcado: Legitima a assimetria das relações de gênero, com a subordinação da mulher ao homem;

b) O racismo: Permite ao branco determinar o lugar do negro na sociedade;

c) O adultocentrismo: Existe uma hierarquia entre adultos e crianças, no qual o poder deste destina-se a socializar a criança, muitas vezes transformando-a em sua imagem e semelhança;

d) O classismo: A distinção de *status* entre ricos e pobres.

Essa dominação metaforiza o poder do macho, branco, rico e adulto. Parcialmente discordando, Saffioti (1988) retira a condição de raça e coloca no topo da escala do macropoder apenas o macho branco, rico e adulto. Assim, pensar na violência sexual contra a criança e o adolescente como fenômeno socialmente democrático, implica dizer que envolve ricos/pobres e brancos/negros, e numa condição perversa, o domínio do macho e do adulto é transformado em abuso e deslocamento do papel deste abusador.

Portanto, a vitimização de crianças e adolescentes constitui-se como fenômeno disseminado exatamente porque o agressor detém pequenas parcelas de poder, sem deixar de almejar o grande poder. Essa busca incessante de/pelo

poder faz com que esse sujeito ab(use) de sua autoridade parental, o que para Azevedo e Guerra (1989) é denominado de Síndrome do Pequeno Poder.

Por sua complexidade, esse tipo de agressão é considerado endêmico, trazendo graves dificuldades e desafios à sociedade como um todo, inclusive no que diz respeito às políticas públicas. Com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como instrumento colaborador na identificação dos mecanismos e exigibilidade na identificação dos direitos constitucionais da população infanto-juvenil, abre-se espaço para denúncias e punições aos agressores. Estes, muitas vezes, não se encontram nos caminhos anônimos dos espaços públicos, mas nas frestas íntimas do espaço doméstico.

1.2 Da estrutura social violenta à violência na unidade doméstica:

O homem tem lampejos de barro e de estrela. (Leonardo Boff).

De acordo com Minayo (2004), a violência estrutural tem sido, consensualmente, considerada como desencadeante de outras violências mais específicas, tais como: a delinqüência, o crime, a institucionalização de menores infratores e a existência de menores vivendo nas ruas. São problemas observados na contemporaneidade como (re)ação em cadeia que ocorre a partir do esfacelamento da instituição denominada Família.

Isto é confirmado através da alta incidência de separações e o crescimento dos núcleos familiares monoparentais, percebendo-se que os fatores macrossociais estão na base do fenômeno, vinculados ao desemprego e alastramento da violência urbana (AZEVEDO; GUERRA, 2001). Há, portanto, um

despreparo no cuidar e prevenir a violência doméstica contra criança e adolescente, tanto por parte dos cidadãos como dos dirigentes em todas as esferas governamentais.

A violência estrutural como um fenômeno que apresenta pluricausalidades é difícil de ser conceituada e contextualizada. No entanto, diversas hipóteses são propostas para a respectiva explicação. Segundo Chauí (1984, p.90), este fenômeno é um conjunto

de mecanismos visíveis e invisíveis que vem do alto para baixo da sociedade, unificando-a verticalmente e espalhando-se pelo interior das relações sociais numa existência horizontal que vai da família à escola, dos locais de trabalho às instituições públicas, retornando ao aparelho do Estado.

Nesse sentido, Minayo e Souza (1998, p.514) esclarecem o conceito através de outro estudo teórico-metodológico, no qual a violência estrutural é apontada como um conjunto de “ações de indivíduos, grupos, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual”. Pode ser dito que esta forma de violência alcançou um caráter endêmico, sendo considerada um problema de saúde pública. Portanto, para Minayo (1994, p.146), a violência estrutural é definida como sendo aquela

que se caracteriza pelas relações de desigualdades econômica e política entre classes, grupos ou nações, mantidas pelos grupos dominantes através do uso do poder e das leis para conservarem sua situação privilegiada, como se isso fosse um direito natural.

Trata-se de uma ação coletiva que parece inerente ao modo “selvagem” de produção das sociedades capitalistas, marcado pelas desigualdades sociais, o que parece ser básica, porém não apenas a única forma de “fabricar” crianças-

vítimas. Paralelo a isso coexiste a violência inerente às relações interpessoais adulto-infante.

A naturalização da miséria, o abandono de crianças, o descaso da sociedade perante os modelos educacionais, a decadência dos sistemas de saúde pública, a fome, o desemprego, a má distribuição de renda e o não incentivo à prática da cidadania, são algumas das expressões da violência estrutural. Para Maldonado (1997, p.11-12), suas raízes

no Brasil, encontram-se no próprio período colonial, na escravidão do índio e dos africanos. Além disso, com pequenos períodos de democracia, a mentalidade oficial brasileira teve amplas oportunidades de reforçar seu caráter autoritário e violento, o que contradiz o mito de que o brasileiro é um povo pacífico.

Nessa perspectiva da violência estrutural, que ocorre na sociedade em geral, também está inserida a violência doméstica, uma espécie de desdobramento daquela. Importante frisar que este tipo de violência é polimórfico, surgindo na sociedade por meio de ações que se interligam, interagem e se fortalecem, tendo como expressão concreta, os diversos modos e métodos de coerção e dominação utilizados com a finalidade de conquistar, deter e reter poder ou obter privilégios e regalias.

Trata-se de uma forma menos visível e silenciada de violência, inclusive em dados estatísticos, estando entre as principais vítimas, crianças e adolescentes. A vulnerabilidade deste grupo se constata a olhos nus, debaixo dos tetos familiares, contradizendo a regra básica de dar amor, carinho e tranquilidade a esses sujeitos em desenvolvimento. Um esboço de compreensão sobre este tipo de violência pode ser pensado no sentido abaixo transcrito:

crueldades cometidas contra crianças pequenas fazem parte da história da humanidade, sem falar do direito de vida ou de morte dado ao pai sobre seus filhos. Somente em meados do século XIX começa a se esboçar uma preocupação com a criança, que passa a ser encarada como uma pessoa em formação. (DELGADO; FISBERG, 1990, p.112)

Portanto, o que parecia ser “natural”, começa se esboçar como uma relação entre comportamento abusivo e vitimização, podendo melhor ser entendido nos modelos de Muza (1994, p.24), assim expostos:

- 1. Modelo psicodinâmico:** resultado da interação de forças intrapsíquicas do agressor;
- 2. Modelo da aprendizagem social:** resultado de uma recíproca e contínua interação de determinantes pessoais e ambientais, onde os filhos aprendem o comportamento agressivo com os seus pais;
- 3. Modelo sócio-psicológico:** resultado da interação entre indivíduo e meio ambiente, enfocando os valores da vítima, do agressor e do meio estressante em que vivem;
- 4. Modelo sociológico:** resultado da compreensão dos fatores sociais como os principais determinantes do comportamento agressivo.

Pode se observar nesses quatro tópicos a inexistência de um modelo discursivo, mesmo este sendo possível de revelar a importância da comunicação entre vitimizadores e vitimizados, o que destaca a perfeição do crime e a estratégia do silêncio.

Observou-se, nesta dissertação, que quando da passagem do texto oral para a modalidade escrita, não só ocorreu uma “passagem do caos para a ordem”, mas “a passagem de uma ordem para outra ordem” (MARCUSCHI, 2001, p.47). Tanto na passagem do oral para o escrito quanto do texto escrito para outro escrito, o processo é complexo, pois envolve variação de registros, de gêneros textuais, de níveis lingüísticos e de estilos.

Ainda de acordo com Marcuschi (Op. cit.), a compreensão do dito e do não-dito nessa dissertação aborda regras de transformação e de idealização lingüística. Dito de outra forma, o realizado no dito foi idealizado também no não-dito e, além disso, o fato de ter falado e ter calado foi também transformador em alguns momentos da/na vida da menina na rua em processo de (de)formação social.

Considerando o discurso como uma prática social, torna-se igualmente necessário entender alguns aspectos da violência doméstica numa perspectiva a englobar uma determinada leitura da subjetividade, seja a um nível psicossocial, e igualmente da enunciação do discurso, no caso uma história de vida.

Em primeiro lugar, segundo a autora da dissertação, a violência doméstica está associada a diversos tipos de conflitos, muitas vezes difíceis de serem discutidos, outras negados, e que contribuem para a descarga de impulsos agressivos contra a criança, sendo eles: a) tensão no ambiente sociofamiliar; b) dupla/tripla jornada de trabalho; c) dificuldades financeiras; d) problemas no relacionamento conjugal (divórcio, brigas); e) envolvimento com álcool e drogas.

Do doméstico parece que se estrutura essa violência, a partir de uma reprodução das experiências de violência familiar vividas durante a infância, contribuindo para que se perpetuem as privações de cuidado e castigos imoderados. Segundo essa lógica, conforme já explicitado, “muitas crianças vítimas de maus-tratos se tornam adultos agressores”. (JUNQUEIRA, 1998, p.432).

Assim, “os pais reproduzem os modelos de educação na infância” (CARIOLA, 1995, p.160), por “terem sofrido os mesmos tipos de negligência”

(DAVILOLO; OGIDO, 1992, p.406), num cenário de “infâncias difíceis” (CASTRO NETO, 1994, p.219).

O tema estudado, a partir da década de 80, vem assumindo uma grande magnitude na sociedade à proporção que surgem serviços de orientação para atendimento às crianças e adolescentes vitimizados e às famílias abusivas. Numa perspectiva psicológica, alguns sintomas podem ser percebidos nessas crianças (GREEN, 1983): a – reduzido envolvimento com o mundo externo; b – hipervigilância; e c – hiperagressividade. Em se tratando do aspecto da causalidade dessa violência, Azevedo e Guerra (2001) apontam para as seguintes teorias:

- 1. Unidimensionais** – patologizam o agressor como doente mental ou a família, e ainda, culpam a própria vítima (modelo de vitimologia), considerando-a como sedutora, uma “ninfeta demoníaca”;
- 2. Multidimensionais** – elucidam como causa um “interacionismo-sociopsicológico” (abuso como resultante da interação de fatores do indivíduo, da sociedade e da cultura dentro da família).

Observa-se nessas duas teorias que a primeira é um discurso determinista e a segunda apresenta uma pluralidade de condicionantes, cuja hierarquia é difícil de detectar, não se captando a historicidade do fenômeno, por serem teorias sistêmicas, e não identificando como é (re)produzido nas histórias de vida de sujeitos que participam dessas famílias.

Alguns dos fatores que dificultam a suspeição dos acontecimentos são o já referido “pacto de silêncio” e a negação por parte dos agressores. Isso parece

justificar a importância teórica e social do estudo dessa linguagem tanto do dito quanto do não-dito.

Curioso é o paradoxo existente entre a extensão do problema e sua respectiva ocultação, conforme se depreende de alguns dados sobre a Violência Doméstica contra Criança e Adolescente, trazidos pelo Laboratório da Criança do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (LACRI/IPUSP, 2001):

- As meninas costumam ser as vítimas preferidas de abuso sexual;
- Há uma equivalência entre meninos e meninas, no que diz respeito à violência física;
- Enquanto o abuso físico ocorre em tenra idade (dois anos e meio) e decresce com a idade, e por sua vez, o sexual é menos freqüente em tenra idade, mas cresce a partir dos seis anos;
- A violência sexual é largamente praticada por pais biológicos e padrastos, enquanto mulheres e mães raramente estão envolvidas;
- Os agressores sexuais tiram prazer do que estão fazendo, enquanto que os físicos não;
- O abuso sexual costuma, quando denunciado, envolver a polícia e a justiça, enquanto que só atos de extrema violência física são visíveis.

O que urge em ser feito com relação à VDCA é a prevenção através do aumento da visibilidade desse fenômeno e sua retirada da clandestinidade. Somente rompendo o pacto do silêncio se terá (cons)ciência de que silenciar é também uma forma de ser cúmplice.

O fulcro, o sustentáculo do que acabou de ser descrito, é que se vive numa cultura na qual bater nos filhos sempre foi, e infelizmente continua sendo, um “direito” do poder parental, uma medida disciplinar e de educar. Há uma crença “mágica” nos benefícios da pedagogia do bater, da “psicotapa”, que tem sido transmitida intergeracionalmente de pais para filhos. Como resultado, geralmente os genitores não pensam em outras medidas pedagógicas ou preventivas.

Na segunda abordagem, a fundamentar a referência teórica, destaca-se uma perspectiva discursiva, enfatizando-se a dimensão da subjetividade presente na complexa relação entre o que foi dito e não foi dito numa determinada história de vida.

1.3 O dito e o não dito numa biografia:

Considerando que a retextualização de uma história de vida fundamenta-se numa “entrevista” entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, alguns empecilhos em torno dessa estratégia representacional são apontados por alguns metodólogos em pesquisa qualitativa. Entre eles, Minayo (1999, p.206-207) aponta para o caráter “artificial” desse instrumento pois

nas entrevistas, a produção da fala é, ao mesmo tempo, espontânea e constrangida pela situação. Levando em conta essa dupla perspectiva na produção do texto, a análise da enunciação trabalha com: a) condições de produção da palavra (...) b) o continente do discurso e suas modalidades.

Nesse aspecto, para Koch (2006, p.11), a Teoria da Enunciação postula que os “enunciados efetivamente produzidos pelos falantes de uma língua” propiciam “condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos

interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução)” e constituem um sentido para o enunciado, ou seja, “a enunciação vai determinar a que título aquilo que se diz é dito”. Importante frisar que a “par daquilo que efetivamente é dito, há o *modo como* o que se diz é *dito*: a enunciação deixa no enunciado *marcas* que indicam a que título o enunciado é proferido”.

Esta teoria teve como precursor Mikhail Bakhtin (1895-1975) e foi incrementada por Émile Benveniste (1902-1976) com o estudo da “subjetividade na língua”, tomando como base os “sistemas verbal e pronominal”. Nesta perspectiva, diferenciam-se os “pronomes da pessoa (1ª e 2ª) dos pronomes da não-pessoa (3ª) os

primeiros designam os interlocutores, os sujeitos envolvidos na interlocução (em português: eu, tu, você; nós, vós, vocês); os últimos designam os *referentes* (seres do mundo extralingüístico de que se fala) e, assim, não devem ser colocados na mesma classe dos primeiros (KOCH, op. cit., p.12).

No que tange ao Sistema Verbal, Benveniste define que há dois “planos de enunciação: o discurso e a história”. Nesta

tem-se um relato de eventos passados, sem envolvimento do locutor: é como se os fatos se narrassem a si mesmos, caracterizada pelo uso do pretérito perfeito simples, imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito e do indicativo e dos pronomes da não-pessoa (KOCH, idem).

Já no que diz respeito ao Discurso é

de ordem totalmente diversa: num determinado momento, em determinado lugar, um indivíduo se ‘apropria’ da língua, instaurando-se como ‘eu’ e, concomitantemente, instaurando o outro como ‘tu’: é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de alguma maneira (KOCH, ibidem).

Dessa forma, Benveniste (1974, p.80) pontua que a enunciação é a “colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”. Isso aproxima-se de Landowski (1989, p.222), ao afirmar que esta enunciação é o “ato pelo qual o sujeito faz ser o sentido”, e esse fazer sentido parece ser necessário para que o enunciador se caracterize como sujeito. Para que este sujeito possa enunciar (o sujeito é aquele que enuncia e o predicado é o que ou de que enuncia) faz-se necessário algumas competências (FIORIN, 2005, p.32):

- a) **Competência lingüística:** básica para produzir um enunciado: o falante deve conhecer a gramática (sistemas fonológico, morfológico e sintático) e o léxico de uma língua para nela produzir enunciados gramaticais e aceitáveis;
- b) **Competência discursiva:** engloba uma competência narrativa, que diz respeito às transformações de estado presentes em todo texto e a seu arranjo em fases de um esquema canônico que parece ser universal;
- c) **Competência textual:** concerne ao saber utilizar a semiótica – objeto em que o discurso será veiculado (por exemplo, os processos de criação de imagens no cinema e na televisão e mesmo os procedimentos de textualização em língua natural, que decorrem do caráter linear dos significantes de seus signos);
- d) **Competência interdiscursiva:** diz respeito à heterogeneidade constitutiva do discurso;
- e) **Competência intertextual:** refere-se às relações contratuais ou polêmicas que um texto mantém com outros ou mesmo com uma maneira de textualizar, como ocorre, por exemplo, na estilização;
- f) **Competência pragmática:** concerne aos valores ilocutórios dos enunciados, ou seja, relacionados ao tipo de ação implicados nos verbos;
- g) **Competência situacional:** aborda o conhecimento referente à situação em que se dá a comunicação e ao parceiro do ato comunicativo.

Destaca-se, portanto, uma abordagem em torno de uma constituição subjetiva “na” e “pela” linguagem, tendo como referência básica, o conceito de eu. Trata-se de uma capacidade do locutor se colocar como sujeito, nessa oposição eu/tu, o que se torna essencial para que “a linguagem se torne discurso” (FIORIN,

op.cit., p.41). Isso implica numa oposição fundamental entre os domínios semiótico, como teoria, e semântico, como prática de significação. Reconhecendo na frase, o enfoque gramatical na enunciação, destacam-se marcas da colocação em funcionamento da língua, caracterizando o “aparelho formal da enunciação” que, por sua vez, trata da subjetividade dos locutores (PAVEAU; SARFATI, 2006, p.179).

Nesta situação de enunciação, essas marcas podem se caracterizar como “dêixis” (do grego, exposição), sendo utilizados como estratégias de identificação linguageira dos parâmetros da situação de enunciação. Por outro lado, as “dêiticas” são compreendidas como as formas que recobrem geralmente ao mesmo tempo os indicadores pessoais e espaço-temporais (FIORIN, 2005).

Nesta dissertação, serão utilizados os “dêiticos” pessoais, ou seja, a presença do locutor e do interlocutor, considerando como enunciado uma história de vida, através da utilização da dinâmica de uma entrevista semidiretiva, cujo método permite um diálogo parcialmente estruturado. Este enfoque é amplamente abordado por Benveniste, quando se refere aos pronomes de 1ª e 2ª (protagonistas na enunciação) pessoas têm um estatuto diferente daqueles de 3ª pessoa (não-pessoa), por constituírem as marcas da situação de enunciação. Para este autor

nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o ‘eu’: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, ‘tu’ é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do ‘eu’; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de ‘tu’. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do ‘eu-tu’; essa forma é assim excetuada da relação pela qual

'eu' e 'tu' se especificam. Daí, ser questionável a legitimidade dessa forma como 'pessoa' (1995, p.250).

Já para Maingueneau (1998, p.53), a enunciação é o “pivô da relação entre a língua e o mundo”, propondo, por conseguinte, uma explicação que

não deve ser concebida como apropriação, por um indivíduo, do sistema da língua – o sujeito só acede à enunciação através das limitações múltiplas dos gêneros do discurso. Não repousa sobre um único enunciador – a interação é preponderante [...]

Trata-se, portanto, de uma crítica à uma suposta visão “monológica” em Benveniste, ao ser afirmado que o sujeito que fala não é necessariamente a instância que se encarrega da enunciação. Fundamentando-se na Análise Crítica do Discurso, de acordo com Fairclough (2001), é destacado o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, bem como em seu papel fundamental que é o de transformação social, ou não.

Entre os métodos de Análise do Discurso apontados pelo autor (FAIRCLOUGH, 2001, p.27), no campo das mudanças sociais, existem: a) análise multidimensional, relacionando mudança discursiva, social e produção textual; b) análise multifuncional, relacionando práticas discursivas com mudanças epistêmicas e o respectivo impacto nas relações e identidades sociais; c) análise histórica, focalizando a estruturação e os processos “articulatórios” na construção dos textos e da ordem do discurso; d) método crítico, no qual as relações entre a mudança discursiva, social e cultural não são transparentes para as pessoas envolvidas, nem tampouco a tecnologização do discurso.

Nesse sentido, está sendo enfocada uma análise histórica fundamentada numa ordem discursiva singular, pautada pelas fragmentações subjetivas decorrentes da condição de vida de menina na rua/mulher de rua.

Entre a ideologia e o inconsciente, não se pode deixar de mencionar Gomes (2000), quando afirma que existem certas fragmentações no discurso biográfico de meninas que vivem nas ruas. De início é ressaltado que nessa estrutura narrativa as idéias de tempo e de espaço presentes se configuram de forma imprecisa através de uma cronologia que não é linear e de ausência de limites que propiciem uma condição de permanência. Trata-se, portanto, de um discurso no qual existe uma percepção muito pessoal da história de cada um, com significados próprios e singulares que podem fazer crer ao pesquisador que se trata de um falseamento da realidade.

Esse mesmo autor (GOMES, op. cit., p.167) afirma que a

violência contra as meninas que vivem nas ruas, de modo geral, revela que os atos violentos ligados à sexualidade são vistos mais nitidamente num primeiro plano, tanto pelas meninas como por aqueles que analisam as suas falas. No entanto, se aprofundarmos mais a análise, perceberemos que, por detrás deste plano, encontra-se também uma faceta da violência estrutural, uma vez que a desigualdade entre os gêneros e as faixas etárias é também um dos reflexos de um sistema injusto.

Nesse sentido, Fairclough (2001) percebe que o discurso pode ser estilisticamente heterogêneo por causa de contradições e pressões na situação de fala. O discurso também é construído sobre proposições implícitas que são tomadas como tácitas pelos participantes e sustentam sua coerência. Esta condição de implícito pode estar associada à aparente ausência de discurso com a condição de silêncio.

Retornando a Benveniste, pode ser dito que os dêiticos pessoais são importantes marcadores na percepção ao mesmo tempo objetiva e subjetiva da interação sociolingüística, permitindo fazer da história de vida uma singular estratégia de reconhecimento de uma subjetividade construída “na” e “pela” língua. Trata-se, também, de um enfoque que permite a escuta e interpretações permeadas de sentimentos dolorosos e marcantes em toda a experiência de supostas violências sofridas pela mesma.

A Análise do Discurso teve início nos anos 60 do século XX e se constitui no espaço de questões interdisciplinares entre a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise (ORLANDI, 2000, p.19). É uma abordagem que não enfoca a linguagem apenas como sistema de signos ou como sistema de regras formais, porém destaca a importância do discurso. Este, etimologicamente, traz em si a idéia de curso, de percurso, de movimento, de onde podemos observar o ser, enquanto ser, falando. Nesse sentido, há o imbricar, muitas vezes não dito, de estratégias lingüísticas, de desejos subjetivos e de forças ocultas sociais.

Dentro da história de vida de um sujeito, observa-se e se consideram os processos e as condições de produção da linguagem bem como do discurso, que é objeto sócio-histórico em que o lingüístico intervém como pressuposto.

Nessa construção, percebe-se que as relações da linguagem são de sujeito e de sentidos com múltiplos e diversos efeitos, surgindo dessa concepção a noção de discurso como sendo o efeito de sentidos entre os locutores, tendo a língua como condição do discurso. Portanto, para melhor compreensão do sujeito em sua alteridade, é necessário entender sua língua, dando sentido e construindo sua

subjetividade. O que se coaduna com o conceito de discurso para Orlandi como sendo movimento

dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjugação e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é discurso, isto é o ritual da palavra. Mesmo o das que não se dizem! (2000, p.10)

Trata-se da materialização discursiva do encontro entre uma mestrandia em Ciências da Linguagem e uma adolescente em condição de menina na rua. Dois sujeitos e dois lugares, num tempo sincrônico a resgatar a diacronia da memória expressa no discurso e quem sabe também construída por este, na tentativa de estabelecer um ritual de comunicação, que se pretende visualizar um fenômeno para que ele possa ser formatado com melhor nitidez e compreensão por todos aqueles que o enfrentam como problema de trabalho ou grave problema na condição de vida.

Ainda segundo Orlandi (Op.cit., p.47), a Análise do Discurso visa a fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, a partir dos “gestos de interpretação” considerados como atos do domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. Pode ser dito, dessa forma, que não há uma “chave” de interpretação, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto, há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.

A partir disso, a autora em citação (ORLANDI, idem, p.26), propõe que se distinga a inteligibilidade (o sentido à língua – “ele disse isso” é inteligível), a interpretação (sentido pensando-se o co-texto) e o contexto imediato. Na tentativa

de compreender o dito, busca-se a explicitação dos processos de significação presentes no texto e a escuta de outros sentidos que possam estar ali constituídos.

A Análise do Discurso, através do dispositivo teórico e analítico visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para/por sujeitos. Objetiva ainda, expor como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido, no qual cada material de análise exige que seu analista, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, em face de questões intrínsecas à relação ouvinte-falante.

Ao tentar ouvir o sujeito, só uma parte do que é dito é acessível a ele mesmo e o que ele não diz é passível de interpretação por parte do analista de seu discurso, pois significa muito para ele, salientando que todo discurso tem dentro dele outro discurso, subentendo-se que tudo que é/foi dito é um já-dito.

Através da “chave” oferecida pela paráfrase pode ser visualizado aquilo que não se pode dizer, principalmente sobre a quebra de regras, muitas vezes tabu ou então códigos morais. O analista, ao escutar o falante, deve atentar para os diversos discursos que se dizem.

Ao se pensar discursivamente a linguagem, é considerado que o seu funcionamento ocorre no conflito entre processos parafrásticos (aqueles onde em todo dizer há sempre algo que se mantém, o dizível, a memória) e os processos polissêmicos (deslocamento, ruptura de processos de significação). E é nesse conflito entre paráfrase (matriz do sentido) e polissemia (fonte da linguagem), que os sujeitos e os sentidos se movimentam e se (re)significam, até porque a incompletude é a condição primordial da linguagem, ou seja, nem os sujeitos nem

seus discursos estão prontos e acabados, há um movimento constante do simbólico e da historicidade do sujeito, não havendo começo nem fim para o discurso. Ele tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis, a partir das posições exercidas na relação discursiva.

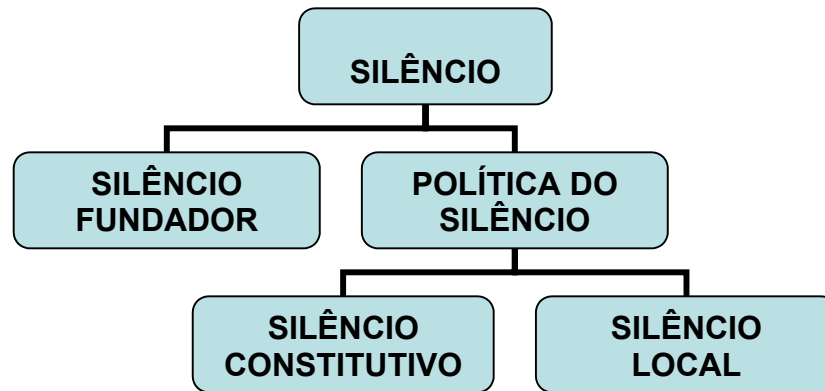
As palavras produzidas pelo sujeito dependem de sua posição ideológica até porque elas se inscrevem em sua formação discursiva, dando sentido à forma como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca.

A noção de metáfora — imprescindível na Análise do Discurso, tendo inclusive recebido influência da psicanálise lacaniana (Nasio, 1994) — é definida como a tomada de uma palavra por outra, significando “transferência” e estabelecendo o modo como as palavras significam. Esse deslocamento pode carregar imagens sobre experiências de verbalização conflituosa, havendo para o interlocutor a necessidade de redirecionamento dos sentidos.

Ainda de acordo com Orlandi (2000, p.32), dois pontos são essenciais para este entendimento:

1. O silêncio, como as palavras, tem suas condições de produção. Portanto, exatamente como as palavras, o silêncio também não é transparente. O silêncio imposto pelo opressor é uma forma de exclusão, uma forma de dominação, ao passo que o silêncio do oprimido pode ser uma forma de resistência.
2. A fala, em vários níveis, é silenciadora. Tomando como base o autoritarismo, que tem como objetivo principal não calar o sujeito, mas obrigá-lo a dizer o que se quer ouvir. (injunção ao dizer). Em determinados momentos fala-se para não se dizer certas coisas e para não se permitir que se digam coisas.

Ainda segundo essa autora (Idem, p.33), há uma subdivisão o silêncio como:



O silêncio fundador faz com que o dizer signifique e dê sentido ao que está sendo dito ou não-dito, ou seja, é como se ele fundamentasse a “expressão” do silêncio e do não-dito. No caso da VDCA, estrutura-se a cultura do “pacto do silêncio”.

Em se tratando da “política do silêncio” esta se fundamenta em duas formas: a) O silêncio constitutivo a significar que para dizer é preciso não-dizer, visto que o não-dito perpassa-o. Em outras palavras, é compreender intuitivamente que no silêncio em si existe o poder da sua expressão metafórica; b) O silêncio local como sendo o censurado, aquilo que é proibido de se dizer numa certa conjuntura. Pode se fundamentar nas experiências subjetivas e intersubjetivas que avaliam a gravidade do impacto do dizer.

A noção de silêncio se faz necessária na busca e compreensão dos sentidos, como eles são formulados e como circulam e se movimentam na vida

dos sujeitos. Através da análise do silêncio, pode-se dar visibilidade a esse espaço de interpretação, sempre entendendo a linguagem como lugar de descoberta e de várias interpretações por parte do ouvinte.

2. MÉTODO

2.1 Campo:

O campo de pesquisa é uma organização não-governamental (ONG) situada no município de Vitória de Santo Antão, Pernambuco e não será exposta em detrimento de ameaças ditas e não-ditas que poderão ser observadas na dissertação. Entidade sem fins lucrativos fundada em 1988 a partir da luta de mulheres sócias do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com o objetivo de criar espaço onde elas pudessem falar, serem ouvidas e refletirem sobre seu corpo, sua sexualidade e seus direitos. Tem como “missão” contribuir na edificação de uma sociedade que priorize a qualidade de vida e o seu desenvolvimento sustentável e como pressupostos básicos o enfoque de gênero, a promoção e o resgate da cidadania.

Dentre os projetos desenvolvidos por essa entidade filantrópica está o Educando para a Vida, com meninas e adolescentes em situação de risco e que estão nas ruas e praças da cidade. Trata-se de uma situação de vulnerabilidade psicossocial, por estarem perambulando e vivendo fora do ambiente familiar, à mercê de “outros” agressores que se aproveitam de sua exposição e fragilidade física e psíquica, para cometerem os abusos físico, psicológico e sexual.

2.2 Técnica: História de vida

Existem discussões sobre o papel da técnica da história de vida, como tendo papel complementar ao das entrevistas e da observação participante, ou tendo um lugar de destaque. Para Minayo (2004), trata-se de uma “entrevista prolongada”, na qual o pesquisador constantemente interage com o entrevistando. Um instrumento que combina observação, relatos introspectivos de lembranças, relevâncias e roteiros mais ou menos centrados em algum tema da biografia do sujeito.

Os pressupostos teóricos que validam a biografia são os mesmos, portanto, da entrevista e da observação participante. É um instrumento privilegiado para se interpretar o processo social a partir das pessoas envolvidas, na medida em que se consideram as experiências subjetivas como dados importantes que falam além e através dela.

2.3 Processo de encontro intersubjetivo:

Em agosto de 2004, a autora desta dissertação foi contratada pela referida ONG para acompanhamento psicoterapêutico às meninas vitimizadas, assistidas por essa organização não-governamental, tendo em vista ser especialista em Violência Doméstica contra Criança e Adolescente (VDCA). Com início das atividades no mestrado em Ciências da Linguagem, no ano seguinte, 2005, esse trabalho passa a ser percebido como evento comunicativo passível de análise discursiva.

As adolescentes eram triadas pelos educadores da referida instituição, para acompanhamento psicológico, a partir de rótulo de “meninas problemas”. Como a

demanda era grande, no que diz respeito aos atendimentos, muitas delas não puderam ser acompanhadas pela psicóloga-pesquisadora. O limite na disponibilidade de oferta específica e a reestruturação do tempo da pesquisadora para escrever esta dissertação, permitiram que algumas meninas estivessem apenas na condição de sujeitos de pesquisa e não de sujeitos em tratamento clínico.

Trata-se de uma limitação da realidade, entretanto, a contribuição potencial desta dissertação poderá indiretamente ser de ajuda para as meninas que não foram tratadas ou que poderão vir a sê-lo.

Foi referenciada uma adolescente de 16 anos a ser convidada a participar da pesquisa. Houve um relato por parte do educador da condição da menina de rua (prostituição, drogadição, conflitos familiares, entre outros). É uma condição comum às outras meninas, entretanto, era destacado no relato o comportamento agressivo da menina, o que poderia apresentar sentidos com o fenômeno da violência, tanto estrutural quanto doméstica.

Houve um encontro anterior às entrevistas, entre a pesquisadora, a adolescente e a coordenadora pedagógica, tendo sido acordado com a menina que as entrevistas não seriam uma atividade “tratamento”, mas sim de pesquisa, vindo ela a concordar sem relutância.

2.4 Aspectos Éticos

Nessa fase de encontro com a adolescente, houve a qualificação do projeto de pesquisa e o encaminhamento à Comissão de Ética da Universidade Católica de Pernambuco (Ofício N° 107/2005-CEP/CCS), sendo aprovado e entre os

documentos houve uma carta de anuência assinada pela genitora da referida adolescente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Primeira entrevista (29/03/2006):

Logo no início sentou-se e abaixou a cabeça, através de um gesto no qual não fitava a entrevistadora, o que igualmente pode simbolizar uma recusa a uma interação conversacional, talvez por estar ali no lugar de uma “louca”, como foi tratada pelas outras adolescentes da Organização Não-Governamental que a assistia. Foi encaminhada à psicóloga-pesquisadora, pelos educadores da instituição, como “a menina problema”, conforme já discutido.

L1. Bom dia R.

R1. Bom dia ((sentou em uma poltrona que estava em frente a mim, abaixou a cabeça e só levantou após trinta segundos, instante em que ouviu a minha primeira pergunta)).

L2. Bom, eu queria que você me contasse um pouco da sua infância, da sua história ((a entrevistanda respondeu de imediato)).

R2. Quando eu morava com meu pai aí minha madrasta mandô eu enchê garrafa, aí eu enchi, aí eu enchi uma tuia de garrafa, aí eu fiquei cansada, aí ela danô nim mim, porque eu num quii enchê o resto, aí eu contei pro meu pai e ele danô neu mai ainda, ela danô neu, aí ela me jogô nas peda, minhas costa.

A referida velocidade na fala está mais do que presente. A adolescente trouxe à tona a personagem ambígua do pai, a qual exerceu por várias vezes, o

papel de “cuidador” em sua vida, e em outras circunstâncias a agrediu fisicamente. Ao mesmo tempo, é referida outra personagem, a má(drasta) — assim percebida por conta dos posicionamentos diante da enteada — de agressões físicas, insinuações e manipulações para que o pai da adolescente também vitimizasse esta filha.

É observado que o silêncio ocorreu em breves períodos de tempo, pois a adolescente apresentou-se logorreica, através de atos incessantes de falar, com velocidade rápida, chegando a desenvolver fala simultânea com a entrevistadora e antecipando respostas, mesmo antes das perguntas serem concluídas. Também foi observada uma “não linearidade” em seu discurso, conceito trazido de Austin (1990) e que se presencia no decorrer do processo de entrevistas.

L9. Teu irmão, você e seu pai moram com essa madrasta?

R9. Eu num moro mai não, porque ela batia muito neu ((silêncio de vinte segundos)), quem mora é meu irmão só.

L10. Por que ele [continua morando?] ((fala simultânea)).

R10. [Porque meu pai num deixô ela morá comigo não].

Uma hipótese para esta observação, pode ser elaborada pensando não ter esta adolescente sido “escutada” como sujeito do seu próprio discurso, mas sim ter se constituído num “objeto” de uso e de abusos sócio-familiares. A partir da construção da história de vida, isto propiciou um relacionamento de abertura com a entrevistadora, autora desta dissertação, por conta de todos os conteúdos enunciados, alguns extremamente graves, conforme será descrito e discutido posteriormente.

Mesmo usando a Análise do Discurso como pressuposto teórico-metodológico, a autora da dissertação acredita ser importante trazer um dos conceitos primordiais da análise conversacional – “Turno da fala” – tendo em vista todo e qualquer diálogo se apresentar como “uma *alterance* de tomadas de palavra dos interlocutores” (MAINGUENEAU, 2006, p.148), entendido como o

mecanismo que rege essa alternância e, sobretudo, por metonímia, a contribuição de cada participante, cada uma de suas tomadas de palavra. (...) O estudo dos *turnos da fala* se faz de múltiplos pontos de vista: eles se cruzam ou não? Há silêncios? Há equilíbrio entre as contribuições dos parceiros? Qual é a atitude do co-enunciador em posição de escuta? Como se opera a seleção do enunciador do *turno de fala* seguinte? Por diversos sinais, os participantes podem, com efeito, indicar ou não, nas suas intervenções, quando o co-enunciador toma a palavra.

Um aspecto relevante observado no discurso da adolescente desde a primeira entrevista até a última foi a utilização dos “marcadores conversacionais”. Estes estudados por Marcuschi (1986), como sendo elementos discursivos freqüentes nos textos falados e que dão pistas importantes para os interlocutores, tendo em vista pontuarem o texto. De acordo com Koch (2006, p.123) esses funcionam como *sinais do falante*, outros como *sinais do ouvinte*. Esta autora também definiu que há marcadores típicos de progressão narrativa. Alguns são sinalizados:

- a. Início e final de segmentos tópicos, subtópicos ou quadros tópicos:
 - **Início**: ai, então, depois, aí então, depois então, agora, veja, etc.
 - **Fim**: percebeu? entendeu? viu? né? que tal? que acha? e você?
- b. Concordância, discordância, dúvida:
 - **Concordância**: tá, está bem. OK, certo, claro, evidente, sem dúvida.
 - **Discordância**: não, isso não, assim também não, não bem assim.
 - **Dúvida**: será? é mesmo? tem certeza?
- c. **Hesitação**: ah, eh, é..., uhn...

d. Início e fim de uma digressão.

- **Início:** fazendo um parêntese, desculpe interromper, mas..., antes que me esqueça, a propósito.

- **Fim:** voltando ao assunto, fechando os parênteses, voltando ao que eu (você) estava dizendo.

e. **Seqüência da narrativa:** aí, então, aí então, depois, depois então, daí.

No fragmento do discurso — “aí enchi uma tuia de garrafa aí eu fiquei cansada” —, uma compreensão do sentido, num primeiro instante, é que a garota, ao fazer os trabalhos domésticos era “forçada” a ir além dos limites físicos. Isso também significava a condição de precariedade da sua residência, por conta da falta de água encanada, acumulando o líquido em garrafas *pet* de refrigerante vazias.

A mulher do pai, exercendo uma atitude adultocêntrica, ou seja, através do exercício de poder por conta da condição de adultez, vem a coibir e a coagir a adolescente. O ato de (ab)uso indica um distanciamento da expectativa sociocultural do exercício de um poder parental, pois caracterizou-se como uma mulher que não cuidava ou protegia, mas, ao contrário, a delatava e caluniava — como fez várias vezes — impelindo o genitor a bater na própria filha.

L32. Então deixa vê se eu entendi, na hora que ela não batia, ela chamava palavrão contigo, ela chamava essas coisas.

R32. Ela só batia neu quando meu pai num tava, porque quano ele chegava ela inventava mentira, quano ele chegava ele batia de novo nim mim.

L33. Ou seja, batia ela [e batia].

R33. [Ele porque ela inventava mentira].

L34. Ela inventava mentira. Conta uma situação dessas quando ela inventava mentira?

R34. Aquela que ela me jogô nas peda, aí eu fui pro quarto chorá, depois chegô ele e ela ficô dizeno que eu num quii enchê as garrafa e ele danô neu, nas minha costa, de cinturão.

L35. E ele não viu que as tuas costas estavam vermelhas?

R35. Não porque eu tava de brusa e se eu amostrasse ele num ia acreditá mermo.

Outra forma de agressão, presente no discurso da adolescente, é o descrédito, o que pode ser caracterizado como uma forma de violência simbólica; posto que se trata, ao mesmo tempo de um não acreditar por conta de uma desqualificação do outro. De acordo com uma formulação de Foucault (1972, p.107-108) “a análise de enunciados é uma de uma série de formas de analisar desempenhos verbais”. A expressão “ele num ia acreditá mermo” da adolescente entrevistada elucida literalmente, através da análise deste desempenho verbal, o não valorizar do seu discurso, pelo genitor.

Ao ser interrogada sobre um dos eventos ocorrido entre ela e a referida madrasta, a adolescente conta que a avó paterna foi até ao filho reivindicar melhor tratamento para com esta neta, ameaçando o mesmo e a respectiva nora de colocá-los na justiça, caso isso viesse a reincidir.

L3. Ela te jogou nas pedras, como foi isso?

R3. Foi uma vei, aí minha vó foi lá, minha vó disse se ela daná neu aí ia butá ela na justiça, ela parô de daná, depois ela começô a daná de novo ((silêncio de dois minutos e doze segundos)). Uma veii deixô meu oio roxo.

L4. Teu olho. Como foi essa história do olho roxo?

R4. Por causa disso.

L5. Dessa mesma água que ela mandou você encher?

R5. Sim e depois eu tava sentada eu quii cumê e ela jogô água nas minha costa, aí eu joguei água nela também, aí ela pegô nos meu cabelo, aí eu peguei no dela, aí depois ela foi me levô pra porta e ela me jogô pra fora e puxô na minha güela, aí eu derrubei ela, aí caiu nós dua.

Mesmo eles tendo sido alertados não pararam de vitimizá-la. Nesse instante, em que narrava o episódio de ter sido empurrada nas pedras, ocorreu o primeiro silêncio — dois minutos e doze segundos — curto, porém, significativo, pois “as palavras são atravessadas de silêncio” (ORLANDI, 1995, p.14).

Entende-se que o dito — ato brutal de ter sido empurrada nas pedras — lhe fez lembrar do momento em que isto aconteceu, o que traz um sentido para este primeiro ato de silenciar, compreendido como constitutivo da subjetividade desse sujeito que, com tão pouca idade, já experienciou violências de todos os tipos, apontadas em seu discurso.

Em seguida traz à baila um outro ato violento que foi a questão do “oio roxo”, associado ao fato de ter querido comer, ou seja, ter sentido fome, uma necessidade primária e ter sido “interditada” agressivamente pela má(drasta). Ao mesmo tempo, a adolescente comunica que começaria a revidar quaisquer atos violentos remetendo a outros de violência, corroborando a tese de Azevedo e Guerra (1999) que o vitimizado será um vitimizador.

A “guerra” entre as duas — enteada e madrasta — começa a dar lugar/espço à compreensão de que em “legítima defesa” a adolescente mostra-se capaz de partir para agredir/revidar, dando vazão ao seu lado defensivo.

Sobre a mãe, existem os seguintes fragmentos narrativos:

L6. E tua mãe nessa história?

R6. Mainha, mainha tava no Rio de Janeiro.

L7. Ela continua lá no Rio?

R7. Ela já chegô ((silêncio de um minuto e dezesseis segundos)) e ainda ela fica danano no meu irmão.

L8. Ela fica dando no teu irmão? Teu irmão tem quantos anos?

R8. Ele vai completá onze.

A adolescente faz uma breve pausa ao afirmar que a mãe continua lá no Rio de Janeiro, imediatamente silencia por um minuto e dezesseis segundos. O sentido deste silêncio pode ser pensado numa superposição de duas formas de violência. A primeira, a ausência da mãe, ou seja, estar sendo negligenciada e a segunda, complementando: "e ainda ela fica danano no meu irmão", como se não bastasse apenas "estar longe", ou seja, sem cuidar dela, mas ainda se sentir no direito de bater no seu irmão, pré-adolescente de apenas onze anos. No não-dito também pode ser constatado que a ida de sua genitora para outro Estado implicou abandonar o marido e esta filha, tendo levado apenas o outro filho com este pai.

Outras formas de violência começam a ser enunciadas no discurso da adolescente, ao narrar o convívio com a mãe, com quem voltou a morar e o respectivo padrasto, o pai do filho caçula da genitora.

L48. Tu moras com eles e não falas com teu padrasto?

R48. Ele tem vei que quê pegá eu, ele queria pegá no meu negócio, ele raigô minha roupa pra pegá meu negócio.

Argumenta não gostar do jeito do padrasto, porque ele fazia “negócio” com ela. Esta palavra será repetida várias vezes durante as entrevistas posteriores, caracterizando-se pela sua polissemia. Esta se define num fenômeno distinto da homonímia, por ser a mesma palavra e não palavras com origens diferentes que convergiram foneticamente. Uma das causas da polissemia são os “usos figurados” sejam por metáfora ou metonímia; ou então, por extensão de sentido, analogia, entre outros (ILARI; GERALDI, 2005).

L11. E por que sua mãe foi para o Rio de Janeiro?

R11. Porque ela foi atraí do macho dela e eu num quii morá com ela não.

L12. Por que você não quis morar com ela?

R12. Porque eu num gostava do jeito dele ((silêncio de um minuto e trinta e cinco segundos)) porque ele fazia negócio, aí quando ela chegô do Rio de Janeiro, ela pediu pra buscá eu.

Afirmar que o padrasto queria pegar no seu “negócio”, nesta primeira conotação implica a intenção de querer molestá-la, tocá-la em suas partes íntimas. Interpretamos que este fato tenha sido bastante significativo para a mesma, haja vista o silêncio de um minuto e trinta e cinco segundos nesta primeira entrevista, corroborando ainda em Orlandi (Idem, p.31) que o silêncio faz calar, tira a palavra, é “parte da retórica da dominação (a da opressão) [...] e a retórica do oprimido”, fazendo jus ao (ab)uso da figura de autoridade — padrasto — para vilipendiar e perpetrar atos abusivos enquanto exercendo o poder do macho, adulto e homem diante de uma menina que, não tendo alternativa de moradia, foi obrigada a habitar com esse sujeito.

Presencia-se nesse fragmento discursivo um momento de silêncio que conceituamos como o real do discurso, o “silêncio fundante” que “é a matéria significativa por excelência, um *continuum* significativa. O real da significação é o silêncio” (ORLANDI, *ibidem*, p.31).

Igualmente está sendo apontada outra questão trazida pela menor. Em qualquer ambiente que tivesse — casa do pai, da mãe e da madrinha — seria vítima do já referido adultocentrismo: o (ab)uso do poder do adulto enquanto ser com maior força corpórea exercido como dominância.

Em se tratando da existência de outros irmãos, aborda:

L14. Tens só esse irmão ou ela tem outros filhos?

R14. Tem só um cum meu pai e um filho dela ((silêncio de um minuto e cinqüenta e oito segundos)).

A mãe “separou-se” da adolescente, naquele momento anterior, e esta “divide” os irmãos em dois tipos: os que são “filhos do pai” e o que é “filho-da-mãe”.

De acordo com o Hoauiss (2001), este substantivo masculino é um eufemismo para um outro termo chulo. Este silêncio de um minuto e cinqüenta e oito segundos talvez signifique que este “outro” filho não fosse seu verdadeiro irmão, sendo apenas “filho-da-mãe”, aquele filho preferido da genitora na maior parte dos seus ditos e não-ditos.

Segundo a narrativa da adolescente, como é o modo de interação com a genitora?

L15. E como é o teu relacionamento com essa mãe agora depois que tu foste morar com ela?

R15. Eu num falo muito com minha mãe ((silêncio de um minuto)) normal, é a vida da gente. Ela só fai arengá comigo ((silêncio de um minuto e quarenta e sete segundos)).

L16. Como é essa arenga?

R16. ((silêncio de quarenta e nove segundos)) quando eu faço negócio errado, aí ela arenga.

L17. Como é essa arenga?

R17. Como assim?

L18. Como é que ela arenga contigo quando tu fazes um negócio errado?

R18. Quando ela arenga.

L19. Reclama, bota de castigo, tu podes contar como é esse castigo?

R19. Ela recrama muito.

L20. E ela diz o que quando ela reclama?

R20. Ela diz que se eu fizé de novo ela vai daná neu ((silêncio de um minuto e dezoito segundos)).

Quando é perguntado sobre o relacionamento dela com a mãe, pode ser tipificado, numa primeira perspectiva, como “silencioso”. Entretanto, não se trata de um silêncio harmônico, muito pelo contrário. A adolescente afirma “num falo muito com minha mãe” e logo em seguida silencia por aproximadamente dois minutos, o que também está atravessado entre palavras, permitindo considerar como uma forma de implicatura entre “não falar com a genitora” e isso ser

“normal”. Ainda segundo Ilari e Geraldi (Op.cit., p.88), implicatura é um conceito que remete a “um sentido derivado, que se atribui a um enunciado a partir da constatação que seu sentido literal seria irrelevante na situação”. Trata-se, portanto, de algo grave relacionar como “normal” a ausência de diálogo com a personagem da mãe.

Em um silêncio de um minuto e quarenta e sete segundos, a adolescente complementa: “Ela só fai arengá comigo”. Esta “arenga” presume-se estar associada à reclamação, desobediência e rejeição.

Ao ser indagada do por que a genitora ter ido para o Rio de Janeiro, responde:

R11. Porque ela foi atraí do macho dela e eu num quii morá com ela não.

L12. Por que você não quis morar com ela?

R12. Porque eu num gostava do jeito dele ((silêncio de um minuto e trinta e cinco segundos)) porque ele fazia negócio, aí quando ela chegô do Rio de Janeiro, ela pediu pra buscá eu.

Numa perspectiva da sintaxe, o termo “negócio” é colocado como objeto direto do verbo fazer, conjugado no tempo de pretérito imperfeito, ou seja, de uma ação ocorrida no passado e que parecia continuar existindo no presente (“fazia negócio”). Num sentido semântico, conforme já visto, subtende uma provável ação de molestar sexualmente, por este mesmo padrasto, que passou a morar com a genitora desde a primeira infância da adolescente. Essa separação está relacionada com a agressão física à menor, quando da visita à mãe e ao companheiro. Existe a lembrança do pai a ter espancado.

L24. Tu lembrás mais ou menos que idade tu tinhas quando isso aconteceu?

R24. Parece que tinha seis ou sete ano, porque minha mãe morava com o macho dela e eu fui avistá, aí ele danô neu por causa disso, porque ele ((o genitor)) não gostava dele, aí por isso que ele danô neu.

Conceituando o termo inferência como uma perspectiva da lingüística pragmática pode ser entendido que certos enunciados

têm a propriedade de implicar outros. Assim, quando se diz *João é meu sobrinho*, esse enunciado implica *Sou tio de João*; quando se afirma *Se tivesse chovido, não haveria falta de energia*, essa afirmação implica que *Não choveu e há falta de energia*. Essas implicações derivam dos próprios enunciados e, portanto, não exigem, para que sejam feitas, informações retiradas do contexto, da situação de comunicação (FIORIN, 2002, p.168).

Há duas inferências que podem ser destacadas do que enuncia a adolescente. A primeira ao tratar o padrasto como o “macho dela” (da mãe), permite observar que não se refere a ele como “tio” ou mesmo “padrasto”, mas como um parceiro de atividades sexuais que não é da adolescente e sim da genitora. A segunda inferência é sobre a idade de “seis a sete ano” guardada na memória da surra que levou do pai, supostamente traído pela mãe, e em cujas visitas da filha à nova casa pode ter ocorrido algum “negócio”.

Este último termo aparece com outro sentido, quando a adolescente aborda que seu pai não lhe bateu vezes “outra não”, mas que existem algumas “histórias” dela com a sua madrasta.

L26. Mas essas histórias da madrasta, você consegue lembrar com muito mais [por quê]?

R26. [Porque ela num vai nem com a minha cara e eu tamém num vou com a dela].

L27. Por que será que ela não vai com a tua cara?

R27. E eu seio.

L28. E tu por que não vais com a cara dela?

R28. Porque ela num vai com a minha, porque quando painho comprava negócio pra mim ela queria que ele comprasse só pra ela.

L29. Pelo visto essa madrasta machucou você não foi?

R29. ((chorou por três minutos)).

L30. Ela chegava a falar coisa feia contigo?

R30. Ela chamava nome comigo.

L31. Quais nomes?

R31. Chamava aquele nome desgraça, era bom que eu morresse, aí eu dizia: é tu, era bom que tu morresse.

Em primeiro lugar há uma reciprocidade de antipatias, iniciada pela madrasta, na visão da adolescente, e motivada pelo fato do pai comprar “negócios” (provavelmente peças de vestuário, sapatos, entre outros) para ambas e não apenas para a madrasta.

Neste fragmento de discurso surge um choro de três minutos ao se referir à violência psicológica perpetrada contra a mesma quando a madrasta a chama de “disgraça” e expressa o desejo de que a adolescente morra. Este tipo de abuso é muito marcante e doloroso. Entretanto, vivido em silêncio pela vítima é de difícil detecção, segundo as estudiosas no assunto Azevedo e Guerra do Laboratório da Criança do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Um outro aspecto mobilizador da afetividade está expresso na idéia de que a história de vida, ao utilizar entrevistas semidirigidas com questões abertas, propicia aquilo que Turato (2003, p.319) define como “revisão da vida pessoal”, um movimento que envolve as personalidades “do entrevistado e do entrevistador, revistas inevitavelmente enquanto participantes de uma relação provocadora de exame de conflitos e frustrações pessoais”. Trata-se do início de uma narrativa fortemente marcada pelos “choros chorados e não chorados”, a provocar impactos nos sujeitos que virem a lê-la.

Esta palavra “nome”, associada à “disgraça”, pode ser interpretada como contrário de “dar as graças”, ou seja, de “abençoar”, sendo, portanto, um sentido para “maldizer”, ou então, “amaldiçoar”. Entre esses movimentos de sentidos, expressar o desejo de morte para a já fragilizada menina soma-se à gama de agressões, inclusive na criação das referidas situações, nas quais a (má)drasta “inventava mentira” para que o pai tomasse atitudes de espancá-la.

E nessa relação do dito com o não-dito é presentificado o funcionamento do silêncio, como que atestando o movimento do/no discurso da menina, em breve “mulé” precocemente tornando-se profissional do sexo.

Atrelado aos comentários tecidos acerca do padrasto, a adolescente (re)visita e descreve o abuso/vitimização sexual sofrido por um tio materno e como procedeu a genitora diante da entrevistanda:

L50. Qual o teu sentimento para com ele, esse homem Judas ((nome fictício atribuído ao padrasto da adolescente))?

R50. Nada, eu num gosto dele também não.

L51. Por essas coisas?

R51. De primero eu brincava com ele mai agora eu num brinco mai não ((silêncio de um minuto e dezessete segundos)) porque quando eu tô assistino, aí ele vira a televisão pro quarto, ele brinca com os oto e depoi fica dizeno negócio comigo, fica arengano, ficava dizeno é... Sai da minha casa minina chata. Eu só saio da sua casa quando minha mãe sair. Ele disse que era pra eu arranjá um macho pra sair da casa dele. Quano ele tava bebo, ele ficava dizeno: minina feia, chata ((choro e silêncio por cinqüenta e quatro segundos)) ficava dizeno negócio no meu ovido, vamo ali, num sei aonde, bora ali. Meu tio que ficava bulino neu, queria pegá os oto a puso, ele me acordava fazeno cosquinha aqui ((apontou para a vulva)) ficava me alisano no corpo todo, aí eu saia.

L52. Tu falaste isso com alguém?

R52. Com minha mãe ((silêncio de um minuto e nove segundos)).

L53. E ela?

R53. Ficô calada, ela disse que num era pra eu dizê nada a ninguém e nem dormir de noite quando tio tivesse ((choro e silêncio por um minuto e seis segundos)).

L54. Qual o teu sentimento para com esse tio?

R54. ((não conseguiu falar por um tempo de três minutos)). Uma veii ele disse que eu gostava de um minino, ele danô neu e ia daná no minino porque eu tava perto da zona, ele disse que eu era arrombada.

L55. E o que é ser arrombada?

R55. É se mulé ((ao responder a minha pergunta me olhou com surpresa, como se tivesse se perguntando: Ela não sabe o que é ser arrombada?)).

A obviedade no sentido da associação de que ser mulher é ser “arrombada” faz com que a adolescente expresse uma entonação de surpresa diante da falta de compreensão, sobretudo nesta lógica. Identifica-se também um conflito entre o

conceito da entrevistadora e o da adolescente entrevistada, ou seja, a entonação é de surpresa em relação ao fato de não ser natural a associação entre “ser mulher” e ser “arrombada”.

Além do sofrimento físico (sexual) e psicológico foi obrigada a permanecer acordada como sendo vigilante dela mesma, ao invés de ter acontecido a interdição do ato incestuoso, ela necessitou não apenas não-dizer, mas também não dormir.

Nesse aspecto, Orlandi (1995) escreve que na condição de movimento, os sentidos do silêncio são partes da experiência no processo constitutivo desse sujeito. Dito de outra forma, o descrédito da mãe diante da denúncia que a adolescente estava sendo abusada sexualmente pelo tio parece demonstrar que o silêncio é reflexo de uma palavra desqualificada, já que outras pessoas poderiam não lhe dar crédito, restando apenas a tensa condição de não poder dormir.

Em síntese da primeira entrevista, considerando os verbos em relação ao EU são destacados enunciados relacionados à:

- 1 - Moradia incerta (R1: morava *cum* meu pai; R6: não moro com a mãe *mai* não).
- 2 - Trabalho doméstico estafante (R2: *enchê* garrafas; R2: fiquei cansada).
- 3 - Recusa em fazer este trabalho (R2: Não *quii enchê* o resto).
- 4 - Choro (R34: fui pro quarto *chorá*).
- 5 - Agressividade em relação à madrasta (R5: joguei água; R5: derrubei ela).
- 6 - Busca de apoio do pai (R2: contei pro meu pai).
- 7 - Contrariar a genitora (R9: faço negócio errado).
- 8 - Assédio e conflitos com um dos amantes da mãe (R12: não gostava do jeito dele; R51: antes eu brincava *cum* ele; R51: não brinco *mai* não; R51: *tô assistino*

televisão — ele vira o aparelho —; R51: só saio dessa casa quando minha mãe sair;).

No caso do TU, não existe nenhuma referência verbal, apontando, talvez, mais para um monólogo do que um diálogo com a pesquisadora.

No caso do tempo e contexto do silêncio na primeira entrevista, foram encontradas as seguintes situações das mais para as menos demoradas:

1º (R54: 3m) Ao narrar acerca do tio materno que a “acusa” de gostar de um menino e que por conta disso estava “arrombada”.

2º (R3: 2m12s) Comprovada violência física e psicológica da genitora, quase coibida pela avó materna.

3º (R14: 1m58s) Na explicação de quantos filhos tem a mãe, a adolescente silencia.

4º (R15: 1m47s) Ao narrar o silêncio da genitora para com a adolescente, esta também silencia.

5º (R12: 1m35s) Diante da presença de um dos amantes da genitora, a menina/mulher se cala.

6º (R12: 1m35s) Ao narrar o jeito do amante da mãe que fazia “negócio” com a menina.

7º (R20: 1m18s) Em situação de ameaça de violência da genitora.

8º (R51: 1m17s) Ao afirmar que anteriormente brincava com o amante da genitora.

9º (R7: 1m12s) A genitora chegou do Rio de Janeiro e continua vitimizando a adolescente.

10° (R52: 1m9s) Ao relatar à genitora, os abusos sexuais sofridos pelo tio materno.

11° (R53: 1m6s) Na ausência de uma tomada de posição por parte da mãe quanto ao tio materno.

12° (R51: 54s) Ao ouvir “minina feia, chata e negócio no meu ovido” da parte de um dos amantes da mãe.

13° (R16: 49s) Fazer “negócio” errado silencia a menina.

Concluindo a discussão da primeira entrevista, elencam-se alguns dados significativos na vida da menina/mulher na/de rua: o abuso sexual perpetrado pelo tio materno, as vitimizações e maus-tratos, assim como os atos abusivos sofridos. Pela falta de diálogo com a genitora e o silenciamento da mesma, a adolescente é obrigada a estar/permanecer no lugar de alguém sempre silenciado.

3.2 Segunda entrevista (05/04/2006):

A segunda entrevista se inicia com o discurso trazido pela adolescente através das lembranças da infância quando era vitimizada fisicamente pela mãe, principalmente ao pentear os cabelos para ir à escola. Relata também que o genitor batia, mas a mãe a espancava mais do que este. Sofria agressões com pau, sandália, fio e tudo o mais que a genitora encontrasse em sua frente. Era demonstrada uma atitude que além de violenta, era de dominação do adulto em detrimento a uma criança – adultocentrismo – que na imposição da força física coagia a menina a pentear os cabelos, difíceis de fazê-lo por serem crespos.

L1. Descreve um pouco a tua infância.

R1. Eu me alembro que eu apanhava muito, é isso que me alembro. Todo dia quando eu ia pro colégio.

L2. Tu apanhavas?

R2. Huum e então, a senhora nem imangina.

L3. Da tua mãe ou do teu pai?

R3. Sim, dos doi, mai mãe batia mai neu.

L4. E ela te batia com que?

R4. Todo dia ela danava neu cum pau, sandália, chicote, fio, tudo que ela encontrasse fácil e tombem porque eu num queria penteá o cabelo ((os cabelos da entrevistanda são crespos)).

L5. Então tu apanhavas por duas coisas, primeiro porque não queria ir à escola e segundo porque não gostava de pentear o cabelo?

R5. ((silêncio de um minuto e cinqüenta segundos até ouvir a próxima pergunta)).

L6. Por que você não gostava de pentear o cabelo?

R6. Porque quano ela penteava doía, ela puxava muito ((choro)) aí depoi eu disse a ela. Quando foi depoi ela fei medo a eu porque disseram que o pastor queria coisá com a minina, queria c..... a minina.

Antes de analisar o dito no discurso da adolescente, faz-se necessário comentar sobre o uso de palavras utilizadas pela entrevistanda, tais como: “alembro, imangina, doi (numeral), mai, neu, cum, tomem, depoi e fei”, como sendo formas de expressão em que o preconceito lingüístico é substituído pela concepção de variação lingüística, podendo ser compreendida através do conceito de comunidade discursiva que são “os grupos sociais que produzem e

administram um certo tipo de discurso” (MAINGUENEAU, 1998, p.29). No caso, adolescente, pobre, em condição de rua, em cidade da Zona da Mata Norte, em Pernambuco. Beline (2005) define esta comunidade discursiva como sendo o compartilhamento de traços lingüísticos que distingue seu grupo de outros; comunicação relativamente mais entre si do que com os outros; compartilhamento de normas e atitudes diante do uso da linguagem. De acordo com Bagno (2000, p.16), a verdade é que em nosso Brasil

embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um *alto grau de diversidade e de variabilidade*, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito –, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de *status* social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro – que são a maioria de nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola.

Nesse contexto, observou-se nessa entrevista alguns elementos lingüísticos encontrados e definidos na literatura por Maingueneau (2006, p.123) denominados reguladores. Esses são

“hum hum, ah bom, sim sim, veja, ah sim” que “participam de uma atividade de regulação, pela qual o co-enunciador indica que ele ouve, compreende, leva em consideração... as proposições efetuadas, dizendo de outra forma, ele desempenha seu papel de co-enunciador. Os sinais que dependem dessa função não são somente verbais: pode tratar-se de meneios com a cabeça, de sorrisos, de movimentos oculares, de mudanças de posturas...

Além da narrativa da cena de violência, utiliza a palavra “coisar” como uma metáfora a descrever uma dupla violência, sendo do tipo sexual e praticada por

agente religioso, um determinado pastor do projeto que ela fazia parte. O verbo (substantivado) “coisar” aqui empregado significa pegar, fazer sexo oral com as meninas assistidas num projeto localizado em bairro pobre do município.

De igual modo ao ser pensado em “coisar” é possível perceber um movimento metonímico onde a experiência de submissão ao sexo oral “na coisa” poderia fazer com que esta adolescente se metamorfoseasse numa “coisa”, ou seja, a parte se transforma no todo. Aparece explícito este tipo de sexo oral que as meninas do referido projeto sofriam.

R6. Aí depoi eu disse a ela. Quano foi depoi ela fei medo a eu porque disseram que o pastor queria coisá com a minina, queria c..... a minina.

L7. Na igreja?

R7. Sim, aí depoi eu fui pro... ((bairro pobre do município)).

L8. Fala um pouco sobre essa história do pastor querer coisar com as meninas.

R8. Ele tinha essa mania. Aí acabou o projeto.

L9. Mas essa menina era você?

R9. Não ((silêncio de três minutos)).

Um ponto fica no não-dito: ela foi ou não uma das garotas vitimizadas pelo pastor? Esse silêncio de três minutos gera essa hipótese. Importante ressaltar a personagem desse religioso que com a função de acolher e cuidar das “ovelhas” e não (ab)usar delas, se utiliza do “poder” que tinha para perpetrar essas ações. Igualmente pode ser questionado: quem vai acreditar que um “cuidador de

ovelhas” se passaria a “pegar” – outra produção sinonímica (no sentido de transgredir) as partes íntimas das adolescentes por ele “acolhidas”?

Para Foucault (1996), existem três possibilidades para o silêncio: a censura psicológica, a repressão das diferenças do pensamento e a desqualificação do outro. Quem acreditaria na denúncia de uma adolescente que já é desqualificada pelos próprios familiares? Não se trata do silenciamento da oprimida: menina pobre, miscigenada, usuária de drogas e, posteriormente, prostituta?

L10. E depois disso tu continuas estudando?

R10. Lá no... ((bairro pobre de Vitória)) meu pai butô eu lá na 4ª série.

L11. Tu conseguiste aprender muita coisa?

R11. Mais ou menos ((silêncio de dois minutos e quatro segundos)).

L12. E quando tu foste para essa escola no ((bairro pobre de Vitória)), tu apanhavas todo dia?

R12. ((silêncio de quatro minutos até a próxima pergunta)) eu chorava quando ia penteá o cabelo toda vei.

L13. Quais foram os fatos marcantes na tua vida quando tu estavas nessa escola, no ((bairro pobre de Vitória))?

R13. Eu num seio dizer muito não, foi tanto negócio rim.

L14. Tenta lembrar mais alguma coisa que marcou na 4ª série.

R14. ((silêncio de cinquenta e seis segundos)).

Neste fragmento de discurso, a entrevistanda confirma ter estudado até à quarta série e não ter conseguido aprender muita coisa e traz à baila novamente a questão da dor sentida ao pentear os cabelos.

Destaca-se a expressão “foi tanto negócio rim”, que permite associar sua experiência de infância à dor e ao sofrimento. Pensando que a subjetividade se constrói a partir dessas experiências atravessadas pela linguagem, ou seja, a relevância da ordem simbólica sobre a estruturação da ordem do real expressa em silêncio, a proteger da memória de dor que esta narrativa pode evocar. Assim, pode ser pensado um silêncio constitutivo, conforme já analisado na perspectiva de (ORLANDI, 2000), ou seja, o não-dito é o dito que deve ser dito para algo ser o que deve ser. Então, se um sujeito se constitui, basicamente, através do não-dito — sendo este dito constituinte do sujeito —, pode se pensar: este sujeito é um sujeito ou está na condição de (a)sujeito?

L15. Tu tens saudade da tua mãe?

R15. Normal, ela num conversa comigo, num fala das coisa de minina, ela fai medo a eu pra eu num fazê aquele negócio.

L16. Tu podes explicar como é que ela fala?

R16. Ela dii que se eu fizê negócio, ela vai daná neu. A senhora sabe o que.

L17. Uma coisa que eu queria que tu dissesses era o que é esse negócio?

R17. Quando eu peço um negócio aí ela dii: vá, viu? Que você apanha.

L18. Então fazer o negócio é desobedecer a ela?

R18. É isso e aqueles oto negócio que a senhora já sabe.

L19. Tu falas que não aprendeste muita coisa na escola, por quê?

R19. Porque eu tava cum sono, fome, passava a noite na rua fazeno negócio. No oto dia, num aprendia nada. Dava preguiça neu.

L20. Qual a importância de ir à escola, de estudar?

R20. Nenhuma, eu num preciso sabê lê pra tá na rua.

Morando com o pai e a madrasta, cujo discurso da menina aponta violência física e moral de ambos os adultos, a essas experiências se somam o tipo de relacionamento que a adolescente mantém com a genitora — “ela num conversa comigo, num fala das coisa de minina” —, um silêncio que se torna negligente em função das responsabilidades de uma mãe para com a filha.

Existe um outro não-dito relacionado ao silêncio como subentendido, quando ela fala dos castigos da mãe por conta de castigos e “aqueles oto negócio que a senhora já sabe.” Esta condição de “implícito” é conceituada por Maingueneau (2000) em duas possibilidades: uma semântica, fundamentada no material lingüístico, em que podemos entender esta suposta substituição é uma outra forma de negócio. Outro “implícito” pragmático apresenta uma força ilocutória, ou seja, tirar do enunciado um outro enunciado. A menina responde não ser necessário falar daquilo que é óbvio, por ser ela “menina na rua” e “problema”.

Essa entrevista, ocorrendo entre uma pesquisadora e uma “menina de rua”, deixa transparecer no discurso da adolescente o sentido de “negócio”. Importante realçar que a forma da mãe abordar esse tema é através de violência psicológica interferindo inclusive na escolaridade formal da adolescente. Não se observa a existência de evasão ou expulsão da escola, mas que é dramática a afirmação de

que a menina não precisa estudar para estar na rua. Isso elucida o descompromisso experienciado pela mesma, principalmente no que diz respeito ao futuro, ao investimento que se faz numa criança/adolescente – em relação aos seus estudos – o que não se presencia no contexto da pesquisa.

L21. Alguma vez fizeram festinha de aniversário para você? ((perguntei por que estava tendo uma festinha dos aniversariantes do mês na ONG e percebi que ela estava mais na festinha do que comigo)).

R21. Nunca. Minha vó prometeu mai só que ela morreu ((começou a chorar)). Nunca fizeram nada. Quando vó disse que ia fazê o de nove ano, aí ela inventô de morrê. Eu senti muito a morte dela, eu vi ela morrê.

L22. Tu estavas perto dela foi?

R22. Tava. Ela tava cum uma dor na barriga, no pé da barriga. Aí minha tia foi na casa da vizinha pedir um remédio, num passou e levaram ela pro hospital e meu pai dizia: é bom que tu mora peste, era bom que tu num voltasse mai pra cá. Depoi ela chegou, ficô olhano pra mim, foi fechano o oio e morreu, eu tava sozinha cum ela num quarto.

L23. Qual foi a tua reação?

R23. Eu comecei a chorá e deu um negócio neu.

L24. Teu relacionamento com tua avó era bom?

R24. Era, eu morava cum ela, aí depoi que ela morreu eu fui morá cum meu pai.

L25. Então deixa ver se eu entendi: tu saíste da casa da tua mãe ((fala simultânea)).

R25. [Aí fui morá cum a minha vó, mãe do meu pai, ela era boa, num deixava ninguém dizê negócio cum eu. Ela costurava roupa na mão pra eu e fazia papa].

Presentificada está nessa entrevista a existência de maiores prolongamentos no *corpus* elucidado pela adolescente. Mesmo conhecendo a necessidade premente de contar sua história a alguém, a “seqüência” narrativa dada aos fatos e às ocorrências em seu discurso, corroboram com o conceito atribuído à Escola francesa de discurso que

tende a trabalhar com *corpus* de unidades de tamanho igual ou superior à frase que ela extrai da continuidade dos textos. (COURTINE, 1981, p.25) fala de *seqüências discursivas* para essas unidades, cuja forma varia segundo o tipo de análise praticado (MAINGUENEAU, 2006, p.129).

Também foram largamente observados dois pressupostos teóricos desse mesmo autor (Op.cit.), ao tratar de seqüência como sendo:

1. *Inserção de seqüência* em outra (por exemplo, de uma argumentação numa descrição e dessa descrição numa narração);
2. *Dominância seqüencial*, quando dois tipos se misturam, mas um deles predomina (por exemplo, se uma narrativa é de fato uma descrição disfarçada).

Os relatos trazidos pela adolescente às entrevistas estão permeados tanto de inserção de seqüência como de dominância seqüencial, conforme transcrições anteriormente transcritas.

L26. Costurava na mão porque não tinha máquina?

R26. Sim, ela nunca danô neu, nunca mermo, ela recramava cum os povo quano brigava cum eu. Depoi que ela morreu, ele arrumô a mulé e aí começô toda a arenga, minha vida virô um inferno ((após um silêncio de oito minutos percebi que a entrevistanda não tinha mais o que dizer)).

L27. Teria mais alguma coisa que você quisesse falar por hoje?

R27. Por hoje mai não, só depoi vi?

Neste dia estava acontecendo uma festinha das adolescentes aniversariantes do mês na instituição e observou-se que a entrevistanda encontrava-se impaciente e inquieta como se quisesse compartilhar com as colegas aqueles momentos de alegria e contentamento, poucos em sua vida. Neste momento, indaguei se já tinham feito alguma festinha de aniversário para ela, o que respondeu negativamente.

Destacam-se a expressão “aí ela inventou de morrer”, como se pudéssemos inventar/criar essa hora da morte e “depois que ela morreu, ele arrumô a mulé e aí começô toda a arenga, minha vida viro um inferno”. Fica explícito no discurso da adolescente que o pai da mesma desejava a morte da sogra e que por algum motivo após o falecimento, ele trocou de parceira conjugal.

O fato de ser mera adolescente e ter ficado sozinha com a avó no hospital, o que parece ter sido “empurrada” para ficar sozinha na enfermaria e vivenciado a experiência de sofrimento de assistir a perda desse ente querido, pode ter sido devido aos passos para trás que os outros parentes deram deixando ambas sozinhas nesse momento. Não haveria nenhum adulto para ficar no hospital nesse momento de tamanha monta/responsabilidade?

Em se tratando da segunda entrevista, estes são os verbos referidos pelo EU:

1 - Lembranças gerais de sofrimento (R1: eu me *alembro* que eu apanhava muito; R1: eu ia pro colégio [que não gostava de ir]; R7: eu fui pro [piora na qualidade de moradia, em bairro mais pobre do que o anterior]).

2 - Lembrança específica de sofrimento pela morte da avó (R21: eu senti muito a morte dela, eu *vi ela morrer*; R22: eu tava sozinha *cum* ela *num* quarto; R23: eu comecei a *chorá*).

3 - Negligência materna (R17: eu peço um negócio aí ela dii: vá, viu?; R24: eu fui *morá* cum meu pai).

4 - Saída para a rua (R19: porque eu tava *cum* sono, fome... Passava a noite na rua *fazeno* negócio; R20: eu *num* preciso *sabê lê* pra tá na rua).

No caso do TU, surgem as primeiras referências verbais:

5 - Construção de um suposto saber (R2: a senhora nem *imangina*; R16: a senhora sabe o quê; R18: é isso e aqueles *oto* negócio que a senhora já sabe).

Em se tratando do silêncio e do respectivo contexto, são referidas as seguintes situações em ordem decrescente:

1º (R26: 8m) Ao lembrar da avó materna e da proteção que a mesma lhe proporcionava.

2º (R14: 56s) Ao ser solicitada a lembrar fatos “ruins” ocorridos quando cursava a 4ª série.

3º (R12: 4m) Ao referir quando a genitora penteava os cabelos.

4º (R11: 2m4s) Pelo fato de não ter aprendido na escola formal.

5º (R9: 3m) Silêncio ao relatar uma primeira história de violência sexual perpetrada por um pastor, mesmo não se colocando no papel de vítima.

6º (R5: 1m50s) Ao se reportar às violências física e psicológica pela genitora.

Concluindo a discussão, ressalta-se a importância da mãe na pessoa da avó — pelos conteúdos maternos externados pela adolescente — bem como a grande perda que sofreu, quando do falecimento, além da respectiva mudança na qualidade de vida. Com essa perda, a adolescente sente mais profundamente o “lugar” silenciado que percorria, fazendo-a caminhar em direção ao nada. A genitora da menina parece estar no lugar do proibido, do silêncio local, ou dizendo de outra forma, no lugar do censurante e do negligente, da pessoa propiciadora de encaminhar à filha para o “lugar” da rua.

3.3 Terceira entrevista (12/04/2006):

Nesta entrevista, observou-se um maior desprendimento por parte da adolescente, talvez por conta de ser a terceira vez que nos encontramos, houve uma relação de continuidade, estimulando atitude de confiança da parte dela. Outro aspecto significativo que não estava presente nas duas primeiras entrevistas foram as respostas muito extensas, diferentemente daquelas outras medidas, contidas, sendo estas desenvolvidas numa velocidade ininterrupta, quase catártica, compreendida “como uma forma de desabafo”, “de contar a alguém a sua ‘verdadeira’ história de vida”.

Inicia-se com o questionamento acerca da infância da entrevistanda e o que se percebe é que o seu discurso passa a apresentar menos censura — silêncio local — “a manifestação mais visível da política do silenciamento: a da interdição do dizer, trata-se da produção do silêncio sob a forma fraca, isto é, é uma estratégia política circunstanciada em relação à política dos sentidos — é a produção do interdito, do proibido” (ORLANDI, 1995, p.76) — desenvolvendo

inclusive, uma linguagem chula, havendo necessidade, por questões de estilo, não transcrever literalmente certos verbos e substantivos.

L1. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua infância no que diz respeito ao relacionamento com a tua mãe.

R1. Que é o pió de tudo, apesá deu sempre gostá de conversá com ela. Eu sou uma pessoa muito carinhosa, eu gosto de dá chero nos meu professor, nos meu amigo e eu acho que isso foi me prejudicano. Só que eu num sou compreendida. Aí as pessoa começa a se afastá de mim, os educadores daqui começaro a se afastá deu. Aí eu comecei a ficá sofreno, comecei a chorá. Minha mãe viu, aí simplesmente ela fei o que... Ela começô a brigá cumigo, disse que eu gostava de babá os professor... Eu disse: eu num babo, pelo contrário eu dô maior carinho a todos ele, só que eles num entende meu lado, eles entende o lado deles e eu quero que eles entenda o meu lado, porque derna de pequena ninguém me entende. Minha mãe não se entende com a minha avó. Quando eu tinha uma faixa de seis ou sete ano, minha mãe pegô uma briga cum minha vó, quase que ela matava minha vó. Nisso eu fiquei traumatizada até hoje, é por isso que eu sou assim, tudo começô dali.

Considerando que a comunicação é fundamental ao processo de humanização, de autonomia e de valorização dos indivíduos, a adolescente queixa-se de não ser compreendida. Esta comunicação pode ocorrer através de atos não-verbais, definidos como gestos, caracterizando-se por excessos de beijos, abraços e toques dela em relação aos interlocutores. A percepção da mesma é que a genitora a acusa de bajuladora e os educadores a rejeitam. Pensando no ato comunicacional como uma troca de informações e também de circulação de desejos, o excesso de gestos da “menina” pode ser expressão de

uma demanda significativa em relação a algo que supostamente falta e não encontra as respostas aos seus pedidos.

Os atos de linguagem proferidos pela entrevistanda podem ser conceituados segundo a perspectiva de Austin (1970) que declara produzirmos atos locutório – quando realizamos uma seqüência de sons com uma organização sintática e uma referência a algo –, um outro classificado como ilocutório – o que desenvolvemos com a nossa fala é uma ação que modifica as relações entre os interactantes – e, por último, o ato perlocutório, o qual ocorre quando podemos realizar ações por demais variadas, tais como: com uma pergunta, podemos lisonjear o co-enunciador, mostrar que somos modestos, desconcertar alguém. Presenciaram-se, nesse estudo, os atos de linguagem ilocutório, tendo em vista as modificações propiciadas no comportamento da referida menina.

Outro aspecto significativo caracterizado como o não-dito de criança de seis a sete anos que pode ser pensado como um silêncio de “inocente” é sobre os motivos que fizeram a avó querer expulsá-las de casa. Trata-se do discurso de uma menina na rua, ou seja, está em oposição simbólica a uma menina de casa. Sendo a idéia de casa algo que se aproxima do conceito de *oikos* significando moradia. Trata-se de um lugar no qual tudo começou e ela presenciou uma cena primária de chocante violência doméstica entre as duas mulheres mais significativas na sua vida.

R2. Tinha um banco ((espécie de cadeira)), a gente morava numa casa de barro e minha vó chegô dento de casa mandano ela saí pra fora que ela queria vendê a casa, se mudá de novo e minha mãe não quii deixá e eu tava bem assim ((encolheu-se ficando em posição fetal)) no quarto por detrai da porta, e eu criança

num sabia se elas tava conversano ou discutino, num pude nem me metê, mai elas tava totalmente discutino, quano eu olhei de repente minha mãe vai em cima da minha vó querê atacá ela, quano vai querê chegá pra apertá o pescoço da minha vó, aí eu dou um grito, aí vai e pega na mão da minha vó. Aí o relógio da minha vó salta pra fora e chega nos meus pé e minha mãe pega o banco pra querê batê nela, aí eu tentava me escondê, aí minha mãe toda vei mandava eu entrá pra dento e jogá o relógio debaixo da cama pra ela pega, ele era um relógio todinho de ouro, aí eu cum tanto medo cum aquela cena que eu tava veno que eu num tinha força pra sair do canto e quano foi depoi eu perguntei a minha mãe o que era aquilo. Aí minha vó foi batê na minha mãe, aí quano bateu, bateu aqui ((mostrou cicatriz no próprio braço)), saiu muito sangue e eu fiquei assim ((demonstrou estarrecimento pela cena vista e principalmente pelo sangue vertendo)).

R2. (...) Aquele susto eu não sabia o que fazê, tudo aquilo eu num sabia o que dizê, o que fazê, fiquei feito um pau lá, duro. Aí pronto, foi daí que minha vó começô a se afastá da gente, num ajudô mai a gente, derna de pequena. Minha mãe saiu, eu desmaiei, ela bateu e eu desmaiei. Quano eu acordei eu tava na sala, minha mãe tava perto de mim chorano e um pessoal ao meu redor. Aí eu me alevantei, num fui atraí dela, fui atraí da minha vó. Aí quano eu chego na casa do vizinho, aí os povo dii: sua vó num tá aqui não, tá no hospital, aí eu vim cum todo rancô pra cima da minha mãe, mai na verdade eu queria me vingá. Minha vó tinha uma faca de mesa que era de cortá carne e eu peguei essa faca e butei dento da roupa. Se ela me atacá eu furo ela, o ódio que eu tumei dela foi ela tê feito isso com vovó. Então quano eu cheguei cá na porta ela me perguntô: fosse pra onde? Procurá minha vó. Sua vó num tá aqui não, ela num vai voltá pra qui não, eu comecei a chorá e ela num viu que eu tava ca faca junto de mim. Quano ela veio pra perto de mim, eu danei a faca nela, até hoje ela tem a marca da faca e eu disse a ela que não queria sabê mai dela. Eu disse: se minha vó morrê eu vou mandá condená ela. Aí ela ficô assim, tumou aquele susto na hora que eu falei isso, aí ficô olhano pra mim, eu disse: fique cum isso guardado, se vovó morrê, eu

num mato não, mai eu tenho quem mate a senhora. Aí fui crescono, fui ficano desse jeito, veno tudo isso. Minha mãe, ela tem uns relacionamento, quano foi um dia eu vi mãe fazeno negócio.

Uma possível resposta sobre os motivos que levaram a avó querer expulsar a mãe da adolescente de casa pode não estar caracterizado no projeto dessa avó de vender a residência na qual a neta e a filha moravam. No relato da luta corporal, a menina não apenas apóia esta avó, que as ajuda muito, como se vinga da agressão da genitora. No final do parágrafo os motivos se tornam explícitos: “*minha mãe, ela tem uns relacionamento, quano foi um dia eu vi mãe fazeno negócio*”.

L3. O que é negócio?

R3. É ter relacionamento cum os home. E eu fiquei assim, assustada, eu veno aquilo, ela butava eu pra dormir sempre na casa da vizinha pra eu num pegá os home. Quano foi um dia eu peguei um ódio, eu disse: eu num vou dormi mai na casa de ninguém qu’eu tenho a minha casa. Porque eu num quero te acordá, tentano me enrolá. Aí eu disse: hoje eu vou dormi dento de casa, aí quano eu me acordei de noite, aí eu vi, tomei aquele susto e fechei a cortina ((quarto da mãe não tinha porta)) e fui pra cozinha, na cozinha tinha uma mesa, aí eu fiquei assentada em cima da mesa, quano de repente eu vejo ele se alevanta. Aí eu fiquei assim, do jeito que eu tô aqui ((olhando para o lado oposto)) pra não olhá pra ele, aí ele tomou aquele susto quano me viu. Aí era ele. Aí ele feii, tá acordada? Num é da sua conta. Aí eu fiquei chorano em cima da mesa por um tempão, por isso que eu sou um pouco meio agitada, nervosa tombem. Aí eu disse a ele: você num tem vergonha na cara não? Você num tem sua mulé? Porque procura minha mãe? Aí ele disse: mai você é linguaruda. Aí eu disse: desapareça da minha frente senão eu vou acabá com você. Eu pequena na faixa dos oito ano, assim pequena na idade porque o meu tamanho já era grande já ((deu um ar de

riso)) aí ele olhó pra mim assim, aí correu pra junto da minha mãe, aí minha mãe se alevantô e veio batê nim mim, aí quando ela foi bate, eu joguei um copo de café quente nela. Aí ela ficô toda ardida, aí eu disse a ela: num pense que vaí batê nim mim por causa desses cabra safado. Se você batê neu eu vou dizê a minha vó. Eu fiquei cunversano cum ela assim bunitinha que você tá toda errada, e ela disse: minina tu tai falano como gente grande. Porque a minha atitude foi muito realmente diferente, de gente grande, diferente. Aí eu disse a ela: eu num quero vivê cum a senhora e seus macho não. Aí ela disse quem é você pra mandá em mim? Foi daí que eu fui crescono e fui ficano assim. Num seio o que começô a brigá cum eu e danô neu ((começou a chorar)). Nos meu dez ano ela tinha me prometido uma pisa por eu te essas atitude diferente e realmente eu tinha contado a minha vó e foi dai que minha vó começô a brigá cum ela. Eu fui morá cá minha vó em Pombos quando eu compretei meus dez ano, aí ela ficô indo lá, encheno a minha cabeça, eu tive pena voltei pra ela, aí até hoje tá assim, nesse vai e vem, mai eu disse a ela: a única pessoa que eu posso contá é minha vó. Quando foi um dia eu tava cum meus onze ou doze ano ((demonstrou dúvida quanto a verdadeira idade)) e eu tinha meu primo que tava cum 13 ano, aí eu fii assim, é porque ele era um pouco meio feroso, porque a gente era liberal um cum o oto, não tinha esconderijo um cum oto. Quando foi um dia eu disse a ele: ((silêncio por três minutos e quinze segundos)) a gente vai praticá isso agora. Ele raigou a minha brusa, chupou meus peito e fei negócio comigo. Foi muito rim eu fiquei toda melada dum negócio branco, visguento quase qu'eu vumitava e tamém dueu muito ((terminou a palavra "muito" chorando bastante)) e silenciou por sete minutos. Tamém passou. Foi daí que tudo foi começano e num quii pará. Aí começô, por volta dos meu dez ano minha menstruação chegô, eu me formei ((menstruou)) eu tumei aquele susto cum medo de dizê a ela, eu achava que tinha me cortado, foi horrível ((silêncio de um minuto e quinze)) ela num cunversava cumigo e até hoje ela num cunversa, ela tem vergonha de me dizê as coisa, mai as safadeza dela eu via, aí ela num tinha vergonha, né? Quando eu queria sabê das safadeza eu perguntava aos home. Aí eu fui aprendeno na prática, eles é que me ensinaro a fazê negócio, me diziam que o negócio ia crescono, depois chupava

o negócio deles e ele me chupava também e depois botava dentro. Ai veio o negócio era muito grande e durava muito e eles queriam botar no meu c. a senhora sabe ((apontou para a região das nádegas)). Então ficou, fugi de casa, um tempo só vivia na rua, cada chupada era dez reais, tinha homem que quando eu terminava, eles gozavam e iam embora, num me dava p... nenhuma, eu ficava arreitada, eu pensava, ele vai vir, quando ele chegar de novo, eu vou dar uma dentada que vou arrancar o pedaço da r... dele. Ficava um tempo em casa, aí veio na casa da minha vó. Aí o Conselho Tutelar me pegou, até hoje eu sou acompanhada por eles, sou muito problemática. Que é um problema num seio. Acho que num sou uma pessoa normal, eu tenho muitos problemas. Mesmo sendo jovem, tenho muitos problemas. O Conselho Tutelar é direto em cima de mim, onde eu tô, eles sabem, se eu tô aqui, eles sabem, eles ligam pra saber se eu tô, vem me ver, se eu tô na escola liga pra escola também ((citou o nome de um dos conselheiros)). Então elas sempre, as pessoas vivem em cima de você, vivo sufocada, que eu tenho que fugir delas, eu num quero dar conta da minha vida a ninguém, quero viver sozinha. Então foi daí que eu comecei.

É nessa longa narrativa que ficam concatenados alguns sentidos relevantes para entendimento da história de vida da menina. Em primeiro lugar, ela queria estar na sua casa e sua mãe a fazia dormir na casa do vizinho; ou então passava tempos na casa da avó. No domicílio onde residia, presenciou uma cena de adultério na qual sua mãe era protagonista e, ao fazer as críticas a adolescente foi vítima de violência física por parte da genitora. No discurso fica caracterizada certa “anormalidade” da menina, ou seja, ser diferente porque as suas atitudes não eram de menina da sua idade, mas sim de gente grande. Criticava a genitora que esta não poderia mandar nela. Aos dez anos de idade ocorreu a menarca e entre os doze, treze anos teve a primeira relação sexual com um primo, um ano

mais velho, lembrando ter sido uma experiência “muito” ruim, nojenta, dolorosa e que quase a fez vomitar.

Uma das possibilidades de entendimento da negligência para com a filha é a falta do diálogo (um silenciamento), ou seja, de uma comunicação que deveria ser organizada pelo adulto. Isso chegava a se caracterizar numa dissonância cognitiva, posto que a mãe tinha “vergonha” de falar de sexualidade, ou seja, daquele “negócio”, mas a filha percebia que para fazer, a mãe não tinha esse “pudor”. Diante da ausência do cuidado da casa, restou o aprendizado na rua pelos homens que lhe ensinaram a fazer “negócio” dentro do mercado sexual. Além desse caráter de prática criminosa, alguns adultos delinqüentes chegavam a não pagá-la pelos serviços prestados. Diante dessa sufocante “prestação de serviço” faz opção por viver sozinha.

Continuando:

R3 (...) Até um tempo desse. Aí eu conheci um coroa, fiquei cum ele, passei uns sete mese cum ele, só qu'eu num sabia, minha mãe num cunversava nada comigo sobre aqueles negócio, eu num me uno bem cum os vizinho e a maioria deles já apanharo de mim ((deu um ar de riso)). Eu era muito virada, muito virada quano era pequena. Eu num vou nega, eu ainda sou, mai eu me controlei-me mai um pouco depoi qu'eu deixei de usá negócio, a senhora sabe, droga, eu usava e vendia, já cheguei a trocá pur cumida tamém. Eu era pió do que imaginava, eu queimei a mulé, isso e aquilo peguei com a água quente de tanta raiva qu'eu tava, até hoje ela tem a marca aqui ((apontou para o pescoço)) isso foi por causa que ela pegô o macho dela cum eu. Eu tenho culpa de ser mai gostosa que ela e ela ser uma veia feia e ele me disse que ela só fede a urina. E eu disse a ela: num se meta comigo, num se meta, porque primeiro eu num quero seu macho e segundo

eu num quero seus filho, viu? E eu fui em cima dela e disse: eu só quero f.... cum ele, pra ele me dá dinheiro, sua p... E aconteceu tudo isso, só que eu comecei a me relacioná cum esse coroa. Quano eu tava cum ele, eu parei de fazê programa, mai depoi qu'eu deixei ele, eu voltei, sabe, é muito rim ficá cum um cara só, é bom cum muitos, porque a gente ganha mai dinheiro.

Trata-se de menina de rua que tem casa e para sobreviver nesse espaço torna-se mulher na rua. A renda é diretamente proporcional ao desenvolvimento da promiscuidade. Chegou a ter um homem mais velho que tinha um monopólio sobre ela, mas ela preferiu ser parceira de vários homens por ser mais rentável. Esta escolha pode ter sido motivada pela venda, compra e consumo de drogas. O que poderia também justificar certos comportamentos agressivos com vizinhos e a mulher de um de seus clientes.

L4. Tu já foste garota de programa?

R4. Assim, na minha mente eu acho que sim, por ter saído cum tantas pessoa;

L5. Tu ganhavas dinheiro com isto?

R5. Sim, só que ficava difícil pra mim, eu pegava o dinheiro e gastava na rua, gastava cum lanche, gastava cum as amigas, comprava negócio.

L6. Tu gastavas o dinheiro com quê?

R6. Nada, e quano ela descubriu qu'eu já era mulé, ela queria qu'eu desse o dinheiro qu'eu ganhava na rua a ela, aí eu disse: assim é muito bom, tu num serve mai pros homem, aí qué qu'eu dê na rua e tu fica aí no bem bom, num fai nada e eu é que tenho que abri as perna. Eu disse: eu num tô gostano disso, tem muita coisa errada aconteceno cumigo. Eu sou muito afastada da minha família, minha mãe discute cum a minha vó, bate neu, quano aquele meu tio veio batê neu ((começou a chorar e silenciou por três minutos)). Minha vó, só quem tumou conta

deu é ela. Ela me chamava de rapariga, tudo isso me duia, dizia qu'eu num era filha dela, que gostava mais do meu irmão e num gostava de mim e até hoje ela faz e diz isso com eu. Quando eu vejo uma mãe fazer um carinho num filho, eu sinto, eu vejo que ela nunca fez nada disso com eu, aí eu fico muito triste em vê isso. E ficou... Esse coroa teve muitos problemas com ele, tinha setenta e um ano, aí veze eu tinha que c..... bem muito ele, pra conseguir fazer o negócio dele assubi. Depois eu tumei um ódio dele que ele me prometia as coisa e num dava, a filha dele me deu uma surra. Aí minha mãe se meteu no meio, aí eu disse a ela: num se intrometa que o assunto é meu e dele, aí ela veio daná neu e eu proibi ele de vim na minha casa.

Na narrativa da adolescente, fica registrada a importância da prática de consumo, o que poderia lhe propiciar prazer e prestígio entre as suas amigas. Isso também foi motivo de embates com sua mãe que queria ficar com essa renda, produzida com o “trabalho”. A adolescente se defende não se permitindo ser explorada pela genitora, mas se ressentindo da distância que ela se coloca diante de uma “família”. Uma tristeza que se denuncia com a preferência visível da mãe pelo filho e não pela filha.

Sintetizando a terceira entrevista, pode ser dito que em relação ao EU surgem as seguintes referências:

1 - Ser incompreendida nas relações com as pessoas (R1: eu sou uma pessoa muito carinhosa; R1: eu gosto de dá *chêro* nos meu professor, nos meu amigo; R1: eu acho que isso foi me *prejudicano*; R1: só que eu num sou compreendida; R1: comecei a *ficá sofreno*; R1: eu gostava de *babá* os *prossor*; R1: eu quero que eles entendam o meu lado).

2 - Violência física como trauma de infância (R1: quando eu tinha uma faixa de seis, sete anos...; R1: eu fiquei traumatizada até hoje; R1: e por isso que eu sou assim; R2: eu tava bem assim... [gesto de postura fetal]; R2: eu criança, não sabia se estavam *conversano* ou *discutindo* [a mãe e a avó brigando]; R2: eu dou um grito; R2: eu tentava me *escondê*; R2: eu *entrá* pra dentro; R2: eu com tanto medo daquela cena; R2: eu perguntei à minha mãe o que era aquilo; R2: saiu muito sangue e eu fiquei assim...[expressão de estarrecimento]; R2: eu não sabia o que *fazê*, o que *dizê*; R2: eu desmaiei... eu desmaiei; R2: eu acordei, estava na sala; R2: eu me *alevantei*; R2: Eu cheguei na casa do vizinho).

3 - Ato de vingança (R2: eu queria me *vingá*; R2: eu peguei essa faca; R2: eu botei [a faca] *dento* da roupa; R2: [se a mãe lhe atacar], eu furo ela; R2: eu *tumei* ódio dela; R2: eu cheguei cá na porta; R2: eu comecei a *chorá*; R2: danei a faca [quando a mãe se aproximou]; R2: se vovô *morrê* ... tenho quem mate a senhora; R3: eu *veno* aquilo [mãe *fazeno* negócio])

4 - Sentimento de ódio pela mãe (R3: quando foi um dia eu peguei um ódio; R3: ela botava eu pra dormir sempre na casa da vizinha pra eu não *pegá* os home; R3: eu vou dormir *dento* de casa; R3: eu me acordei de noite; R3: eu vi [a mãe] ela *fazeno* negócio; R3: eu fiquei assim, do jeito que estou aqui... [gesto de estar olhando para o lado oposto]; R3: eu fiquei em cima da mesa, *chorano* um tempão; R3: eu sou um pouco meio agitada; R3: eu disse a ele [um outro amante da mãe]: — Você não tem vergonha na cara não? R3: eu disse: — Desapareça da minha frente, senão vou *acabá* com você [referindo-se a um outro amante da mãe]; R3: eu não quero *vivê* com a senhora (a mãe) e seus macho).

5 - Violência física contra a mãe (R3: eu joguei um copo de café quente nela [a mãe]).

6 - Busca de proteção da avó materna (R3: eu vou *dizê* pra minha avó [se a mãe bater em EU]; R3: eu tinha contado à minha avó...; R3: eu fui morá com a minha avó).

7 - Sentimento de ser diferente (R3: eu fui *cresceno*, *cresceno* e fui *ficano* assim [diferente]; R3: não *seio* o que *começô* a *brigá* com eu e *danô* neu).

8 - Sentimento de pena pela mãe (R3: eu *compretei* meus dez ano; R3: eu tive pena, voltei pra ela).

9 - Primeira relação sexual (R3: um dia eu *tava* com meus onze, doze ano, e eu tinha meu primo que *tava* com treze ano; R3: eu fiquei toda melada [epois que o primo fez negócio]; R3: eu me formei (menarca), tomei aquele susto, achava que tinha me cortado).

10 - Experiências de prostituição (R3: eu fui *aprendeno* na prática; R3: *quano* eu queria *sabê* de safadeza, eu perguntava aos *home*; R3: *depoi* c..... o negócio deles [os homens]; R3: quando eu terminava [os homens chegaram ao orgasmo por sexo oral não pagando os dez reais combinados]; R3: eu ficava arretada e pensava: — Ele [os homens] vai ver! *Quano chegá* de novo eu vou dá uma dentada que vou *arrancá* o pedaço da r... dele; R3: eu pegava o dinheiro [prostituição] e gastava na rua; R3: aí eu disse: — Eu não *tô gostano* disso...Tu *num serve mai pros home* [referindo-se à mãe] e aí *qué* que eu dê na rua, tu fica aí no bem bom e eu que tenho que *abri* as perna).

11 - Necessidade de ser livre (R3: eu fico sufocada [com as pessoas]; R3: eu num quero dá conta da minha vida a ninguém; R3: eu quero *vivé* sozinha; R3: eu não me uno bem com os vizinho).

12 - Experiência de ter um amante (R3: eu conheci um coroa; R3: fiquei com ele (o coroa); R3: passei uns sete mese com ele [o coroa]; R3: Eu era *pió* do que imaginava; R3: eu queimei a *mulé*; R3: eu tenho culpa de ser *mai* gostosa do que ela [a mulher do coroa]; R3: eu não quero seu macho e seus filho [em relação à mulher do coroa]; R3: Eu só quero f.... com ele [o coroa] pra ele me dá dinheiro; R3: aconteceu tudo isso e comecei a me *relacioná* com esse coroa; R3: quando eu tava com ele [o coroa], eu parei de *fazê* programa; R6: eu tinha que c..... bem muito ele [o coroa] para o negócio dele subi; R6: *depoi* tomei um ódio dele [o coroa], prometia as coisa e não dava; R6: eu proibi ele de vim na minha casa)

13 - Experiências com substâncias psicoativas (R3: eu usava e vendia droga; R3: já cheguei a *trocá* [drogas] por comida)

14 - Sentimento de carência afetiva (R6: eu sou muito afastada da minha família; R6: *quano* eu vejo uma mãe *fazeno* carinho num filho, eu sinto...).

Não há referências quanto ao TU nesta terceira entrevista.

Em se tratando do silêncio na terceira entrevista, são encontrados, também, em ordem decrescente, os seguintes tempos e contextos:

1º (R3: 7m) Sentimento de nojo e de dor física após perder a virgindade com um primo.

2º (R3: 3m15s) Ao decidir praticar sexo genital pela primeira vez aos 12 anos, com o primo que a procurava.

3º (R6: 3m) Ao relatar a distância e violência sofrida pelos parentes.

4º (R3: 1m15) Ao relatar a menarca e o medo de contar à genitora com quem não mantinha diálogo.

Nessa terceira entrevista, conclui-se que a adolescente fala mais e silencia menos, porém, percebe-se que nesse dizer há um não dizer, principalmente quanto à sexualidade da mesma, caminhando para um discurso cada vez mais pornofônico.

3.4 Quarta entrevista (19/04/2006):

Nessa quarta entrevista, a adolescente afirma: “*se alembirá da minha infância, eu fico assim (...) me deixô meio confusa, alembirá me fai mal*” (R1). Podem ser elaboradas algumas reflexões a partir desses fragmentos da narrativa. Em primeiro lugar, existe uma relação de proximidade muito grande entre memória e narrativa, sendo a memória um processo de fixação e armazenamento cognitivo e afetivo. Por conta disso, existe um mecanismo psicológico do recalçamento que tenta minimizar o sofrimento do sujeito reaceso através de lembranças dolorosas. Por outro lado, a adolescente parece dar início a um processo de apropriação desse discurso através do reconhecimento do relato de sua história de vida, o que ao mesmo tempo a caracteriza positivamente como sujeito e negativamente torna-a confusa, porque ela não apenas é sujeito de uma história, mas sujeito de uma história de dor e violência.

Além do que, de acordo com Maingueneau (2006, p.18), a Análise do Discurso tipifica com as condições em que um certo discurso é “autorizado”, ou seja, “em que contexto ele é tido por legítimo e, portanto, eficaz: o *status* dos

parceiros – ou interactantes (*grifo nosso*), a natureza do quadro espaço-temporal desempenham um papel essencial”. O que justifica a condição de entrevistador/entrevistanda nessa dissertação.

A adolescente percebe existir uma relação de violência entre ela e a sua mãe. Sobre isso ela diz:

R3. É, sei lá, eu num sei explicá, não, mai é isso qu'eu acho. A vida foi a minha escola, na rua eu aprendi tudo, derna de piquena e eu tenho ódio disso.

Ao falar desse ódio, fala do castigo que sofreu da genitora, porque uma colega de escola queria ficar com seu namorado e aí foi agredida pela entrevistada, na época. Há, também, o seguinte relato: (...) *Aí minha mãe foi chamada, aí ela me tirô dessa escola, porque minha mãe num queria qu'eu estudasse, porque ela disse que nunca teve esse direito de estudá e porque eu ia tê, foi minha vó que me colocô na escola, mai ela foi e tirô e disse qu'eu num era gente não, eu era um bicho, só vivia brigano, era pra tá presa numa grade, aí eu peguei e dei uma mordida aqui, lá nela ((apontou para o ombro direito)) que ficou a marca, quase qu'eu arrancava o pedaço, porque ela me tirô de um lugá qu'eu num queria sair, eu queria virá gente, mai ela num deixô (R4).*

Ela é submetida a uma categoria de acusação que é definida por (VELHO, 1997) como elementos de estigmatização, explicação e legitimação social de fronteiras e vista nessa dissertação como “bicho” que deveria ser preso por viver sempre brigando. Entretanto, fica não-dito nesse trecho algo que vai ser dito posteriormente em outro fragmento, quando ela diz: *“eu num posso dizê que eu sou assim porque os home me fizeram, qu'eu via ((fez um gesto como se olhasse*

pela fechadura de uma porta)) minha mãe fazeno e aí eu aprendi, por isso qu'eu digo que'la num tem o direito de mim cobrá" (...R10).

Mesmo sem o direito de a mãe cobrar um outro comportamento da filha tendo em vista não ser um exemplo para a menina, esta assume diante da genitora a identidade virtual de “bicho”, chegando a mordê-la no ombro e não da identidade virtual de uma filha vitimizada também pelo estigma aqui corroborado com a definição de Goffman (2006, p.11) como sendo “sinais corporais com os quais se procura evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresenta”.

Esta adolescente também se sentia discriminada pelo professor de matemática, porque ela estava conversando com os colegas. Isso para ela não é nada demais. Ela também diz: *“aí a pessoa vai se desinteressano pelos estudo, mainha dii qu'eu num vou dá pra gente. O prossor fai disso, num dá, eu pensei em dá um muro nele, mai depoi eu me controlei-me porque num vai adiantá mermo, né? Quanto mai os povo recrama cum eu, mai eu fico arretada, p... da vida. Hoje mermo, eu fui pro comércio e conheci um colega na praça por causa de uma brincadeira qu'eu fii cum ele e eu nunca tinha visto ele na minha vida. E eu num tenho medo dos home não, eu enfrento, jógu meu charme ((ar de riso)) e conquisto os cara, os veio tudo, num fica um c..... de asa desse qu'eu num pegue ((pediu desculpas pelas pornofonias))” (...R9).*

Para essa menina, a linguagem talvez não representasse “nada demais”, o que de acordo com Émile Benveniste é conceituada como um sistema de signo (linguagem como um conjunto cujos elementos se determinam em suas inter-relações, ou seja, um conjunto no qual nada significa por si, mas tudo significa em

função dos outros elementos, Vanoye (1998, p.21) socializado e este remete à função de comunicação e da compreensão do/no seu discurso.

Volta a mencionar a relação com a genitora:

“Aí eu digo a ela: eu faço as coisa pra te machucá, porque a senhora passô a minha vida toda me maltratano, dizem negócio cum eu. Acho que por isso qu’eu sou assim, desse jeito, tão rebelde, incrusive cum ela :: eu até tentei muda, mai só qu’eu num consigo, as coisa já tá aqui dentro ((apontou para o peito))” (R8).

No que tange à quarta entrevista, pode ser dito que em relação ao EU surgem as seguintes referências:

1 - Sentimento de raiva em relação à mãe (R6: eu senti bastante raiva dela; R6: então tudo que eu via ficava guardado; R8: aí eu digo a ela (à mãe): — Eu faço as coisa pra ti *machuca*; R8: eu até tentei mudá, *mai* só qu’eu *num* consigo; R10: eu digo que ela não tem o direito de *mim cobrar*).

2 - Relação com os homens (R9: eu num tenho medo dos *home* não; R9: eu enfrento (os homens). Jogo meu charme; R9: conquisto os cara, os *veio* tudo, num fica um c..... de asa desse qu’eu *num* pegue).

3 - Aprendizagens [rua, mãe e homens] (R3: aprendi tudo [na rua] e tenho ódio disso; R10: Eu via minha mãe fazeno negócio e eu aprendi; R10: eu sou assim porque os *home* me fizeram).

4 - Poder de sedução (R9: aí eu fui pro comércio e conheci um colega na praça; R9: eu nunca tinha visto ele (o colega) na vida).

5 - Desejo de vingança (R6: eu vou me *vingá* de tudo isso; R6: eu acho que *mim* vinguei em mim mesma).

6 - Desejo de agressão ao professor (R9: eu pensei em dá um murro nele [professor], mas eu me controlei).

7 - Violência física perpetrada contra a genitora (R4: eu peguei e dei uma mordida aqui lá nela [ombro direito da mãe]).

8 - Desinteresse pela escola (R9: aí a pessoa [R.] vai se *desinteressano* dos estudo).

9 - Incertezas (R3: eu *num seio explicá*)

Quanto ao TU, não ocorreu referência verbal.

Pode ser concluído nessa quarta entrevista, que a adolescente não silencia, mas expressa sentimentos que o “coração” está cheio, ou seja, as violências e os maus-tratos sofridos. Estes parecem ser uma “escola” para a menina que, aos poucos vai sendo transformada em mulher de rua. Oxalá esteja tentando cessar esse percurso, falando e demonstrando revolta e desencanto com o que o “destino” lhe propiciara. Expressar através dos “jogos” de sedução aquilo que a nomenclatura da VDCA retrata – que o vitimizado vitimizará e vice-versa – passa a ser a característica principal nesse momento da adolescente.

3.5 Quinta entrevista (03/05/2006):

Esta quinta entrevista deveria ter ocorrido na semana anterior. Entretanto, por motivos pessoais da entrevistadora isso não pôde ocorrer. A temática abordada na quarta entrevista destacava temas sobre discriminação e rejeição no espaço doméstico e da escola. Inicialmente, quando é perguntado sobre o estado da adolescente as respostas se mostram impessoais e indeterminadas.

L1. Como você vai?

R1. Eu tava com o pessoal aí. Eu fui pra lá.

Essa vaguidade parece demonstrar que a menina está andando sem destino e sem o estabelecimento de vínculos afetivos. Entretanto, na sua conversação com a entrevistadora parece estar presente uma atitude de “revide” diante do fato de ter desmarcado a entrevista anterior. Isso talvez se deva ao universo discursivo da adolescente, ou seja, “ao conjunto dos discursos que interagem em um dado momento” (MAINGUENEAU, 2006, p.19).

L2. A semana passada tivemos que desmarcar [eu

R2. [eu num seio como vou fazê, porque eu vou tá trabalhano, aí eu vim hoje pra cá, pra falá pr’ela ((apontou em direção à sala da presidente)) deixá eu faltá dois dia.

L3. Que horário?

R3. Vou trabalhá segunda, quarta, sexta, sábado e domingo.

L4. Nós podemos mudar de horário, caso você não faça nenhuma objeção.

R4. É só hoje que vou decidi esse... Só vou decidir quano ela ((educadora da instituição)), eu tô esperano ela, ainda.

Há uma constatação em termos do número de dias que precisa faltar às atividades e uma postura de que será ela própria quem vai decidir o “horário” dessa ausência. Nesse sentido, não é apenas a entrevistadora quem pode faltar, mas esta adolescente também. A presente interpretação parece ser confirmada quando a menina responde de modo quase inaudível, sobre o lugar onde estará trabalhando. Novamente faz referência sobre a palavra “negócio” que será

retomada posteriormente numa conotação sexual. O que para Vanoye (1998, p.22) designa tudo que um termo possa evocar, sugerir, clara ou vagamente. Talvez o “código” – um conjunto de regras que permite a construção e a compreensão de mensagens – possa ser um chamamento de atenção, já que a adolescente parece não ter.

L5. E você vai trabalhar aonde?

R5. Funerária ((responde num tom quase inaudível)).

L6. E o que você vai fazer numa funerária?

R6. Vou me dá muito bem, apesar de nunca tê vendido esses negócio ((existe uma empresa do ramo na cidade que comercializa jazigos, velório e títulos funerários)). Vou me dá bem, já fui um dia e só vendi um.

L7. Como você se sente trabalhando?

R7. Normal, normal, a gente vende, apesar ((chora)) de só consegui vendê um.

Nesta última resposta, a adolescente refere que se sente “normal” trabalhando numa funerária, mesmo sem desempenhar bem esse “novo” papel, posto ter apenas conseguido vender um título. Apresenta uma incoerência expressiva, ao ter chorado nesse momento quando julgava “bom”, o que era um fraco desempenho nessa empreitada.

Esse trabalho numa funerária é verbalizado em tom quase inaudível podendo conotar na Análise do Discurso francofônica com a noção de “cena”, referindo-se à maneira pela qual o discurso constrói uma representação de sua própria situação de enunciação (MAINGUENEAU, 2006, p.20-21) para

Charaudeau encenação para o espaço interno da comunicação (1983, p.51); Authier, de *encenação* do discurso de vulgarização

científica (1982); Cossuta, de *cena filosófica* para o resultado desse trabalho de escrita pelo qual o filósofo representa o processo de pensamento no seio mesmo do texto (1989, p.14). Maingueneau recorre à *cena* num nível mais elevado da enunciação, para o tipo de discurso: os gêneros literários, por exemplo, mobilizam a *Cena* literária, os gêneros científicos, a *Cena* científica (1993, p.123)

L8. Qual o teu sentimento por ter conseguido um emprego, um trabalho, que não é o que você já fez?

R8. É legal, normal, tudo bom, paz... Tá entre amigos é divertido, as vei eu jógu meu charme sabe como é... Mainha disse qu'eu deixasse o projeto, os estudo e fosse m'imbora trabalhá, pra arrumá dinheiro.

L9. Por que será que tua mãe disse que deixasse o projeto e fosse trabalhar?

R9. Sei lá, porque ela num me entende. Mainha num me qué feliz... Aqui num tava teno vantage.

L10. Ela não quer?

R10. Ela não qué. Quanto mai eu tivé infeliz, mai ela gosta.

Nesse fragmento de discurso, parece estar presente um “terceiro-falante”, conceito introduzido por Peytard (apud Maingueneau, 2006, p.139), noção que designa um

conjunto indefinido de enunciados tomados emprestados a enunciadore, cuja marca é manifestada por: “as pessoas dizem que..., diz-se que..., pretende-se..., meu amigo me disse que...”. Enunciados que pertençam à massa interdiscursiva, da qual tomam emprestados os agentes da troca verbal, para dar densidade a suas proposições.

L11. O que você acha disso?

R11. Toda mãe qué vê o filho feliz, ela não... Ela qué que coisa rim aconteça cumigo, num qué emprego, num qué qu'eu estude, ela num sabe o que qué... Porque uma dança, um teatro, uma pintura, um corte de cabelo, uma ocupação é

bom pra mim, mai ela num qué... Eu vejo toda mãe chêra os fio e ela não... Ela chêra os oto, os do vizinho, mai eu não.

L12. Como você se sente?

R12. Muito rim porque ela qué me vê fora de casa... Como rapariga, uma p..... de beira de pista.

L13. Você acha isso?

R13. Pra ela sim ((silêncio de sete minutos e quinze segundos)) porque a semana passada eu tava escovano o cabelo da minina e ela disse: ora p.... minina, deixa esse c..... desse cabelo pra lá e vai t'imbora pra rua, tu sabe que num tem nada pra noi cumê, sua desgraça.

Nesse longo trecho da entrevista, três aspectos podem ser interpretados. O primeiro deles sobre a representação lúdica do trabalho, como algo quando se está entre amigos, como sendo divertido. Outro aspecto diz respeito ao uso que a adolescente faz da sedução entendida como “jogar o charme”, o que parece estimular um sentimento de autoconfiança. E por fim é retomado o tema da relação problemática entre a adolescente e a genitora.

Nesse fragmento discursivo, faz-se necessária a menção dos lingüistas com a concepção de que no interior da língua falada existe uma “língua comum” como sendo o conjunto de palavras, expressões e construções mais usuais, língua tida geralmente como simples, mas correta. A partir desse nível, têm-se, em ordem crescente do ponto de vista da elaboração, a “linguagem cuidada” e a “linguagem oratória”. E no sentido contrário, da informalidade, têm-se a “linguagem familiar” e a “linguagem informal” ou “popular” (VANOYE, 1998, p.23). Ainda de acordo com esse autor, a distinção

linguagem popular/linguagem cuidada apóia-se num critério sociocultural, ao passo que a distinção linguagem informal/oratória se apóia sobretudo numa diferença de situação (o mesmo indivíduo não empregará a mesma linguagem ao fazer um discurso e ao conversar com os amigos num bar). (...) As linguagens familiar e popular recorrem às expressões pitorescas, à gíria, e muitas de suas construções são tidas como “incorrecções graves” nos níveis de maior formalidade.

Esta menina observa que sua mãe a estimulava a se evadir da escolarização formal e dos projetos sociais para “arrumar dinheiro”. Isto pode ser compreendido como um “convite” para que ela faça algum “negócio”. Junto a isso existe a percepção da adolescente de que, diferentemente de outras mães que querem ver os filhos felizes, a dela quer que com a própria filha “alguma coisa ruim aconteça”. Esta adolescente ainda compara a sua genitora com outras que “cheiram” os próprios filhos, enquanto esta sua somente o faz com os filhos dos outros. Finalizando, a menina conclui que há um desejo da mãe de que ela “vá para rua”, ou seja, sair da condição de menina de casa para uma de prostituta de “beira de pista”.

L14. Dessas histórias que tu contas sobre a tua mãe, o que mais te marcou?

R14. Eu só me alembro de coisa rim ((silêncio de três minutos e dois segundos)), ela só fica dano desculpa, mai eu seio que ela me odeia ((silêncio de dezenove minutos e dezoito segundos)). ((A partir desse momento a adolescente impacientou-se na poltrona, apresentando inquietação e chorava muito ao relatar outras surras que levou da mãe, assim como atos de violência que sofreu enquanto esteve na rua, o que foi dito era quase ininteligível: “p...., rapariga, eu num presto, minha vida é uma desgraça, eu num gostava quano os home dela chegava lá em casa pra f.... cum ela. Eu ouvia quano eles tava transano, era horrível. Eu acho que tudo isso foi uma escola pra mim. Eu nunca tive um brinquedo como

toda criança tem. Eu só aprendi a brincar com os negócios dos homens, isso é c.....” e encerramos essa entrevista)).

Em seu discurso, o sentimento expressado pela mãe é de um misto de desafeto e negligência. Concordando não haver uma distinção entre o pensamento e a linguagem, mas uma interação mútua, conforme pontua Vygotsky (1966) e que não pode ser desconsiderada a importância da dimensão afetiva na constituição da consciência humana. De acordo com Damásio (2000), a essência de um sentimento, isto é, o processo de viver uma emoção, não se constitui numa qualidade mental ilusória associada a um objeto, mas sim na percepção direta de uma paisagem corporal. Para ele, emoções e sentimentos são a base daquilo que a humanidade tem conceituado, desde tempos remotos, como “alma ou espírito humano” (DAMÁSIO, 2000, p.16).

Desta forma, a indissociabilidade entre razão e emoção é assumida como constituidora do conhecimento, podendo ser observado que a narrativa da adolescente é uma construção de um auto-entendimento que se estabelece, nesse recorte, em duas fases. Numa primeira, existe uma percepção de que as lembranças da sua história de vida são marcadas apenas por “coisas ruins”. A isso se segue um silêncio de mais de três minutos (tendo uma conotação de desprezo, desamor), sendo finalizado com uma conclusão mortificante: a de que sua mãe lhe odeia. Nesse momento, vem um silêncio de quase vinte minutos (silêncio de uma pessoa “mortificada” pela genitora e demais pessoas que a circundam), no qual a adolescente entra num estado de “quase” transe, apresentando uma linguagem fragmentada, falando para si mesma, de forma quase inaudível, em baixo volume

de voz, tremendo seu corpo, colocando as mãos no rosto, balançando a cabeça de um lado para o outro, como se tivesse expressando de modo não-verbal a condição trágica da sua vida.

Volta a fazer referência à cena primária, relatando ter sido “horrrível”, quando via/ouvia os homens “transando” com sua mãe dentro de casa. Foram experiências que lhe ensinaram o caminho das pedras, pois ela somente aprendeu a “brincar” com os “negócios” dos homens.

Por fim, reproduz o discurso da mãe sobre si mesma, vendo-se e se vendendo como uma “rapariga” que “não presta” e sendo sua vida uma “desgraça”.

Nesses fragmentos de discurso da adolescente, percebeu-se o uso do léxico como sendo o

o conjunto de palavras de uma língua peculiar a um grupo social ou a um indivíduo. (...) O léxico da língua portuguesa constitui, então, um conjunto onde se incluem os léxicos particulares (VANOYE, 1998, p.26).

Nesse léxico comunicacional, pressupõe-se que os sujeitos têm um repertório de palavras em comum e compreendem-nas do mesmo modo. Nessas entrevistas, aconteceu em alguns instantes a necessidade de interpretação/compreensão de certos vocábulos pertinentes aquele grupo social, de acordo com Vanoye (op.cit.) “a compreensão só pode ocorrer na medida em que uma palavra apresenta para vários indivíduos um certo grau de uniformidade, fixado pelo uso da língua”. Em outras palavras,

não existe um sentido comum genuíno, mas sim uma espécie de acordo implícito sobre o uso e a aplicação das palavras. Além disso, certos comportamentos não-verbais podem transformar o

sentido de uma palavra: expressão fisionômica, gestos, tom de voz, etc.

Na quinta entrevista, aparecem as seguintes referências quanto ao EU:

1 - Trabalho numa funerária (R2: eu num *seio* como vou *fazê* porque eu *vô tá trabalhano*; R2: hoje eu vim pra cá, pra fala *pr'ela* [presidente do CMV] *deixá* eu *faltá* dois dia; R3: vou *trabalhá* segunda, quarta, sexta, sábado e domingo; R4: só vou decidi *quano* ela *chegá*; R5: [vou trabalhar] numa funerária; R6: vou me dá muito bem [trabalhando numa funerária], *apesá* de nunca *tê* vendido esses negócio [títulos funerários]; R7: [EU se sente] normal, normal, *apesá* de só ter vendido um [título funerário]).

2 - Estar na rua (R1: eu tava com um pessoal aí; R1: eu fui pra lá).

3 - Sedução (R8: eu jogo meu charme [nas vendas dos títulos]).

4 - Lembranças de fatos negativos (R14: eu só *alembro* de coisa *rim*).

5 - Sentimentos negativos quanto a si mesma (R14: eu *num* presto).

6 - Rejeição quanto aos amantes da mãe (R14: eu *num* gostava quando os *home* dela chegava lá em casa pra f.... *cum* ela; R14: eu ouvia *quano* eles *tava trasano*).

7 - Aprendizado sexual com a genitora (R14: eu acho que tudo isso foi uma escola pra mim).

8 - Aprendizado sexual com os homens (R14: eu só aprendi *cum* os *negócio dos home*).

No que se refere ao TU não apareceu referência verbal.

Em se tratando do silêncio, houve um menor número de situações, porém o tempo foi mais demorado, a saber:

1º (R14: 19m18s) Ao afirmar que tem certeza que a sua genitora lhe odeia.

2º (R14: 3m2s): Ao referir que somente se lembra de coisas ruins em relação à sua genitora.

Concluindo essa quarta entrevista, observou-se que o afloramento da mulher de rua é dito sem censura, ou seja, o silêncio local quase não é visto. O trabalho numa funerária parece não ter sido uma escolha sua, mas um presente da morte, pois se apresentará mortificada em seus últimos dizeres. Talvez um aprendizado em vida do que será a sua mortificação futura. O não-dito é dito na rua em forma de sedução, como silêncio constitutivo desse quase (a)sujeito.

3.6 Sexta entrevista (10/05/2006):

Antes do começo da sexta entrevista, a adolescente solicita um abraço da pesquisadora, o que parece demonstrar uma significativa necessidade de ser cuidada. Inicia referindo ansiedade para falar e relembrar da infância, mas que naquele momento “estava sem palavras”, conotando também uma forma de silêncio, talvez de estarecimento pela atenção recebida por parte da entrevistadora, algo que ainda não tinha tido de outrem.

L1. A última vez que nós conversamos você estava assim bem... Eu gostei muito da nossa última conversa, principalmente porque você chegou a falar de você mesma, bem do teu eu, o que tu tinhas passado. Lembras onde nós paramos?

R1. Realembra um pouco da minha infância... Que coisa... Eu tava tão ansiosa pra falá, agora fiquei sem palavras ((emitiu um sorriso maroto e sem graça)).

Esta foi a entrevista com maior número de episódios de silêncio durante todo o tempo da pesquisa. São abordadas temáticas que parecem ficar sob o

domínio da censura por conta do sofrimento, da complexidade e da periculosidade que alguns pontos trazem.

L2. Por que sem palavras?

R2. É... Sei lá Leila, tá aconteceno tanta coisa na minha vida, tá aconteceno de tudo. Eu mermo, na escola, até da escola eu já pensei em saí e, ao mermo tempo eu fico pensano... ((silêncio de dois minutos e quarenta e três segundos)) Eu chorano... Lá em casa ontem de noite, eu fii de tudo. Fui atraí dos meus colega, eu fui tentá arrumá um cartão de 20 pra ligá pra senhora, aí depoi eu pensei o que é qu'eu vou ligá oito e vinte da noite pra Leila. Leila tá dormino, aí depoi eu me alembrei que a senhora tava dano aula... Aí depoi eu pensei, — sabe de uma coisa? —, eu num vou ligá não, por causa das minha besteira ((silencia por cinqüenta e sete segundos)). Num tô como era antes, tô ignorante, tá entendeno? Onte mermo, eu peguei uma briga aqui dento do projeto. Foi assim: tava uma minina aqui do projeto qu'eu num gosto dela e eu encontrei cum ela na aula sexta-feira, tá entendeno? Eu já tava beba. Porque todas mininas aqui do projeto tem que fazê uma tarefa aqui dento e ontem eu num tava a fim de fazê, tá entendeno?

L3. Por que tu não estavas a fim de fazer a tarefa?

R3. Porque num tava, tá entendeno? Eu num queria, num tava cum vontade de fazê nada. A única coisa qu'eu queria fazê era maldade, negócio cum os oto, f... bem muitão ((colocou as duas mãos no rosto e meneou a cabeça de um lado para o outro)).

Fica destacada essa ânsia de falar, de comunicar algo ou alguma coisa, talvez em busca da catarse. Chegou a pensar em telefonar para a pesquisadora durante a noite, mas voltou atrás por reconhecer que o que tinha pra falar era de pouca importância, também entendido como uma maneira de silenciar (-se). Trata-se de uma avaliação que pode ser estendida à sua auto-imagem. Reconhece estar agressiva e isso considera ser uma transformação no seu comportamento.

No entanto, continua fazendo uso do “Código linguageiro”. Este conceito foi desenvolvido por Maingueneau (2000) como sendo uma formação discursiva que não enuncia por meio de uma língua (o francês, o latim...), mas através de um “Código linguageiro”. Este não sendo somente

um sistema de transmissão de informação, ele participa da autolegitimação do enunciador (...), não se elabora em uma língua supostamente homogênea, mas em uma relação essencial com outras línguas, vivas ou mortas, ou com a diversidade de uma mesma língua (dialetos, níveis de língua, discurso de especialidade...) (MAINGUENEAU, 2000, p.22).

A agressividade está expressa numa motivação de apenas fazer “maldade”. Isto é entendido como “fazer negócio com os outros”. Novamente, surge a polissemia do termo “negócio”, cujo sentido já foi anteriormente destacado. Nas cinco primeiras entrevistas, houve as seguintes referências para o sentido da palavra: a) Fazer coisa errada e órgão genital (3 referências cada); b) Pornofonia e fazer sexo (2 referências cada); c) Objetos pessoais, passar mal, substância psicoativa e título funerário (1 referência). No fragmento anterior da sexta entrevista, negócio significa um misto de fazer sexo e fazer coisa ruim com o povo. Junto a isso, existe sofrimento associado aos episódios de violência doméstica, envolvendo a adolescente e sua genitora. O motivo não é dito de início, ou seja, é silenciado, mas fica claro e explícito no final do próximo fragmento.

L4. O que está acontecendo com você, me diga?

R4. Sei lá Leila, tá acontecendo tanta coisa lá em casa. Eu quebrei o secadô da minha mãe e ela mim deu uma porrada. Vê pra aqui como tá essa roncha no meu braço ((escorreu lágrimas dos olhos da entrevistanda, mas mesmo assim ela

continuou falando)). Tu achas que é mole a pessoa vivê assim, só acontece negócio rim cá pessoa, é f... !

L5. Na tua casa?

R5. Sim.

L6. Que tipo de coisa?

R6. Eu e mainha.

L7. O que tem acontecido?

R7. A gente tá brigano direto.

L8. Por quê?

R8. Porque sexta-feira, pronto... Como é que se dii... Eu fui na casa de tio (irmão da mãe), aquele tio.... Aí a gente começamos a bebê ((silêncio de dezenove minutos e seis segundos)) Aí rolô de novo, a gente se drogô e adepoi fazeu negócio de novo ((silêncio de cinco minutos e catorze segundos)). Depoi disso eu fiquei pió de tudo, de tudo mermo. Parece que mexeu cum aquelas coisa que tu já sabe. É muito rim o tio da pessoa forçá a gente fazê o que a gente num qué, eu me senti uma merda. Depoi ele ainda vem perguntá se eu tô precisano de calçado, roupa e produto de beleza ((silêncio de oito minutos e cinqüenta e seis segundos)). Aí depoi disso eu cumecei a ficá agressiva, tô até perdeno a memória. Ai vei eu mim esqueço-me das coisa, é... Bestera, eu num me alembro-me, é tipo assim, eu saio pra compra um negócio e quano eu chego num truxe, fico p... cumigo mermo, mai num sou que quero não, a senhora me entende?

L9. Você está assim depois desse dia que viste teu tio?

R9. ((começou a chorar, tremia o corpo quase todo, providenciei um lenço para a mesma que silenciou por quinze minutos)) Eu num tenho mai controlo das coisa, parece qu'eu num tô nim mim, sabe?

L10. Tu consegues me explicar melhor isso?

R10. ((silêncio de quarenta e nove minutos)) Eu acho qu'eu... O que eu vivi na minha infância tá voltano tudo, tudo, tudo... ((silêncio de sete minutos)).

L11. Por mais sofrido que seja falar sobre as tuas coisas é importante que você fale.

R11. ((Silêncio de três minutos)) A gente tava indo tudo bem, mai depois desse negócio cum meu tio, de sexta-feira, eu num sei mai de nada, vi? Eu num tenho mai controlo mai de nada, tá entendeno? Eu tô virada.

A narrativa da adolescente provoca uma reação emocional que deixa seu corpo trêmulo. Quando rompe o silêncio sobre a “recaída” do abuso sexual, afirma: pronto! De outra forma, pode ser dito: “Não vou me calar!”. Entretanto, sendo a temática difícil, pergunta a si mesma: “Como é que se diz?”.

Nesse momento, faz-se necessária a introdução do tema Competência, que foi iniciado pelo fundador da gramática gerativa – Noam Chomsky, como sendo para

designar a aptidão que têm os locutores de uma língua para produzir e compreender um número ilimitado de frases inéditas. Mas, em análise do discurso, não podemos contentar-nos com essa *competência pragmática* que contém as regras que permitem a um sujeito interpretar um enunciado com relação a um contexto particular (MAINGUENEAU, 2006, p.27).

Em movimento de saída de casa para rua, depois de nova briga com a genitora, por conta de um secador de cabelos, procura a família.

O que representava aquele cuidado necessário, expresso através de um pedido de abraço à pesquisadora, o tio oferece bebida alcoólica, junto com o uso de outras drogas. Os desdobramentos da embriaguez são relatados depois de um

silêncio de quase vinte minutos: *Aí rolô de novo, a gente se drogô e adepois fazeu negócio de novo.* Este estado de embriaguez parece ter sido silenciado por vergonha e também por não aceitar que esse “negócio” tenha novamente ocorrido.

Pode ser pensado que este tio é uma metáfora da droga. Numa situação de aflição, ela o/a procura, tendo provavelmente conhecimento de que encontraria e faria o “negócio”. Trata-se de algo ambíguo, pois ela “ficou pior de tudo”. Para a adolescente, foi difícil, pois “mexeu com aquelas coisas do passado”, qual seja, “ser muito ruim o tio da pessoa forçá-la a fazer o que não quer”.

Talvez nem quisesse, mas precisava do efeito da droga para aliviar a aflição, e, nesse caso, não pensou duas vezes: quis fazer “negócio”, ou seja, trocar seu corpo pela substância e outros “negócios” como calçado, roupa e produtos de beleza.

Diante da relação problemática com sua vida e com as drogas, além da falta da casa, ou seja, do apoio familiar, ela se sente “virada”, ou seja, “sem controle”. Isso provavelmente implica na necessidade crescente de usar “negócio” e para isso ter que fazer mais e mais “negócio”.

Um silêncio de sete minutos está relacionado com os conteúdos das lembranças pretéritas que estão voltando. Além disso, existe outra quebra de silêncio ao falar dos riscos que não apenas ela, mas a própria pesquisadora também corre risco ao produzir as condições para que esse tema seja produzido pela menina/mulher na/de rua.

Conceito advindo da psicologia social, reelaborado no campo da Análise do Discurso, por Pêcheux as “Condições de produção” servem para designar “não somente o meio ambiente material e institucional do discurso, mas ainda as

representações imaginárias que os interactantes fazem de sua própria identidade, assim como do referente de seus discursos” (MAINGUENEAU, 2006, p.30).

L12. Você consegue contar mais detalhes sobre isto ((estar virada))?

R12. Sei lá Leila, porque eu num acredito nessas escolhas não, tá entendeno? Eu num posso falá algumas coisas porque eles num deixa ((silêncio de cinco minutos e cinqüenta e seis segundos)). O pessoal das boca num deixa, inclusive, é... Como é que se dii... Tu tamem corre risco.

L13. Como assim? Eu corro risco? De quê?

R13. ((Silêncio de três minutos)) Tu sabe e num precisa nem eu falá, né mermo? A história de minha vida, sei lá... É uma história muito sofrida, muito triste, perversa, num tenho motivo de alegria, num tenho uma mocidade e depoi qu'eu tô cum esse pessoal, aí diga que lascô ((silêncio de nove minutos)). Tô presa a eles pru resto da vida ((silêncio de vinte e quatro minutos)). É pegá ou largá, a gente num sabe se acorda vivo, num sabe se vai amanhecê cu'a boca cheia de formiga ((deu um sorriso sem graça e meneou a cabeça)).

L14. Quem te levou para esses lugares?

R14. Eu num posso dizê o nome deles não ((silêncio de nove minutos)). Foram os home qu'eu já t.... ((silêncio de sete minutos e três segundos)). Tudo é maconhero safado, usa cola, maconha e tudo mai ((silêncio de oito minutos e cinco segundos)). Tu num pode dizê isso pra ninguém, vi? Me promete? Senão noi morre, vi?

L15. E tua mãe nessa história?

R15. Tá horrível, ela disse que ia me butá no Bom Pastor ((Colônia Penal Feminina de Pernambuco)).

L16. No Bom Pastor, por quê? Escuta: Bom Pastor é um local que só vai pra lá pessoas que cometeram crimes.

R16. Como é que se dii, pelos negócio qu'eu tô fazeno, entende? Porque ela acha isso errado, mai eu via ela fazeno todas essas coisa ((silêncio de oito minutos)), como é qu'eu num ia aprendê? Né mermo? A senhora concorda cum eu? Se a pessoa só vê desgraça, só aprende a mexê cum o que num presta ((silêncio de oito minutos)). Eu quero sê livre, eu quero andá, eu quero brincá, eu quero fazê as minha coisa, tá entendeno? Eu nunca tive nada disso ((silêncio de nove minutos)). Parece uma pessoa veia que num teve infância, nunca pude brincá de boneca como as otas criança fai.

L17. E o que ela tem dito estes dias?

R17. Num qué falá cumigo, eu peço as coisa a ela, ela pega e num me dá, produto de beleza, nada, nada ((silêncio de nove minutos)), nem carinho, né? Que é o qu'eu mai preciso inclusive dela, sabe? Se eu peço qualqué coisa a ela, aí ela dii, eu num vou te dá, tá entendeno? Você num merece nada. Enquanto eu num ti colocá no Bom Pastor, eu num assossego ((silêncio de sete minutos e nove segundos, chorou um pouco e em seguida falou)). É muito difícil vivê assim ((silêncio de oito minutos)). Por isso qu'eu já tentei me mata-me duas vei.

Estar “virada” significa que ela faz escolhas, mas não acredita nessas escolhas. Igualmente pode ser pensado que ela não foi tão livre assim pra escolher. Ela não está “presa” no Bom Pastor, conforme a adolescente relata ser o desejo da sua mãe, mas está “confinada” nas ruas.

Existe silêncio em relação a quem e ao como ela passou a conviver com o pessoal das “bocas”. Considera serem perigosos, risco que parece atingir, na percepção da entrevistada, a própria pesquisadora, que humanamente não deixou de sentir uma ponta de medo. Houve outros motivos para esse sentimento, conforme será abordado posteriormente.

Há um reconhecimento de que a “história da sua vida” é muito sofrida, triste e perversa. Isso não deixa de ser uma explicação adequada para o sofrimento e a “perversão” da adolescente.

Segundo relatório da psicologia, esse termo é derivado do latim *pervertere* (perverter), empregado em psiquiatria e pelos fundadores da sexologia para designar, ora de maneira pejorativa, ora valorizando-as, as práticas sexuais consideradas como desvios em relação a uma norma social e sexual. A partir de meados do século XIX, o saber psiquiátrico incluiu entre as perversões práticas sexuais tão diversificadas quanto o incesto, a homossexualidade, a zoofilia, a pedofilia, a pederastia, o fetichismo, o sodomasoquismo, o travestismo, o narcisismo, o auto-erotismo, a coprofilia, a necrofilia, o exibicionismo, o voyeurismo e as mutilações sexuais. Em 1997, a palavra perversão foi substituída, na terminologia psiquiátrica mundial, por parafilia, que abrange práticas sexuais nas quais o parceiro ora é um sujeito reduzido a um fetiche (pedofilia, sodomasoquismo), ora o próprio corpo de quem se entrega à parafilia (travestismo, exibicionismo), ora um animal ou um objeto (zoofilia, fetichismo).

Retomado por Sigmund Freud a partir de 1896, o termo perversão (desvio, socialmente condenado, da conduta comum, em especial na esfera sexual (...)) Os comportamentos mais correntemente citados como perversões são o exibicionismo, o fetichismo, a homossexualidade e a masturbação (CABRAL, A.; NICK, E.) foi definitivamente adotado como conceito pela psicanálise, que assim conservou a idéia de desvio sexual em relação a uma norma. Não obstante, nessa nova acepção, o conceito é desprovido de qualquer conotação pejorativa ou

valorizadora e se inscreve, juntamente com a psicose e a neurose, numa estrutura tripartite.

É uma infelicidade justificada pela falta de mocidade e de estar atrelada a pessoas envolvidas com o narcotráfico. Afirma que agora: “Lascou”! Depois disso, um silêncio de nove minutos, que também está diretamente relacionado com questões das “bocas de fumo”, ou seja, que não silencia, é calado/morto. Quando afirma estar presa a eles por toda vida, surge o maior silêncio até agora: vinte e quatro minutos. Narra literalmente: — “É pegá ou largá, a gente num sabe se acorda vivo, num sabe se vai amanhecê cu’a boca cheia de formiga”. Todo esse tempo parece denotar o silêncio imposto pelas “redes de tráfico”.

Está proibida por motivos de segurança de dizer quem a levou para as bocas. Considera-os todos maconheiros e safados. A participação da genitora parece agravar mais o sofrimento da adolescente, pois a mãe quer a sua prisão no presídio Bom Pastor.

Pode ser dito que a adolescente aprendeu na sua vida o seguinte “negócio”: fazer “negócio” pra usar “negócio”. Nesse ponto, vem a sua mãe, que também fazia ou faz “negócio”, achar errado os “negócios” que a filha está fazendo. Isso até parece natural, se a “pessoa só vê desgraça, só aprende a mexê cum o que num presta”. Ao contrário, era seu desejo ser livre, querer andar, querer brincar como qualquer criança brinca, mas não pôde.

A sua mãe não quer falar com ela e não lhe dá nada, nem carinho, considerado aquilo que ela mais precisa, segundo a adolescente. A genitora parece que somente ficará tranqüila quando a filha estiver presa no Bom Pastor. Nesse sentido, fazer “negócio” pode ter outro sentido, o de “fazer raiva” à própria

mãe. Enfim, esses foram os motivos que a levaram a tentar suicídio. Dito de outra maneira, parece ter sido um caminho encontrado para que continuasse viva.

L18. Fale-me dessas duas vezes que você tentou suicídio?

R18. É... Uma vez foi com a faca nos braços ((apontou para o pulso)) e outra vez foi ((silêncio de sete minutos, chorou e continuou falando)) quando eu botei um monte de comprimido na boca e engoli. Aí a desgraçada me pegou e me levou pro hospital ((silêncio de cinco minutos)). Num era pra ela ter feito isso não. Deixava eu morrer, num é isso que ela quer? Pra me botar no Bom Pastor era melhor que eu tivesse morrido ((silêncio de nove minutos)). Ela me trata como uma pessoa qualquer. Eu quero dizer as coisas, os negócios pra ela, mas ela num escuta, só reclama ((silêncio de dois minutos)). Aí eu pego e faço essas coisas, fico fazendo bem muita raiva a ela, só por isso, ela num acredita, num acredita, num acredita, de jeito nenhum comigo ((silêncio de dois minutos e quarenta e cinco segundos)). Aí a pessoa fica assim, desse jeito, fazendo só coisa errada, tudo o que num presta, sai copiano os outros, sabe?

Nesse fragmento de entrevista, são bastante empregados os conectivos: os morfemas que estabelecem uma ligação entre duas proposições (MAINGUENEAU, 2006, p.31), como, por exemplo: “ai, é, como é que se diz” como que dando coerência e coesão em seu discurso. A coerência constituindo-se o objeto da Lingüística textual, propiciando uma “unidade” no dito para, então, produzir um “texto”. A coerência, apoiada na coesão, intervém não linearmente e está associada ao contexto vivido pela menina na rua/mulher de rua.

No que tange ao EU, nessa entrevista, aparecem as seguintes referências verbais:

1 - Decisão de não telefonar para a pesquisadora (R1: estava tão ansiosa pra *falá*, agora fiquei sem palavra; R2: pensei em saí [da escola]; R2: fico *pensano*; R2: eu *chorano*, eu *fii* de tudo pra *tentá arrumá* um cartão; R2: pensei; R2: alembrei-me que a senhora tava *dano* aula; R2: não vou *ligá* não [para a entrevistadora]).

2 - Briga na ONG (R2: peguei uma briga aqui *dento* do projeto; R2: não gosto dela e eu encontrei cum ela na aula sexta-feira [adolescente assistida pelo CMV]).

3 - Estado de embriaguez (R2: eu já tava *beba*).

4 - Vontade de não fazer nada, só maldade (R2: eu não tava a fim de fazê [serviços no CMV]; R3: eu *num* queria, *num* tava *cum* vontade de *fazê* nada); R3: a única coisa qu'eu queria *fazê* era maldade; R4: eu quebrei o *secadô* da minha mãe).

5 - Sexo com o tio materno para poder consumir por uma necessidade de um falso prazer (R8: eu fui na casa de tio [irmão da mãe], aquele tio [com quem tem relações sexuais e faz uso de drogas]; R8: *depoi* disso eu fiquei *pió* de tudo, de tudo *mermo*; R8: eu me senti uma merda; R8: se eu *tô precisano* de calçado, *ropa* e produto de beleza; R8: aí *depoi* disso eu *cumecei* a *ficá* agressiva; R11: eu *tô* virada; R12: eu *num* acredito nessas escolha).

6 - Impulsividade e alheamento (R8: eu *mim esqueço-me das coisa*; R8: eu *num* me *alembro-me*; R9: eu *num* tenho *mai controlo das coisa*; R9: parece qu'eu *num* *tô nim mim*, sabe? R10: o que eu vivi na minha infância tá *voltano*; R11: eu *num* *seio mai* de nada).

7 - Atrelamento aos traficantes (R12: eu *num* posso *falá* algumas coisa porque eles *num* *deixa*; R13: *tô cum* esse pessoal, aí diga que lascô; R14: eu *num* posso *dizê* o nome deles não; R16: *pelos negócio* qu'eu *tô fazeno*).

8 - Aprendizagem com a mãe (16: eu via ela *fazeno* todas essas coisa; R16: como é qu'eu *num* ia *aprendê*).

9 - Desejo de ser livre (R16: eu quero *sê* livre, eu quero *andá*, eu quero *brincá*, eu quero *fazê* as minha coisa; R16: eu nunca tive nada disso).

10 - Tentativas de suicídio (R17: qu'eu já tentei *me mata-me duas vei*; R18: era *melhó* qu'eu tivesse morrido; R18: aí eu pego e faço essas coisa).

Quanto ao TU, aparecem as seguintes referências verbais:

1 - Cuidado com a entrevistadora (R2: [EU não telefonou porque] Leila tá dormindo).

Obs.: EU fala do TU como ELE, mas é a TU que EU se refere.

2 - Desejo de concordância (R4: TU acha que é mole a pessoa *vivê* assim, só acontece negócio *rim cá* pessoa, é f... !).

3 - Suposto saber (R12: TU sabe e *num* precisa nem eu *falá*, *né mermo?*).

4 - Pedido de sigilo (R14: TU *num* pode *dizê* isso pra ninguém).

No caso do silêncio, são abordados os seguintes tempos e contextos:

1º (R2: 2m43s) Ao pensar sobre os acontecimentos da sua vida e da sua vontade de sair da escola e ir definitivamente para a rua.

2º (R2: 57s) Ao referir a decisão de não telefonar para a entrevistadora a fim de não incomodá-la.

Em contraposição aos vinte e oito minutos de silêncio da entrevista anterior observou-se nesta entrevista apenas seis minutos. A mortificação da adolescente parece estar mais presente, principalmente quanto ao fato de ter que silenciar – para não morrer – pelas ameaças dos traficantes das “bocas de fumo”. Este silêncio apresentando uma conotação de constitutivo desse sujeito vilipendiado

em seu direito constitucional de ir e vir. O desejo de ser livre expressado pela menina/mulher parece ter sido silenciado por si mesma quando tenta se silenciar – a tentativa de suicídio.

3.7 Sétima entrevista (17/05/06):

Nessa entrevista, a menina/mulher de/na rua chegou mortificada. Vestindo preto, parecia estar de luto, pela sua “morte” ou da própria genitora. Esta é iniciada com um silêncio de mais de quarenta e três minutos. Bastante tempo que parece demonstrar sua condição de estar sendo silenciada. Mesmo nessa condição, parece estar elaborando a sua fala, como que vomitando indignação e dor.

R1. (...) Segunda-feira eu acordei de madrugada com minha mãe mamano no meus peito e meu padrasto g..... em cima deu, achei que tava sonhando, mai depoi vi que era verdade ((silêncio de seis minutos)). Ele segurô meus braço e minha mãe começô a me lambê. O que ela mandava ele fazia. Depoi ele enfiô o negócio dele nim mim e eu só me alembro-me que dei um grito e depoi num me alembro mai de nada ((silêncio de nove minutos)). Quano eu deu por mim, mainha tava limpano meu corpo da g... dele e rino. Eles tava bebo e drogado, os oio deles tava tudo vermelho. Bio ((nome fictício)) pegou no meu negócio abriu assim ((fez um gesto de abertura com as mãos)). Ele só podia tá maconhado ((chorou e continuou falando)) e ela tamém, aquela p.... num podia tê feito isso cum eu ((silêncio de nove minutos)). Eu fiquei toda doída e ardida, num podia nem me assentá, nem fazê xixi que meu negócio ardia que só pimenta malagueta.

Ela se acordou subitamente presenciando um “pesadelo”, o incesto. Era uma cena tão “orgânica” que parecia não haver limites entre o sonho e a

realidade. Era indiscutível, na estrutura da narrativa, que se desenvolvia um episódio de violência, naquele sentido mais abrangente de *vis*, significa força, irrupção. Sua conotação negativa, no emprego popular do vocábulo, resulta que violência se opõe à suavidade, à doçura (AZEVEDO, 1989). A menina tinha os braços segurados pelo padrasto e sua mãe a usava como objeto sexual. Em seguida, a violência psicológica torna-se violência física através da consumação do estupro, com suas conseqüências de dor. Houve um “apagamento” – silêncio local como censura, ou seja, o absurdo desse ato perpetrado com ela e ao recobrar a consciência a mãe limpava o corpo da filha, não se sabendo se exercia uma função materna ou escondendo a prova “documental” do crime. Inclusive observou-se nesse “apagamento” a utilização de alguns “recursos expressivos” (... entonação, pausa..., VANOYE, 1998, p.37).

Existe uma constatação de que tanto a mãe quanto o padrasto estão, provavelmente, sob efeito de álcool e outras drogas, sintetizadas na categoria de “maconhado”. Posteriormente, vem a conclusão que uma mãe não poderia ter feito aquilo e que a sua mãe não poderia ter feito isso com ela.

Surge um desejo de vingança. Assim como observou-se no discurso da adolescente o inverso de uma figura sintática denominada *litote* – consiste em dizer pouco para exprimir muito (VANOYE, 1998, p.49), ou seja, descreveu com intensidade o sentimento de enojamento da entrevistanda pela genitora.

R1. (...) Depois eles foram dormi no chão da sala, aí mim deu uma vontade de pegá uma faca e matá os dói, mai aí eu me alembrei-me que ela queria me vê no Bom Pastor ((chorou e continuou falando)). Eu num podia fazê isso, eu ia dá muito esse gostinho a ela. Eu acho que uma mãe de verdade num ia fazê isso com a própria

fia, né mermo? Depoi eu me alevantei, tomei um banho, fiquei toda de preto e sai sem destino, minha cabeça tava uma merda, eu tava me achando a pió das pessoa ((desde esse dia a entrevistanda usou vestimentas, esmalte e batom de cor preta)). Naquele momento, eu queria me jogá debaixo dum caminhão, tomá veneno, qualqué coisa passava a dor qu'eu tava sentino. ((de repente ela impacientou-se, pediu que terminássemos e nos despedimos)).

A mãe e o padrasto dormindo no chão parecem revelar um significativo alheamento ao que aconteceu, mesmo havendo transgressão a certos preceitos morais. Provavelmente sob efeito das drogas, dormiam profundamente, vindo a adolescente a vislumbrar uma oportunidade de matar os dois. Deu-se conta de que fazendo isso, seria encaminhada para o Bom Pastor, o que, na verdade, não ocorreria, mas sim à Gerência de Polícia da Criança e do Adolescente (G.P.C.A.).

Para Maingueneau (2006, p.33), a Análise do Discurso relaciona os enunciados com seus contextos mesmo

freqüentemente por essa característica. Mas ela não estuda de maneira imanente os enunciados para em seguida relacioná-los a diversos parâmetros “exteriores”, situacionais: ela se esforça, pelo contrário, a apreender o discurso como uma atividade inseparável desse “contexto”.

O que ficou explícito nesse interstício discursivo da menina na rua foi a inadmissibilidade da ocorrência desse estupro em seu contexto familiar(?).

Apesar de não ter cometido o matricídio, percebeu que uma “mãe de verdade” não faria aquilo, ou seja, se sua mãe era “falsa”, ela não mais existia, portanto, estava morta. Entretanto, quem parece que morreu, daí ter vindo mortificada para esta entrevista, foi a própria adolescente. Vestindo a cor preta nas roupas e a usando nos adereços, trata-se na física da ausência de luz. Sente-

se a pior das criaturas, tendo vontade de se suicidar, como estratégia de alívio. Diante da inquietação, ela parte.

A menina na rua/mulher de rua parece estar revoltada e pesarosa extravasando esses sentimentos através da fala do seu corpo e de seu discurso aqui tomado em sua acepção mais ampla, aquele

que ele tem precisamente na *análise do discurso*, esse termo designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem: este último não é considerado aqui como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados. Nesse emprego *discurso* não é susceptível de plural: dizemos o discurso, o domínio do discurso *etc.* Por supor a articulação da linguagem sobre parâmetros de ordem não lingüística, o *discurso* não pode ser o objeto de uma abordagem puramente lingüística (MAINGUENEAU, 2006, p.43)

Apareceram nessa entrevista as seguintes referências verbais quanto ao EU:

1 - Violência sexual (R1: eu acordei de madrugada [com minha mãe *mamano* no meus peito e meu padrasto g..... em cima deu]; R1: achei que tava *sonhano*, *mai depois* vi que era verdade; R1: [Depois que o padrasto penetrou EU] dei um grito e *depoi num me alembro mai* de nada; R1: Eu fiquei toda doída e ardida, *num* podia nem me *assentá*, nem *fazê* xixi [sentiu ardor uro-vaginal]).

2 - Vontade de matar o casal (R2: aí *mim* deu uma vontade de *pegá* uma faca e *matá os dói*, *mai aí eu me alembrei-me* que ela queria *me vê* no Bom Pastor; R2 Eu num podia *fazê* isso, eu ia dá muito esse gostinho a ela).

3 - Perder o rumo após o estupro (R2: eu me *alevantei*, tomei um banho, fiquei toda de preto e sai sem destino); R2: minha cabeça tava uma merda, eu tava me *achano a pió das pessoa*).

4 - Vontade de se suicidar (R2: eu queria me *jogá* debaixo *dum* caminhão, *tomá* veneno, *qualqué* coisa passava a dor qu'eu tava *sentino*).

No caso do tempo e do contexto do silêncio na sétima entrevista, foram encontradas as seguintes situações:

1º (R1: 9m): Descrição dos detalhes dos atos libidinosos praticados pela genitora, imobilização corporal e penetração vaginal dolorosa perpetrada pelo padrasto.

2º (R1: 9m) Expressão de raiva e indignação pela genitora, que provavelmente como o padrasto também estava sob efeito de maconha, ter participado do estupro.

3º (R1: 6m) Relato de estupro perpetrado durante uma madrugada contra a adolescente pela genitora e padrasto.

Concluindo esta entrevista, observou-se que o tempo total de silêncio vem aumentando progressivamente, perfazendo, nessa entrevista, um total de vinte e cinco minutos. Isso denota a significância dos temas abordados pela mesma, tais como: violências de todos os tipos, desejo de suicídio e o ato mais violento descrito nesta história de vida, a cumplicidade materna num ato de estupro. Trata-se de um fato que contradiz a própria teoria, quando aborda a ausência de participação da genitora neste ato.

3.8 Oitava entrevista (24/05/2006):

Esta entrevista foi um divisor de águas na história de vida da menina/mulher. Em primeiro lugar, volta acabrunhada, trajando preto, sendo uma cor que simboliza a morte. Mortificada, estava sem controle no uso de drogas, comportamento igualmente silenciado. Parecia estar sob profundo pesar e tristeza, meio cansada e revoltada, dizendo que seu pai foi preso.

R1. Aquele desgraçado foi preso.

L2. Como ele foi preso?

R2. Pela polícia. Naquele dia, eu fui na casa do meu pai e disse tudinho a ele e minha madrasta ainda disse que era mentira deu. Ainda bem que meu pai acreditô nim mim. Foi lá na casa de Bio pra pegá minha mãe. Chegô lá, butô o revólvi na cara dela e disse: — Que história é essa, hein, sua p...? Na hora qu'ele ia metê bala nela, eu dei um grito. Aí ele danô bala no fogão. Todo mundo escutô e foram chamá Bio, só que quano ele chegô, meu pai já tinha corrido por detrai da cerca. Ele foi na delegacia e a polícia pegô foi meu pai ((chorou)), que num tinha nada a vê cum a história. Quem era pra tá preso era ele e ela. Depoi daquele dia eu tô cheirano todo dia, só num cherei hoje porque vinha falá com a senhora. Eu gosto muito da senhora, num sabe? ((silêncio de trinta e quatro minutos)).

Chamar o pai de “disgraçado” parece conotar uma “figura lógica”. Esta conceituada como as que agem sobre o valor lógico da frase, sobre sua ordem habitual ou sobre a estrutura de conjunto do enunciado, entendendo-se que este normalmente se apresenta seguindo uma ordem ou progressão “lógicas” (VANOYE, 1998, p.51), a *antífrase* (consiste em exprimir, pelo discurso, uma diferente do que disse, por ironia (Op.cit., p.49), assim como pode estar associado ao fato de que com essa atitude, a “disgraça” está solta, estando preso o próprio pai. Este, era menos violento do que a mãe, o que o tornava relativamente cuidador. O pai fora o único a acreditar na menina e com arma de fogo ia se vingar do sofrimento da filha e descarregar a sua raiva diante de uma mulher que provavelmente já o havia traído. Toda a tensão da cena é deslocada para um tiro dirigido ao fogão, símbolo popular e tradicional da dona de casa. A mãe não cumprira esse papel. A fuga do pai é a fuga de outra vítima culpabilizada.

Assim como apresentou a “retomada de um segmento por outro, num mesmo conjunto textual” o que de acordo com (MAINGUENEAU, 2006, p.51), é uma relação profundamente assimétrica e tem um papel essencial na coesão textual.

O conceito de anáfora é empregado em um sentido amplo, designa a retomada de um segmento por um outro situado depois. Ele opõe-se à catáfora, relação na qual o segmento que retoma é situado antes daquele que ele retoma (Op.cit., 51). Ainda de acordo com esse autor, o estudo das endóforas lexicais é de grande valia para a Análise do Discurso, pois permite evidenciar opções ideológicas implícitas.

Nesse momento, aparece com mais nitidez o fenômeno da transferência, conceito tributário da psicanálise e que ocorre nas relações humanas. A ausência de pessoas que garantam suporte para a menina, faz da entrevistadora ser apenas a única pessoa que parece restar. Antes havia a avó, já morta e agora a entrevistadora cuja morte é também temida. Trata-se de um risco real ou imaginário? A narrativa da adolescente contém elementos significativos da sua fantasia imaginária?

*R2. (...) Eu num seio o que seria deu se a senhora num existisse, acho que ia ficar
mai difícil pra mim. Agora tá lá, meu pai preso e a desgraça solta, vendeno e
fumano negócio toda hora ((silêncio de quatro minutos)). Ele disse aos povo que ia
mandá matá meu pai, só pra ele aprendê a num chegá nas casa dos oto e se
metê nas coisa que num deve. Eu tô cum medo qu'ele faça alguma coisa comigo
tamém ((silêncio de oito minutos e doze segundos)). Ele parece que tem parte
cum o cão, só pode sê, o capiroto deve de andá cum ele. O pió é que eu num
posso nem ir vê painho na cadeia. Eu queria mostrá meus peito como tão roxo.
((levantou a blusa e mostrou as mamas que estavam com presença de*

hematomas)) Veja se isso tá certo? Uma mãe pode deixá o cara fazê isso com a pessoa? Eu já achava que ela mim odiava, mai não assim, sabe? Ele tem uns cara que é amigo dele, que fai até medo a pessoa olhá. São tudo mal encarado, os cabelo tudo vermelho, parece uns doente... Eu vou até pará de falá deles senão a senhora pode se complicá.

Relatando ao pai e à madrasta que fora vítima de estupro, a esposa não acreditou na sua narrativa, mais uma vez na sua história de vida. Trata-se do estigma da menina problemática, safada e louca, conforme muitos a vêem, não sendo vistas as marcas dos hematomas pelos outros. Algo menos proibido mostrar os seios feridos, do que uma genitália machucada. Enfim, para haver esta visibilidade, a menina tem que se despir, mostrar a privacidade da sua vida, as contradições da sua casa, a ruptura do silenciamento na violência doméstica.

O sentimento de medo parece surgir do sentimento de impotência diante da injustiça. Não é certo uma mãe fazer isso, um pai reivindicar direitos e ser preso, assim como ela e a própria entrevistadora estarem sob o jugo do poder da bandidagem. Esta vista como um poder demoníaco, que pode complicar a vida das pessoas.

Além disso, fez uso da função fática da linguagem. Esta como sendo para o antropólogo Malinowski (1923, p.315) um tipo de discurso no qual os laços da união são criados por uma simples troca de palavras. Já para Jakobson (1963, p.217), ela visa estabelecer e manter a comunicação. Nesse sentido, dando continuidade às suas catarses e “cuidando” da pesquisadora.

L3. Como assim, me complicar?

R3. Ela sabe qu'eu tô aqui cum a senhora e acho que já disse a ele. A senhora num tem medo, não?

L4. Não tenho medo e também acredito que ele não vá fazer nada comigo, até porque estou na instituição e [

R4. [Ele sabe a cô do seu carro, é preto, né?].

L5. É preto, mas existem vários carros pretos, concordas?

R5. É, mai... Eu num sei não, viu? Acho que a senhora tem que tê cuidado. Eu já disse a mainha, se ele fizé alguma coisa com a senhora, eu mato ele.

((Pedi que encerrássemos a entrevista justificando ter umas coisas a resolver)).

Trata-se de uma história de vida que amedronta. Marcada por silêncios, estes sendo quebrados poderiam haver retaliações por conta da divulgação de nomes e delitos: venda e consumo de drogas, abuso sexual de menores, tentativa de homicídio, lesão corporal, entre outros.

Maingueneau (2006, p.73) retrata uma definição que se coaduna com presente estudo – “gênero discursivo” que

são os dispositivos de comunicação sócio-historicamente definidos: os fatos diversos, o editorial, a consulta médica, o interrogatório policial, os pequenos anúncios, a conferência universitária, o relatório de estágio *etc.*

Ainda com o mesmo autor:

a Análise do Discurso por relacionar falas a lugares atribui-lhes um papel central. A diversidade dos *gêneros de discurso* é muito grande: ao lado de *gêneros* que podem parecer muito estáveis – há outros mais fugazes, como o jornal da televisão. O ponto mais delicado consiste em paralisar a proliferação dos *gêneros*: podemos distinguir uma imensa variedade de *subgêneros* de cotidianos sensacionalistas ou de manuais de matemática (Op. cit).

Além dessas definições importantes para essa dissertação, o gênero discursivo estabelece:

1. O *status* respectivo dos enunciadores e dos co-enunciadores;
2. As circunstâncias temporais e locais da enunciação;
3. Os temas que podem ser introduzidos;
4. A extensão, o modo de organização *etc.*

Ao mesmo tempo em que a menina avisa desses riscos e aconselha maiores cuidados, é criada na situação de entrevista um clima de tensão, estimulado pela possível invasão do espaço do cotidiano da entrevistadora, por estas forças sem controle. A própria adolescente avisa que se vingaria, caso acontecesse algo com a entrevistadora. Neste clima em suspenso, a entrevista termina, mais ainda porque a entrevistanda afirma “ter coisas para resolver”.

Observaram-se, nessa entrevista, as seguintes referências verbais quanto ao EU:

- 1 - Tentativa de buscar ajuda (R2: eu fui na casa do meu pai);
- 2 - Perda de controle com as drogas (R2: eu *tô cheirano* todo dia, só *num cherei* hoje porque vinha *falá cum* a senhora.);
- 3 - Gostar da entrevistadora (R2: eu gosto muito da senhora; R2: eu *num sei* o que seria *deu* se a senhora *num* existisse, acho que ia *ficá mai* difícil pra mim);
- 4 - Medo de ser assassinada (R2: eu *tô cum* medo qu’ele faça alguma coisa comigo *tamém*);

5 - Vontade de mostrar as marcas da violência nos seios ao seu genitor (R2: eu *num* posso nem ir vê painho na cadeia; R2: eu queria *mostrá* meus peito como tão roxo);

6 - Percepção do ódio materno (R2: eu já achava que ela *mim* odiava);

7 - Decisão de se calar (R2: eu vou até *pará* de *falá*);

8 - Ameaça de vingança caso algo ocorra com a pesquisadora (R5: eu já disse a mainha, se ele *fizé* alguma coisa *cum* a senhora, eu mato ele).

No que se refere ao TU, aparecem:

1 - Alerta à pesquisadora (R2: acho que a senhora tem que *tê* cuidado; R4: ele sabe a *cô* do seu carro).

No caso do tempo e do contexto do silêncio, foram referidas as seguintes situações:

1º (R2: 34m) Estar “cheirando” sem controle — tendo parado porque hoje era dia de “conversar” com a entrevistadora —, depois que o pai foi tomar satisfação com a genitora e o padrasto, e por ter chegado a atirar no fogão da casa da ex-mulher, veio a ficar preso na delegacia.

2º (R2: 8m12s) Expressa medo de ser assassinada pelo padrasto, estando este a ameaçar de morte o genitor da adolescente, por ele ter tomado satisfações por conta do estupro que a filha sofreu.

3º (R2: 4m) Ao relatar que a “desgraça” está solta, pois seu pai continua preso, e ela está vendendo e usando drogas o tempo todo.

Concluindo essa entrevista, observou-se a necessidade de silenciar por parte da adolescente que, ameaçada pelos futuros assassinos do genitor, parece

estar acuada e, mesmo assim, resilientemente tenta proteger a pesquisadora. Teme que algo de ruim aconteça e deseja que o pai a proteja.

3.9 Nona entrevista (31/05/2006):

Na entrevista anterior, a adolescente disse que tinha coisas para resolver. Volta trajando as mesmas roupas e inicia a entrevista chorando a dor e a raiva, outra ambigüidade subjetiva.

A afirmação de ter “coisas para resolver” parece dizer respeito à prisão do pai, talvez questões pertinentes à sua própria pessoa. Alguns desses conteúdos estão, a nosso ver, como implícitos, pois segundo Maingueneau (2006, p.81) “podemos tirar de um enunciado conteúdos que não constituem, em princípio, o objeto verdadeiro da enunciação, mas que aparecem através dos conteúdos explícitos. É o domínio do *implícito*”.

L1. Bom dia, como vão as coisas?

R1. ((Colocou as mãos no rosto, chorou muito e falou)) Mataram ele. Aquele desgraçado disse que ia fazê e fei. Aquele p... da r... piquena acha que é muita coisa, só que ele num é nada, merda nenhuma. E eu já disse a um comparsa dele que ia me vingá. Eu já disse e vou dizê de novo, eu vou me vingá daquele nojento ((silêncio de quarenta e cinco minutos e quatro segundos)).

Apresenta o mais longo silêncio entre todas as entrevistas, quarenta e cinco minutos. Parece ser um silêncio dos vencidos. O pai, uma pessoa muito querida pela adolescente, foi assassinado – silenciado – por outro “disgraçado”, o seu padrasto estuprador, tendo como cúmplice em ambos os crimes, a própria mãe. A

adolescente também corre risco de morte, assim como todos que a circundam, inclusive, segundo seu relato, a própria pesquisadora.

L2. Quem foi que matou ele?

R2. Foi Bio. Ele só esperô que ele fosse solto da cadeia e pei ((fez uso das mãos sinalizando uma arma atirando)). Agora eu vou mermo pru Bom Pastor, como aquela desgraça disse. Passou a vida inteirinha dizeno ((chorou e argumentou)). Você não acha qu'eu tô certa? ((respondi que não cabia fazer justiça com as próprias mãos e que não traria o pai dela de volta, logo em seguida ela continuou)). Só por causa daquele p..... veio ((órgão genital da mãe)), ele matô meu pai, que sempre foi melhó do que ela ((silêncio de trinta e quatro minutos)). Nem pru enterro eu pude ir, porque eles tão quereno me pegá-me tamém, a senhora sabe, né? Aquele desgraçado tem uma reca de macho safado ao lado dele e pode mandá matá qualquer um de nói.

L3. Um de nós, como assim?

R3. Ele já disse que esse pessoal do Centro tá tudo f..... na mão dele. Eu tenho muito medo pela senhora que num tem nada a vê com a história, pagá o pato, sabe?

O padrasto apenas esperou a soltura do pai da adolescente e o feriu mortalmente com arma de fogo. Parece estar sendo cumprida no imaginário da menina, a maldição da própria mãe de que ela ficaria presa no Bom Pastor. Esta instituição parece representar o espaço da rejeição, da exclusão, da reclusão, enfim, da mortificação institucional. Trata-se de uma competição entre mulheres? Entre uma sexualidade mais nova e mais velha?

Um conceito observado nessa penúltima entrevista e bastante utilizado na Análise do Discurso é o de Inferência

trata-se de uma proposição tirada de uma outra através de uma regra, consciente ou não. São geralmente designadas dessa forma as proposições implícitas que o co-enunciador pode tirar de um enunciado apoiando-se nesse mesmo enunciado ou em informações tiradas do contexto da enunciação (MAINGUENEAU, 2006, p.84)

Fica claro que o motivo do homicídio foi a própria mãe, representada chula e metonimicamente por uma genitália velha. Uma dor expressa em trinta e quatro minutos. Tempo que parece ter sido de reflexão e ressignificação pela tamanha dor.

A adolescente não pode visitar o pai na cadeia por ser menor, e nem pode ir ao enterro porque sabe estar sendo visada pelo grupo do padrasto. São ameaças que atingem até os profissionais participantes da referida ONG.

L3. Um de nós, como assim?

R3. (...) Eu tenho fumado muito, o tempo todo, pra tentá esquecê, sabe? Eu tô na rua cum umas amigas, a gente transa quase toda hora cum os home, pra vê se arruma dinheiro pra comprá negócio. Eu seió qu'eu vou morrê mermo, então pronto, pra que ficá fazeno as coisa certa. Eu quero é que todo mundo se f..., menos a senhora. Se eu pudesse eu lhe colocava numa caxinha e fechava e só abria quano tudo isso passasse ((silêncio de trinta e dois minutos)).

Como seu pai foi morto inocentemente, a adolescente teme que o mesmo ocorra com a pesquisadora e novamente exacerba um clima de tensão na entrevista. Surge com clareza a conclusão do rito de passagem para a rua: esquecer. Isso através do uso excessivo de *Cannabis sativa* e a prostituição exaustiva, em busca do ciclo dinheiro e drogas, drogas e dinheiro.

L4. *Você acredita que me colocar nesta caixinha, eu estaria protegida?*

R4. *((Silêncio de nove minutos)). Acho que sim, pois ele não lhi acharia e não faria nada de mal cunhigo, né? ((anui meneando a cabeça e agradece pela preocupação comigo)) Acho que devo ir embora daqui do projeto pra num colocá em risco a vida dos oto. Ele já disse por lá que num tava esquecido qu'eu tava aqui não, qu'eu conto tudo isso pra vocês daqui ((silêncio de quatro minutos e doze segundos)).*

Um conceito utilizado pela Análise do Discurso que parece ter a ver com este fragmento discursivo é o de “Lugar”. Este dizendo respeito “à identidade dos parceiros” (MAINGUENEAU, 2006, p.93). Já para Pêcheux (1969, p.18), esse termo lugar está referido a

status socioeconômicos dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos (patrão, empregado...) às formações imaginárias, isto é, a imagem que os participantes do discurso fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.

Ela se levantou, deu um abraço demorado na pesquisadora e saiu da sala. Era a penúltima entrevista.

Nessa entrevista, foram observadas as seguintes referências verbais quanto ao EU:

1 - Desejo de vingança (R1: eu já disse a um comparsa dele que ia me vingá; R1: eu já disse e vou *dizê* de novo; R1: eu vou me *vingá* daquele nojento; R2: agora eu vou mermo *pru* Bom Pastor);

2 - Preocupação com a entrevistadora (R3: eu tenho muito medo pela senhora que *num* tem nada a vê com a história, pagá o pato);

3 - Abuso de drogas psicoativas (R3: eu tenho fumado muito; R3: eu *tô* na rua *cum* umas amiga).

4 - Menina marcada para morrer (R3: eu *seio* qu'eu vou *morrê mermo*; R3:eu quero é que todo mundo se f...).

No que tocante às referências verbais TU, aparecem:

1 - Cuidado com a entrevistadora (R3: se eu pudesse eu lhe colocava numa *caxinha*).

No caso da nona entrevista, são referidos os seguintes silêncios e situações em ordem decrescente:

1º (R1: 45m4s) Jura de vingança do genitor que foi assassinado pelo padrasto.

2º (R2: 34m) Reafirma desejo de vingança pelo assassinato do genitor, comparando-o com a genitora: Ele foi “sempre melhó do que ela”.

3º (R3: 32m) Revolta contra todo mundo, menos com a pesquisadora, a quem expressa o desejo de guardar dentro de uma caixinha.

4º (R4: 4m e 12s) Intenta ir embora do CMV com o objetivo de assegurar a vida dos seus componentes, já que o padrasto sabe que ela conta a sua história de vida.

Após o assassinato do genitor, a adolescente mortifica-se. Parece que o tempo de aproximadamente duas horas de silêncio constitui essa mortificação. Ainda sentindo tamanha perda preocupa-se com a vida da pesquisadora e dos componentes da instituição que lhe acolheram.

3.10 Décima entrevista (05/06/2006):

As atitudes da entrevistanda nesta última entrevista foram similares às da anterior, principalmente no que diz respeito aos movimentos dos sentidos e

significados. Apresentou-se mais uma vez com as mesmas vestimentas e exalava um mau cheiro muito forte. Parecia não ter tomado banho desde o nosso último encontro. Além disso, exalava odores de álcool e cigarro. Seus olhos estavam vermelhos e demonstrava embriaguez. Não concatenava os pensamentos, queria falar, mas não conseguia e, às vezes, emitia risos. Apresentava desorientação têmporo-espacial.

R1. Que dia é hoje mermo?

A entrevistadora fez a seguinte pergunta:

L2. Como você está se sentindo?

R2. É. Nem seio. Acho que tô f..... ((silêncio de trinta e dois minutos)).

L3. ((Cerrou os olhos, começou a roncar e fazer algumas caretas. Balbuciava algumas palavras quase ininteligíveis)).

R3. Sai p.... Tá doendo c..... Eu vou ti matá desgraça. Tu me paga Bio nojento.

L4 ((Após esta obnubilação da consciência, repentinamente abriu os olhos)).

R4. Ainda bem que tu tá aí. Durmi na praça, ninguém merece. Tô na rua derna daquele dia, eu e umas colega. Tamo pintano miséra por aí ((silêncio de doze minutos e dois segundos)). Tenho uma coisa pra ti contá. Eu tô cum um escorrimento da p..., Tá até fedeno. Tu tá sentino a catinga? Acho que peguei duença cum aqueles p.... Agora tamém é o seguinte: eu quero que todos ele pegue ((silêncio de quarenta e cinco minutos)).

L5. ((Novamente a consciência se estreita e ela dorme, chegando a roncar e a babar. Aparentava estar muito cansada. Quando se “acorda”, pergunto:)) Onde você este esteve estes dias?

R5. Por aí ((silêncio de trinta e um minutos e dez segundos e novamente recosta a cabeça e mais uma vez “cochila”. Logo após, meneia a cabeça e pergunta:)) O que foi mermo qu’eu tava falano?

Observou-se nessa entrevista um fenômeno comunicacional denominado por Maingueneau (2006, p.100) como sendo “comunicação multicanal”, que é o fato de ser um

sistema de múltiplos canais no qual o sujeito (por suas palavras, suas posturas, sua distância, suas roupas...) participa a todo instante, quer ele o queira ou não. (...) Mas não é fácil determinar o papel respectivo desses diversos canais e a maneira como eles se sincronizam no interior de uma troca.

A menina, mesmo tendo saído do espaço da casa e chegado na rua, ainda se encontra num estado de liminaridade, seja entre a vigília e o sono, e entre o saber e o não saber. Apesar disso, tem consciência de que sua situação de vida não está nada boa. Nesses estados de transe, talvez provocados pela carência de sono ou excesso de drogas, fala com seus fantasmas, em solilóquio, seus demônios de dor e de raiva, representados, principalmente, pelo padrasto.

Saindo desse estado de transe fala da importância da presença da pesquisadora e da sua condição de dormir na praça há cerca de uma semana. Não existem mais limites e a ausência de cuidados é absoluta, sem banho e com infecção geniturinária. Ainda entremeia momentos de estreitamento da consciência. Existe uma fadiga nessa “luta” em continuar viva mesmo estando mortificada.

L6. Eu perguntei de novo, onde você andou?

R6. Tava na rua, aliás, a rua é o meu lugá ((silêncio de trinta minutos)). Não pensava qu’eu ia chegá a ficá desse jeito. Tô pareceno um trapo humano. Tô f....

e mal paga ((sorriu)). Num tenho mai casa, mai p.... nenhuma. Pareço um Zé Ninguém. Uma cachorra que todo mundo lambe no meio da rua ((silêncio de oito minutos e dezesseis segundos)). Veja o estado qu'eu tô ((silêncio de nove minutos e onze segundos)). Vou brincá o São João em Caruaru, eu e minhas amigas. Vamo butá pra f.... a gente vamo na quinta-feira e, como é que se dii, eu nem seio se volto. Se eu arrumá um home por lá que me queira, eu tô ficano.

L7. Como vocês vão à Caruaru?

R7. De carona sabe? Tem uns camioneiro que a gente conheceu, que prometeu que vai levá a gente tudinho ((silêncio de oito minutos e trinta e quatro segundos)). Ele tamém já me cumeu já. Mai é muito fraco, tem uma r... tão piquena, só tu veno ((silêncio de quatro minutos)). A pessoa nem sente sensação, nem dá tempo, o cara é rim de cama mermo, só serve mermo pra dormi e roncá. Ele me disse que toma muito arribite. Ele goza logo e só qué que a pessoa c.... ele. E, além disso, qué cumê o c. da gente. Qué g.... no meio dos peito. Eu nunca vi disso. A senhora acha que fai mal a pessoa dá o c.? Prejudica a mulé? Eu num sinto p.... nenhuma dano o c., mai os cara adora. Minhas colega disseram que cum elas é assim tamém ((silêncio de cinco minutos e quatro segundos)). Eu tô cum a minha b..... toda f..... Tá escorreno um negócio da cor de abacate e tem uma catinga de peixe cru. Será qu'eu peguei alguma doença braba, hein? Até meu c. tá coçano muito. Os bico dos meu peito tamém tá assim, desse jeito. Olhe, veja ((levantou a blusa e mostrou feridas, marcas e hematomas nas duas mamas)). Eu tô cum vergonha de tu, acho que tô fedeno muito. Fai muitos dia qu'eu num tomu banho, só me lavo-me. Eu num seio como os home ainda qué negócio cum eu. Se eu num me encontrá mai cum tu, vou senti muita saudade dessas nossa cunversa. Eu aprendi muito cum a senhora, num sabe? ((levantou-se, ajoelhou-se próximo a cadeira que eu estava sentada, recostou a cabeça no meu colo e chorou profundamente por cinqüenta e dois minutos e doze segundos)). Obrigado por tudo que a senhora fei por eu. Eu nunca vou esquecé de tu, vi?

Confirma ser a rua, o seu lugar, pois a menina na rua transformou-se em definitivo em mulher de rua. É uma condição de farrapo humano: sem casa, sem ser ninguém, parecendo ser uma cachorra abandonada e silenciada. Olha pra seu estado e se lamenta.

A companhia encontrada nesse momento de sua vida mortificada faz relação com um termo utilizado por Maingueneau, 2006, p.119 “Quadro participativo”. Por este definido como

os participantes de uma interação podem ser não somente dois e seus papéis, no decorrer da troca, podem variar. Goffman distingue, então, os *participantes confirmados*, aqueles que estão diretamente implicados na interação, e as testemunhas, que ouvem, mas estão fora do jogo interlocutivo. Dentre esses últimos, alguns são identificados como tais pelo locutor, enquanto que outros escutam sem que ele o saiba. O locutor fornece, em geral, aos *participantes confirmados* (pela posição de seu corpo, o olhar...) indícios que mostram que se dirige, de fato, a participantes que não constitui como tais em sua atitude.

A alternativa são as festas nas quais possa exagerar no comportamento hedônico, tanto com drogas como com sexo. No momento, existem as festas juninas de Caruaru e isso parece ser mais violência do que lazer. O corpo fragilizado, já tão abusado e vilipendiado parece ter se entregue. O discurso não é erótico, é desprovido de subjetividade humana. São apenas apelações corporais cuja comunicação verbal também se torna instrumento de violência diante da brutalidade da narrativa sobre secreções seminais e purulentas. Entrega-se a um homem mais velho e menos dotado do que Bio. O caminhoneiro é “fraco” e a dor existe apenas se for pedida uma forma não convencional de sexo.

A pesquisadora torna-se “conselheira” sobre os riscos dessa prática não convencional, mas não escuta a resposta, porque agora parece que o pensamento

está sem controle. Despede-se ajoelhada, tentando proteger ambas as vidas e chora longamente, a despedida e talvez por toda a dor que ainda que não foi dita, ou seja, o sofrimento silenciado por toda a sua pouca vida, tanto cronológica quanto amorosamente.

Constatam-se, nessa entrevista, referências verbais quanto ao EU:

- 1 – Desejo de vingar o genitor matando o padrasto (R3: eu vô ti *matá* desgraça).
- 2 – Desejo que os homens contraíam doença sexualmente transmissível (R4: eu quero que todos ele pegue);
- 2 - Estar na rua (R4: tô na rua *derna* daquele dia; R4: eu e umas colega);
- 3 – Presença de doença sexualmente transmissível (R4: eu *tô* cum um *escorrimento*; R7: eu *num* sinto p.... nenhuma dano o c.; R7: eu *tô cum* a minha b..... [prurido urogenital]; R7: será qu'eu peguei alguma doença *braba*);
- 4 – Perplexidade com o estado atual (R6: qu'eu ia *chegá* a *ficá* desse jeito;
- 5 - Necessidade de amparo (R6: se eu *arrumá* um *home* por lá que me queira, eu *tô ficano*);
- 6 – Ausência de higiene (R7: *fai* muitos dia qu'eu *num tom*u banho, só *me lavo-me*; R7: eu *num seio* como os home ainda *qué* negócio *cum* eu);
- 7 - Saudade (R7: vou senti muita saudade dessas nossa *cunversa*);

No que se refere ao TU:

- 1 - Segurança na entrevistadora (R4: ainda bem que tu tá aí; R4: tu tá *sentino* a *catinga* (odores); R7: só tu veno; R7: a senhora acha que *fai* mal a pessoa dá o c.?.; R7: obrigado por tudo que a senhora *fe*i por eu).
- 2- Sentimento de vergonha (R7 [eu *tô cum* vergonha] de tu).
- 3- Saudades (R7 [sentirá saudades se EU] *num* me *encontrá mai cum* tu)

4 - Aprendizado com a entrevistadora (R7: eu aprendi muito *cum* a senhora).

5- Lembrança (R7: eu nunca vou *esquecê* de tu, vi?).

Em se tratando da décima entrevista, observaram-se os seguintes silêncios e situações, igualmente em ordem decrescente:

1º (R4: 45m) Informa estar com doença sexualmente transmissível e expressa o desejo que todos os homens sejam contaminados.

2º (R2: 32m) Sentimento de estar f.....

3º (R5: 31m 10s) Responde que está morando “por aí”.

4º (R6: 30m) Afirma que a “rua é o seu lugar”.

5º (R4: 12m 12s) Afirma que está na rua com umas colegas desde “aquele dia” pintando miséria.

6º (R6: 9m 11s) Pede para que a entrevistadora veja o estado que a adolescente se encontra.

7º (R7: 8m 34s) Informa que ela e suas colegas irão para uma festa junina em outra cidade do interior, de carona com uns caminhoneiros.

8º (R6: 8m 16s) Percebe-se como uma “cachorra que todo mundo lambe”.

9º (R7: 4m) Menosprezo pela performance sexual de um dos caminhoneiros.

10º (R7: 5m 4s) Traz à tona as conversas com as colegas sobre a má performance sexual dos caminhoneiros.

Como conclusão, a entrevistadora escuta da adolescente que “a rua é o seu lugar”, conotando o seu rito de passagem. O valioso silêncio de três horas e vinte segundos parece expressar todos os sofrimentos sofridos, bem como todas as perdas. E, nesse caminhar “sem destino” encontra guarida em alguns

caminhoneiros que parecem se aproveitar da “inocência” da menina/mulher na/de rua.

Trata-se de uma menina que era “falante” e que foi submetida a uma “política de silenciamento” chegando a se constituir como consumidora de drogas e objeto de consumo como mercadoria sexual. Dessa forma, o referido silêncio parece se caracterizar mais como constitutivo desse (a)sujeito, silenciado também pela morte do genitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É inegável a presença de VDCA na biografia da adolescente. Parece que o principal protagonista foi a genitora, através de várias formas de violência e da anuência do padrasto. Em se tratando do pai, escutava mais a madrasta da adolescente, e ele mesmo foi vítima de violência social.

Esta biografia é um retrato doloroso da prática da negligência, da violência psicológica, física e sexual, dirigida contra a mulher, vítima de verdadeiro “*apartheid*”, a reproduzir no espaço doméstico a violência do espaço da estrutura social. Entre as estratégias de sobrevivência com a “feminilização da pobreza” parece, no caso estudado, a utilização da filha como prostituta enquanto fonte de renda e de serviços.

Portanto, há uma participação de fatores como pobreza, drogas, prostituição, entre outros. Igualmente podem ser observados poucos indícios de políticas para o seu enfrentamento. Existem ações ligadas a casas abrigo e as Organizações Não-Governamentais que se dispõem a assistir esses sujeitos de

direitos e cidadãos do futuro que se encontram em situação de risco e extremas necessidades, exclusão e vulnerabilidade sociais.

Em relação aos enunciados do EU, eles apontam para maustratos da madrasta e da genitora; ser trocada de casa em casa; acolhida pela avó materna, morta em condições naturais, e parcialmente pelo genitor, assassinado pelo padrasto. Esse discurso aponta para um reconhecimento de que o lugar do EU é na rua, através de um ritual de expulsão onde seu corpo fora usado de forma vilipendiosa.

Em relação ao TU, a partir da quarta entrevista começam a surgir referências marcadas pelo reconhecimento de um suposto saber e desejo de proteção.

No caso do não dito, havia expectativa de que o silêncio local, marcado pela censura impedisse a narrativa da violência doméstica e sexual. Considerada como “falante” desde a sua infância, a adolescente escancarou a temática, muitas vezes através de uma linguagem chula, parecendo emblemática da cultura na qual a mesma se encontrava inserida, a cultura das meninas/mulheres na/da rua.

O que se observou, posteriormente, foi um aumento progressivo do silêncio denotando uma mortificação de quem foi submetida a uma política de silenciamento. Provavelmente, pela impossibilidade de reagir, este silêncio se coloca como constitutivo de um (a)sujeito.

Dessa forma, ao escutar a história de vida da adolescente pesquisada fica gritante a participação de uma grave problemática social, especificamente no que diz respeito às crianças e aos adolescentes. À medida que se materializava e acontecia a análise do material discursivo, o texto, e o respectivo contexto gritava,

mais uma vez se pensando na premente necessidade de efetivação de políticas públicas e sociais mais eficientes, eficazes e efetivas.

A análise desse dito e desse não-dito na violência doméstica e social contra criança e adolescente corrobora com algumas noções da Ciência da linguagem ao analisar uma história de vida de uma menina de apenas de dezesseis anos de idade, deixando claro que a deterioração das relações interpessoais, a distorção que muitas vezes atravessa a dimensão do erótico e a extrapolação do poder adultocêntrico, assim como a banalização da violência, tornam a VDCA tão corriqueira que não é possível pensá-la como categoria única.

Metodologicamente tratou-se das categorias de abuso, demonstrando não existir o físico sem o psicológico, e muito menos sem o social, todos eles mediatizados pela linguagem. Além disso, ficou evidente que o abandono é uma maneira de negligenciar, implicando aspectos emocionais e maus-tratos, na tentativa de compreender o fenômeno estudado numa perspectiva de maior complexidade.

De acordo com (KOCH, 2006, p.7):

a linguagem humana tem sido concebida, no curso da História, de maneiras bastante diversas, que podem ser sintetizadas em três principais: a) Como representação (“espelho”) do mundo e do pensamento; b) Como instrumento (“ferramenta”) de comunicação; c) Como forma (“lugar”) de ação ou interação.”

Nessa perspectiva também pode-se “representar”, usando como “espelho”, o mundo vivido pela menina na rua, seus pensamentos e devaneios; numa

segunda, observa-se em sua linguagem um meio, uma “ferramenta” de estar/ser no mundo comunicacional; e por último, a utilização deste dito e não-dito como uma “forma” de “ação” e de “interação”.

Relevante observar algumas repetições e parafraseamentos no discurso da adolescente entrevistada. São fenômenos recorrentes num texto falado, podendo desempenhar nele diversas funções de “reparo” como de “argumentação”, ainda de acordo com o pensamento de Koch (2006).

Enfim, essa costura pode ser decorrente de se tratar de um discurso de um sujeito “assujeitado”. Sua vida circulando em torno da polissemia do “negócio”, a significar órgãos genitais, relações sexuais, objetos e utensílios de uso pessoal, entre outros.

Podem ser pensadas duas passagens. A primeira da mudança da preposição “de” para a preposição “em”. Num caso, fala-se de menina de rua o que se caracteriza num modelo ontológico, destacando uma determinada essência depositária de todo preconceito e estigma. Sendo objeto de adjetivos acusatórios parece que magicamente purifica a alma dos acusadores. Por outro lado, abordar a condição de menina na rua, aponta-se para um aspecto contextual que marca a trajetória histórico-familiar-social da infância e juventude no Brasil.

Fazendo um paralelo com a “célebre metáfora do jogo de xadrez” (KOCH, op.cit., p.8), nos cabe associar o tabuleiro à vida mortificada da menina na rua/mulher de rua, já as peças embaralhadas e percorrendo o tabuleiro, associadas às suas idas e vindas nas casas dos seus parentes e aderentes e, por último, as regras do jogo, como sendo as imposições e ordens advindas desse tabuleiro aqui cognominado por vida.

Um dos conceitos de discurso na lingüística trazidos para essa dissertação, o de enunciado, remete a “manifestação concreta de uma frase, em situações de interlocução” (KOCH, idem, p.11).

Dessa forma, procurou-se configurar como foi sendo construído o atual quadro apresentado no relato destacado, objetivando dar voz ao sujeito pesquisado, assim como exaltar os assujeitados nas situações devastadoras que decorrem dos abusos sofridos.

Algumas das representações, das práticas e das diversas ações como da família, da sociedade civil organizada, das organizações, do Conselho Tutelar e demais profissionais e agentes que manejam com a infância e adolescência foram tratadas nesta dissertação como forma de apresentá-los em seu entrelaçamento e implicações. Uma adequada interação seria necessária para uma melhor efetivação dos direitos da criança e do adolescente, sujeitos em condição especial de desenvolvimento e paradoxalmente tratados nas práticas cotidianas das famílias abusivas e incestogênicas, como seres assujeitados.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Mania de bater**: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Iglu, 2001.

_____. **Crianças vitimizadas**: a síndrome de o pequeno poder. São Paulo: Iglu, 1989.

_____. **Módulos do LACRI/IPUSP**. São Paulo: 2001.

AUSTIN, J. L. **Quand dire, c'est faire**. Paris: Éd. du Seuil, 1970.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer – palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BELINE, R. A variação lingüística. *In*: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à lingüística**. I Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2005.

CHAUÍ, M. **Participando do debate sobre mulher e violência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

Benveniste, E. **Genèse du terme scientifique**. Paris: Gallimard, 1974.

_____. **Problemas de lingüística geral I e II**. São Paulo: Nacional, 1977.

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico**. São Paulo: Loyola, 2000.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes**: um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília: Ministério da Saúde. 2002.

CABRAL, A.; NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1989.

CARIOLA, T. C. **A posição da criança vítima de maus-tratos na constelação familiar**. *Pediatria Moderna*, 1995.

CASTRO NETO, A. **A criança maltratada**. *Pediatria Moderna*, 1994.

CENTRO DE PESQUISA E ASSESSORIA – **FIOCRUZ**, 1989 - <http://www.claves.fiocruz.br> ACESSO EM 30/11/2005.

COURTINE, J. J. **Quelques problèmes theoriques et methodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens**. *Langages*, n. 62, juin. 1981.

DAVILOLO, A.; OGIDO, R. **A negligência como forma de violência contra a criança e a importância da atuação médica**. *Jornal de Pediatria*, 1992.

DAMAZIO, A. R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DELGADO, L. F.; FISBERG, M. **Síndrome do bebê espancado**. *Pediatria Moderna*, 1990.

DESLANDES, S. F. **Prevenir a violência – um desafio para profissionais de saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FIORIN, J. L. **Introdução à Lingüística I: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 2005.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GELLES, *In: Módulo 2/LACRI*, 1979, p.11.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GOMES, R. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2000.

GIL, E. **A book for and about adults abused as children**. San Francisco, Launch Press, 1984.

_____. *In: Módulo 2/LACRI*, 1969, p.10.

GREEN, A. **Narcisisme de mort, narcisisme de vie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

- ILARI, R. & GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 2005.
- JUNQUEIRA, M. F. **Abuso sexual da criança**: contextualização. Pediatría Moderna, 1998.
- KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LIPPI, J. R. **Maltrato**: um grave problema humano. *In*: Krynski, S. et al. A criança maltratada. São Paulo: Artmed, 1985.
- MALDONADO, M. T. **Os construtos da paz**. Caminhos da prevenção da violência. São Paulo: Moderna, 1997.
- MAINGUENEAU, D. **Termos chaves da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- _____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- 2006.
- MALINOWSKI, B. The Problem of Meaning in Primitive Languages. *In*: OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A. (eds). **The Meaning of Meaning**. London, Harcourt Brace & Co, 1923.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2001.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MINAYO, M. C. de S. **Inequality, violence and ecology in Brasil**. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 10, n.2, abr/jun. 1994.
- MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. História, ciência e saúde – Mangueiras, IV (3): 513-531, nov. 1997 – fev. 1998.
- _____. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.
- _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MUZA, G. M. **A criança abusada e negligenciada**. Jornal de Pediatria, 1994.

OLIVEIRA, M. H. P. **Lembranças do passado**: a infância na vida dos escritores brasileiros. Bragança Paulista, USF, 2001.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

PAVEAU, M. A.; SARFATI, G. E. **As grandes teorias da lingüística**: da gramática comparada à pragmática. São Paulo: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: UNICAMP, 1969.

RAMOS, G. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

SAFFIOTI, H. **A Mulher na Sociedade de Classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1988.

SANTOS, H. O. **Crianças espancadas**. Campinas: Papyrus, 1987.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

VANOYE, F. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VELHO, G. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. *In*: **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEEDWOOD, B. **História concisa da lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

ZAGURI, T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.